



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Patrícia Pereira Batista

Blogar por quê? Por que blogar?

Rio de Janeiro

2010

Patrícia Pereira Batista

Blogar por quê? Por que blogar?

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B333 Batista, Patrícia Pereira.
Blogar por quê? Por que blogar? / Patrícia Pereira Batista. – 2010.
134 f.

Orientador: Márcio Souza Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação social – Teses. 2. Inovações tecnológicas – Teses. 3.
Diários – Teses. 4. Autobiografia – Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.
III. Título.

br

CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Patrícia Pereira Batista

Blogar por quê? Por que blogar?

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Aprovada em 31 de março de 2010.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Fátima Cristina Régis Martins de Oliveira

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Maria Paula Sibilia

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2010

DEDICATÓRIA

A todos que têm ou tiveram um blog/diário.

AGRADECIMENTOS

A Márcio Souza Gonçalves, meu orientador, pela grande ajuda na concepção deste trabalho e por praticamente tudo o que aprendi a respeito de metodologia científica até hoje.

A meus pais, que sempre incentivaram e deram suporte a minhas escolhas educacionais.

A meu noivo, Bruno Schneider, que fiscalizou meu trabalho dia a dia, cuidou pra mim de toda a parte tecnológica e entendeu minha falta de tempo nos últimos meses mais do que eu mesma.

Aos amigos do mestrado, por compartilharem comigo muitos bons momentos e também períodos de ansiedade, pelos palpites e pelas dicas sobre blogs.

A Vinícius Andrade Pereira, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj, que me levou ao tema ao dar dicas, lá atrás, sobre o projeto.

A Daniela Muzi, por ter me informado sobre uma oficina de diários, sem a qual esta dissertação seria outra.

A Sérgio Barcellos, pelas aulas na oficina de diários e pelas dicas e referências.

Nem Freud

Tava dando uma olhada no meu blog e pensando por que eu tô há um ano escrevendo um diário adolescente na Internet. Me bateu aquela sensação: que coisa mais babaca! Pensa só como é totalmente nonsense e umbilical alguém ficar contando sua vida na Internet. Não vou entrar no mérito de quem lê porque eu também sou voyeur ao ponto de ler sobre a vida alheia. Mas, na boa, tirando os amigos (e foram muitos) que eu fiz através disso aqui, não faz muito sentido. Eu podia perfeitamente ter escrito isso na velha agenda adolescente. Não teria o diálogo, que é rico muitas vezes, mas que também não é pra ser feito desse jeito, com desconhecidos. Seria muito mais coerente com o que eu penso fazer disso aqui um espaço ficcional onde alguma obra minha fosse foco e não a minha vida. E uma vida igual à de todo mundo. Sem glamour, sem nada de diferente ou especial. O que leva alguém a passar um ano falando diariamente, para um número razoável de pessoas, de si? Ou é muita carência ou é muito egocentrismo. Porque se fosse só falta do que fazer, eu arrumava coisa melhor. Ah, sei lá. Essa é mais uma das coisas de que eu vou rir daqui a um tempo e que jamais vou entender porque fiz.

Publicado no blog Ana by Ana, em 18 de novembro de 2002

<<http://donana.blogspot.com>>

RESUMO

BATISTA, Patrícia Pereira. *Blogar por quê? Por que blogar?*. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O objetivo do presente estudo é responder à pergunta: o que leva alguém a escrever sobre a própria vida íntima e dar publicidade a isso em blogs? Antes de fazer a análise que leva à resposta para essa pergunta, como subsídio para o estudo, foi preciso definir o que é um blog e especificar o que seria, dentro dessa categoria, um blog de escritos pessoais, neste trabalho denominado como blog confessional. Também foi feito um panorama de outras formas de narrativa de si encontradas na história desde a Antigüidade, já que os blogs confessionais têm certas semelhanças com essas modalidades de escrita. Para obter a resposta sobre quais seriam as motivações para a escrita de blogs confessionais, foi feito um levantamento dessas motivações encontradas em estudos de pesquisadores da cibercultura atuantes no Brasil que tiveram essas páginas virtuais como tema e uma pesquisa empírica em que analisou-se o discurso dos próprios blogueiros que mantêm páginas pessoais na Internet e o conteúdo de seus blogs. Foi constatado que há um grupo de motivações sempre presentes a impulsionar essa prática, como a catarse, o desejo de dar visibilidade à própria vida, o uso do blog como espaço de livre expressão e o desejo de ter os seus textos lidos pelo outro, e outras motivações mais esporádicas. Dessas, as mais recorrentes foram o desejo de se tornar escritor, ser uma forma de construção do “eu”, um motivador da própria vida fora do mundo virtual e usar o blog como fonte de entretenimento.

Palavras-chave: Blog. Escrita auto-referente. Diário. Gênero autobiográfico.

ABSTRACT

BATISTA, Patrícia Pereira. Why do people write blogs?. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

The aim of this study is to answer the question: what makes someone to write about their own inner life and to publicize it in blogs? Before doing the analysis that leads to the answer to this question, it was necessary, as an input to the study, to define what a blog is and specify what it is a personal blog, also called on this work as a confessional blog. Since confessional blogs have certain similarities with other rules of writing found in History from ancient times, an overview of these other forms of narrative was made. To get the answer on what are the motivations for writing confessional blogs, a survey of these motives, found in studies of Brazilian researchers on cyber culture that have these virtual pages as a theme and a empirical research that analyzed the discourse of bloggers who maintain personal web pages and the content of their blogs, was made. It was noted that there is a group of motives always present to promote this practice such as catharsis, the desire to give visibility to their lives, the use of the blog as a space for free expression and the desire to have their text read by others, besides of other motivations more sporadic. Of these, the most frequent were the desire to become a writer, be a form of ‘self’ construction, a motivator of life outside the virtual world and use the blog as a source of entertainment.

Keywords: Blog. Self-referential script. Diary. Autobiographical genre.

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|----|
| | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 | BLOG E A ASSOCIAÇÃO COM DIÁRIOS ÍNTIMOS | 13 |
| 1.1 | Origem: do <i>weblog</i> ao “blogar” | 13 |
| 1.2 | Três gerações de blogs | 14 |
| 1.3 | Blogs confessionais | 16 |
| 1.4 | Diários íntimos: características e história | 19 |
| 1.4.1 | <u>Características dos diários</u> | 20 |
| 1.4.2 | <u>Motivações para a escrita de diários íntimos</u> | 21 |
| 1.4.3 | <u>História dos diários íntimos</u> | 24 |
| 1.5 | Blog confessional é diário íntimo <i>online</i>? | 27 |
| 1.5.1 | <u>Surgem interlocutores</u> | 28 |
| 1.5.2 | <u>O íntimo é tornado público</u> | 30 |
| 1.5.3 | <u>Texto apresenta novo formato</u> | 33 |
| 1.5.4 | <u>Aparece a censura</u> | 33 |
| 1.5.5 | <u>Muda o suporte material</u> | 35 |
| 1.5.6 | <u>Perde-se a aura do “caderno único”</u> | 36 |
| 1.6 | Outras formas de auto-relatos | 37 |
| 1.6.1 | <i>Hypomnêmata</i> | 41 |
| 1.6.2 | <i>Livres de raison</i> | 42 |
| 1.6.3 | <u>Autobiografias e memórias</u> | 42 |
| 1.6.4 | <u>Cartas</u> | 45 |
| 1.6.5 | <u>Ensaios</u> | 46 |
| 1.6.6 | <u>Diários íntimos</u> | 47 |

| | | |
|-------|---|----|
| 1.6.7 | <u>Blogs confessionais</u> | 48 |
| 2 | POR QUE SE <i>BLOGA</i>, ESTADO DA ARTE | 50 |
| 2.1 | Reflexo da exacerbação da privacidade | 51 |
| 2.1.1 | <u>Histórico da relação público/privado</u> | 52 |
| 2.1.2 | <u>Privacidade exposta na rede</u> | 55 |
| 2.2 | Novo posto ocupado pela visibilidade | 56 |
| 2.2.1 | <u>Visibilidade: de estorvo a desejo</u> | 57 |
| 2.2.2 | <u>Mostrar-se para “ser”</u> | 60 |
| 2.3 | Busca por singularidade e fama | 61 |
| 2.3.1 | <u>Do fazer ao ser – ou parecer</u> | 63 |
| 2.3.2 | <u>Artistas sem obra</u> | 65 |
| 2.3.3 | <u>Auto-estilização</u> | 66 |
| 2.3.4 | <u>Blog como legado</u> | 67 |
| 2.4 | Nova modalidade de literatura | 67 |
| 2.4.1 | <u>Rejeição dos blogueiros</u> | 69 |
| 2.5 | Suporte para publicação literária (ou meio de se tornar escritor) | 71 |
| 2.6 | Desejo de ser lido | 73 |
| 2.7 | Construção e expressão do “eu” | 74 |
| 2.8 | Catarse | 79 |
| 2.9 | Preservação da memória | 80 |
| 2. 10 | Forma de sociabilidade | 81 |
| 2. 11 | Reflexo do “presenteísmo” | 87 |
| 3 | POR QUE SE <i>BLOGA</i>, NA FALA DOS BLOGUEIROS E EM SEUS <i>POSTS</i> | 91 |

| | | |
|--------|--|-----|
| 3.1 | Metodologia | 91 |
| 3.2 | Os blogueiros e suas identidades virtuais | 94 |
| 3.3 | Grau de exposição de si | 98 |
| 3.4 | Fazem diário <i>online</i>? | 103 |
| 3.5 | Motivações para a escrita dos blogs | 104 |
| 3.5.1 | <u>Tornar visível a própria vida</u> | 104 |
| 3.5.2 | <u>Catarse</u> | 106 |
| 3.5.3 | <u>Espaço para exprimir-se com liberdade</u> | 107 |
| 3.5.4 | <u>Desejo de ser lido</u> | 109 |
| 3.5.5 | <u>Usar o blog como suporte livre para a escrita</u> | 111 |
| 3.5.6 | <u>Entretenimento</u> | 112 |
| 3.5.7 | <u>Motor para a vida “real”</u> | 113 |
| 3.5.8 | <u>Construção do “eu”</u> | 113 |
| 3.5.9 | <u>Auxiliar a memória</u> | 114 |
| 3.5.10 | <u>Servir como impulso profissional</u> | 114 |
| 3.5.11 | <u>Servir como plataforma para a defesa de uma causa</u> | 115 |
| 3.5.12 | <u>Sociabilidade</u> | 116 |
| | CONCLUSÃO | 119 |
| | REFERÊNCIAS | 123 |
| | ANEXO A - Páginas iniciais dos blogs analisados | 128 |

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é investigar o que leva alguém a escrever sobre sua vida mais íntima e dar publicidade a isso na Internet. A inquietação sobre tais motivações surge do espanto diante da constatação de que relatos intimistas publicados em blogs¹ têm uma representatividade tão forte na Internet a ponto de a imagem desses sites, como ferramenta que pode ser usada para diversos fins (jornalístico, literário, pedagógico, corporativo e, inclusive, diário pessoal), ser corriqueiramente associada à de diários íntimos *online*.

Para investigar quais são essas motivações se fará necessário, antes, caracterizar o que é um blog e qual a sua história. Isso para mostrar que os blogs formados por relatos pessoais são apenas uma das apropriações que se fez desta ferramenta – e a que se tornou mais popular e provocou a primeira explosão de blogs na rede.

O segundo passo será definir o que é considerado neste trabalho como sendo um blog de escritos íntimos, que passaremos a denominar “blog confessional”, e explicitar como surge a associação entre esse tipo de blog e os diários íntimos clássicos, aqueles de papel e que costumavam ser guardados em segredo. Em seguida, será descrito o que é um diário íntimo, listando suas principais características e alertando para o fato de que os diários também possuem uma história e que os diários íntimos são parte de uma categoria dentre muitas no diarismo. Serão, então, apontadas as principais semelhanças e diferenças entre os diários íntimos e os blogs confessionais.

Caberá ainda à presente pesquisa descrever outras formas de escritos auto-referentes, como os *hypomnêmata*, os *livres de raison*, e as modalidades pertencentes ao gênero autobiográfico – autobiografias, memórias, cartas, ensaios e mesmo os diários – para pôr em perspectiva a escrita de blogs confessionais, mostrando que a forma de narrativa existente nestas páginas virtuais compartilha de uma longa história em que o homem escreve sobre si mesmo. Diante disso, será feita uma discussão para tentar entender se os blogs confessionais são apenas um novo suporte para uma forma de escrita que vem desde a Antiguidade.

No segundo capítulo serão levantadas as principais motivações para a escrita de blogs confessionais encontradas em estudos de pesquisadores da cibercultura que têm os blogs como alvo. Uma a uma, elas serão apresentadas de acordo com a visão dos estudiosos que as apontam.

No terceiro e último capítulo, serão apresentados os resultados de uma pesquisa

¹ A palavra “blog” já está de tal forma integrada ao cotidiano dos pesquisadores e dos usuários brasileiros de Internet que optou-se neste trabalho por grafá-la com tipos normais, sem o uso de destaques, como itálico, aspas ou sublinhado.

empírica, qualitativa, feita com um grupo de autores de blogs confessionais. Para descobrir o que os move a criar e manter suas páginas virtuais foi aplicado um questionário e analisado o conteúdo de seus blogs. Da mesma forma que no capítulo anterior, será elaborada uma lista com as motivações encontradas e as explicações para as mesmas.

Na conclusão, será feita a comparação entre as motivações apontadas pelos estudiosos de blogs e as motivações encontradas na análise empírica realizada com o grupo de blogueiros. O objetivo é constatar se é possível verificar na prática as motivações encontradas na teoria e se há outras motivações ainda não mencionadas nos estudos existentes.

1 BLOG E A ASSOCIAÇÃO COM DIÁRIOS ÍNTIMOS

Origem: do *weblog* ao “blogar”

Hoje em dia, quem não tem ou não sabe de alguém que tenha um blog? Em pesquisa sobre o estado da blogosfera², o banco de dados *Technorati* (technorati.com) cataloga 133 milhões de blogs indexados desde 2002³. Segundo dados do site, 900 mil *posts*⁴ são publicados a cada 24 horas e, na lista “Top 10” dos sites de entretenimento, quatro deles são blogs. Os blogs constituem um fenômeno na Internet.

O termo blog é de origem americana e vem da abreviação de *weblog*, palavra formada pela contração de *web* (página na Internet) e *log* (diário de bordo, em que navegadores registravam os eventos das viagens). Em *weblog*, portanto, *web* representa a própria Internet e *log*, os registros que são publicados pelo usuário. O termo foi cunhado por John Barger, em 17 de dezembro de 1997, em seu site pessoal “Robot Wisdom Weblog” para referir-se a um conjunto de sites que listavam e divulgavam links interessantes encontrados na rede (LE MOS, 2002; ROCHA, 2003; SCHITTINE, 2004; AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2009). A abreviação, blog, só passou a ser usada no início de 1999. Foi uma brincadeira de Peter Merholz, que separou a palavra *weblog* em “we blog” na barra lateral de sua página (Peterme.com), criando a frase “nós blogamos”. O trocadilho acabou por instituir a palavra “blog”, o verbo “blogar” e o sujeito “blogueiro”⁵ (MALINI, 2008, p. 3).

Antes de os termos que designam essas páginas na Internet – *weblog* e blog – serem inventados, porém, já existiam tais tipos de sites. Há controvérsias sobre qual foi o primeiro blog. Dois americanos reivindicam o posto. Um deles é Justin Allyn Hall, com o site *Justin’s Links from the Underground*, publicado em janeiro de 1994. Na página da Internet, o jovem de 19 anos relatava, como uma espécie de diário, sua vida pessoal em detalhes, incluindo temas como suas bebedeiras, doenças sexualmente transmissíveis contraídas por ele e até o suicídio do pai. A outra americana é Carolyn Burke, com o site *Carolyn Diary* (www.carolyn.org), criado em janeiro de 1995, no qual escrevia sobre fatos cotidianos (FERREIRA e VIEIRA, 2007, p. 2). Outro na lista dos pioneiros do gênero é Claudio Pinhanez, com o site chamado *Open Diary*,

² Termo que representa o mundo dos blogs: o conjunto total destas páginas e a rede social formada por seus autores e leitores

³ Consulta feita sobre o estado da blogosfera em julho de 2009

⁴ É o conteúdo postado em um blog (texto, imagem e som)

⁵ Termo utilizado para designar aquele que escreve em blogs

publicado de novembro de 1994 a 1996.

Há, ainda, pesquisadores que consideram o primeiro *weblog* como sendo o primeiro *website*, o site construído por Tim Berners-Lee quando foi criada a *Web* (ROCHA, 2003, p. 75). Amaral, Recuero e Montardo explicam que isso ocorre porque houve uma época em que os *weblogs* eram muito semelhantes aos sites comuns da *Web*, tendo como função apontar novos sites que eram colocados no ar. “Talvez por conta dessa semelhança, autores como David Winer⁶ considerem como o primeiro weblog o primeiro site da web mantido por Tim Berners-Lee, no CERN” (2009, p. 28).

No Brasil, o *Blue Bus* (www.bluebus.com.br) é considerado como sendo o primeiro blog do país. Ele foi publicado em 1997 e continuou a ser atualizado até 2003 (FERREIRA e VIEIRA, 2007, p. 3). Mas a moda dos blogs, em território nacional, só começou a se desenvolver por volta do início do ano 2000 (SCHITTINE, 2004, p. 12). Segundo Sibilía (2008, p. 25), o Brasil já é o terceiro país mais “blogueiro” do mundo, sendo que dois terços dessas páginas são mantidos por pessoas que residem na região Sudeste.

As características necessárias para que um site na Internet seja considerado um blog são a presença de texto organizado em ordem cronológica reversa – o *post* mais recente aparece em primeiro lugar, no topo da página -, postagens datadas e atualizadas com certa frequência e a existência, quase sempre, de um espaço para comentários do leitor. Vale lembrar que o *post*, além de texto, pode trazer imagem e som.

As características listadas acima, consensuais entre estudiosos do tema, estão ligadas ao formato do blog, não ao seu conteúdo e finalidade. E são exatamente o conteúdo e a finalidade do material postado que irão provocar as maiores divergências e confusões a respeito do que é um blog. Desde que foram criados até os dias atuais, os blogs passaram por várias “fases” ou “ondas” em que certos tipos de conteúdos e finalidades predominaram. Três delas são as mais consolidadas e serão descritas a seguir.

1 Três gerações de blogs

Os primeiros blogs foram criados para listar e compartilhar links de páginas da *Web* consideradas interessantes por seus autores, “em geral acompanhados de impressões sobre o

⁶ <http://oldweblogscomblog.scripting.com/historyOfWeblogs>. Acesso em 12/01/2008

conteúdo das mesmas” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO; 2009, p. 103). Ou seja, os blogs eram páginas que indicavam outras páginas, fornecendo o link e fazendo comentários breves, e os *posts* consistiam em dicas de outros sites. “O post-link foi o primeiro gênero narrativo dos weblogs, ainda muito associado à cultura hacker (de troca de informação relevante)” (MALINI, 2008, p. 3).

Entre 97 e 99, como explica Malini (2008), predominaram os blogs caracterizados pelos “post-links”. Eles funcionavam como uma espécie de filtro, conduzindo seus visitantes sempre a outros sites. Era esta, por exemplo, a dinâmica do site “Robot Wisdom Weblog”, de Jorn Barger, criador do termo *weblog*.

Barger ficava o dia inteiro garimpando notícias, informações, casos etc, que publicava na forma de comentários breves com disponibilização dos links desses dados, sem a existência de mecanismos de conversação com o usuário (particularmente, os comentários). O modelo de Wisdom consistia em uma produção que mais atualizava links do que criava conteúdos próprios (posts – entradas compostas por textos, fotos, ilustrações, links). (MALINI, 2008, p. 2).

No período em que a hegemonia é de blogs desse tipo, que aqui considera-se como sendo de uma primeira geração blogueira, era preciso dominar a linguagem HTML para criar e manter tais páginas. A primeira mudança no perfil dos blogs vai estar associada ao avanço das ferramentas que permitem sua publicação.

É o que ocorre em 1999, quando em julho o *Pitas* (www.pitas.com) lança a primeira ferramenta de fácil publicação, em que o internauta não precisa conhecer a linguagem de programação HTML para criar e manter seus sites. É seguido pela *Pyra*, que lança, um mês depois, o Blogger (www.blogger.com) – que foi comprado pelo *Google* em 2004 (FERREIRA e VIEIRA, 2007; MALINI, 2008; AMARAL, RECUERO e MONTARDO; 2009). Com esses serviços, tornava-se automática e gratuita a publicação de blogs.

A facilidade tecnológica e a gratuidade fizeram com que muitas pessoas ingressassem na rede e passassem a criar suas próprias páginas. “A posterior agregação da ferramenta de comentários aos blogs também foi fundamental para a popularização do sistema” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO; 2009, p. 28).

Houve uma explosão de blogs, mas agora com um novo perfil. Como documentam vários autores (LEMOS, 2002; ROCHA 2003; AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2009), a tendência foi transformar essas páginas em diários pessoais, publicando relatos sobre a vida cotidiana e reflexões. Como tais ferramentas facilitaram a escrita de um pensamento ou de uma observação, muitas pessoas não se sentiram mais inclinadas a criar um link e escrever algo em torno dele e sim a publicar relatos pessoais (BLOOD, 2002, apud MALINI, 2008).

Esse primeiro *boom* dos blogs, em uma época em que foram usados predominantemente

para publicar relatos íntimos, marcou a imagem da ferramenta, que passou a ser associada unicamente a diários pessoais. Daí vem a comparação, corrente até os dias atuais, de blogs com os antigos diários de papel.

Com o passar dos anos e a apropriação feita pelas mais diversas pessoas, e com os mais distintos fins, os blogs perderam o perfil quase único de diário pessoal e se tornaram ferramentas com múltiplos conteúdos e finalidades: jornalístico, literário, corporativo, didáticos etc, o que caracteriza a terceira geração de blogueiros. Como explicam Ferreira e Vieira, os blogs ganharam status de um canal de comunicação, sendo utilizados em diversas áreas, como moda, jornalismo e até estratégia de marketing de empresas. “O blog hoje é uma moda presente na rede” (2007, p. 5).

Apesar da proliferação de tipos de blogs, com os mais variados conteúdos e finalidades, “ainda hoje, o uso do blog como um diário pessoal é apontado por muitos autores como o mais popular uso da ferramenta (vide, por exemplo, Oliveira, 2002; Herring, Scheidt, et al., 2005; Schmidt, 2007)” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 29).

A proposta deste trabalho é justamente investigar o que leva alguém a criar e manter este tipo específico de blog, composto por reflexões e relatos pessoais cotidianos e, por isso, associado aos antigos diários íntimos, de papel. Um perfil de blog que já não é mais o único na rede, mas que continua preponderante entre os blogueiros. Adota-se neste trabalho, para referir-se a tais páginas sem confundi-las com os múltiplos gêneros de blogs existentes na atualidade, o termo “blogs confessionais”, classificação que será especificada no tópico seguinte.

1. Blogs confessionais

Diante da diversificação de apropriações da ferramenta blog por seus usuários, no que considera-se aqui a “terceira geração” blogueira, e dos numerosos tipos de blogs que surgiram a partir de então, foram feitas muitas tentativas de se categorizar os blogs segundo seus conteúdos e finalidades. Uma delas é o método para a tipificação de gêneros de blogs criado por Alex Primo (2008), que divide os blogs em 16 categorias:

- a) Profissionais (profissional auto-reflexivo, profissional informativo interno, profissional informativo e profissional reflexivo)
- b) Organizacionais (organizacional auto-reflexivo, organizacional informativo interno, organizacional informativo e organizacional reflexivo)
- c) Pessoais (pessoal auto-reflexivo, pessoal informativo interno, pessoal informativo e pessoal

reflexivo)

d) Grupais (grupal auto-reflexivo, grupal informativo interno, grupal informativo e grupal reflexivo)

As categorias foram criadas levando-se em conta o caráter individual ou coletivo de produção do blog, o fato de ele ser voltado para a reflexão ou o relato, de ser referente ao mundo do trabalho ou ao mundo da vida e de ser relativo ao mundo interior ou externo de seu autor(es). Como as 16 categorias surgiram do intercruzamento desses quatro eixos da vida, parece que conseguem abarcar o universo dos diferentes tipos de blogs existentes, sem abrir margem para categorias pouco específicas, freqüentemente nomeadas de “outros”, que costumam ser criadas para reunir os tipos de blogs que sobram no conjunto de certas categorizações.

| | | INDIVIDUAL | | COLETIVO | |
|--------|---------------------|-------------------|---------------|-------------------|----------------|
| | | Profissional | Pessoal | Grupal | Organizacional |
| DENTRO | Auto Reflexivo | 1 | 5 | 9 | 13 |
| | Informativo Interno | 2 | 6 | 10 | 14 |
| | Informativo | 3 | 7 | 11 | 15 |
| | Reflexivo | 4 | 8 | 12 | 16 |
| | | MUNDO DO TRABALHO | MUNDO DA VIDA | MUNDO DO TRABALHO | |

Vertical axis labels: DENTRO (top), FORA (bottom), REFLEXÃO (top), RELATO (middle), REFLEXÃO (bottom).

FIGURA 1 – Matriz para tipificação de blogs⁷

O que se denominam “blogs confessionais” neste trabalho são os blogs classificados por Primo (2008) como pessoais auto-reflexivo, informativo interno e reflexivo, ficando de fora de nosso enquadramento, dentro do grupo dos blogs pessoais de Primo, os pessoais informativos.

De acordo com a categorização do autor, os pessoais auto-reflexivos são aqueles blogs

⁷ Figura reproduzida do artigo “Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa” (PRIMO, 2008, p. 2). Os números mencionados na figura não são relativos à avaliação feita no presente trabalho.

individuais voltados para “a manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre sua vida cotidiana” (p. 7). Primo explica que *posts* neste gênero de blog podem até tratar do trabalho do autor e de seus colegas profissionais, desde que tais atividades relatadas sejam mais um aspecto da vida do blogueiro e não o foco ou tema principal, diferenciando esses *posts*, por exemplo, dos encontrados nos blogs profissionais.

A segunda categoria – a dos blogs pessoais reflexivos-, é descrita, de acordo com Primo, como sendo a dos blogs individuais nos quais “o blogueiro comenta as informações que recebe, analisa criticamente as notícias da mídia e demonstra suas opiniões sobre produtos culturais (livros, filmes, músicas, exposições, etc.)” (2008, p. 7). Inclui-se tal gênero de blog como sendo representantes dos aqui chamados “blogs confessionais” porque, apesar de serem alimentados por fatores externos – ações e produtos de outras pessoas e organizações ou sobre a atuação de governos, políticos, esportistas, etc, como descreve Primo –, esses fatores apenas servem de material para que o autor faça suas próprias reflexões e registre suas observações acerca do mundo que o rodeia, à moda dos antigos diários íntimos, de papel. Nos blogs pessoais auto-reflexivo, a “reflexão do blogueiro volta-se principalmente ‘para dentro’, para a própria existência” (2008, p. 7), já nos pessoais reflexivos, as reflexões têm como ponto de partida ações e produtos com os quais se depara no mundo externo.

E, como ressalta Primo, ainda que os *posts* dos blogs pessoais reflexivos tratem de temas como cinema, literatura e política, “quem fala aqui é o sujeito comum, não um especialista em determinada área. Ou seja, os *posts* não se baseiam em argumento de autoridade” (2008, p. 7), o que diferencia esses blogs dos profissionais voltados para os mesmos temas. “Como a voz no blog não se apresenta como aquela de um expert (mesmo que o blogueiro o seja em determinado segmento), as opiniões não são formatadas estrategicamente” (2008, p. 7), o que lhes retira os objetivos profissionais.

O blog pessoal informativo interno, também individual, tem *posts* dedicados principalmente ao “simples relato das atividades do blogueiro (projetos pessoais, passeios, eventos sociais, etc.). [...] Consta basicamente de um registro do que fez, viu ou leu” (Primo, 2008, p. 7). Primo os diferencia dos pessoais auto-reflexivos por não apresentarem a perspectiva crítica ou as reflexões do autor sobre suas ações, desejos e dificuldades.

Os pessoais informativos foram excluídos do recorte deste trabalho porque são descritos por Primo como sendo aqueles blogs que apenas registram as informações que despertam o interesse do blogueiro. São blogs utilizados “como coleção pessoal de textos (incluindo vídeos e imagens) reproduzidos de outros lugares, ou como forma de registro de resenhas e links para tais documentos” (Primo, 2008, p. 7). Ou, como menciona o próprio pesquisador, são uma

espécie de “repositório de informações para uso futuro ou simplesmente para compartilhar os interesses atuais do autor” (Primo, 2008, p. 7). Esse perfil, ao contrário das outras três categorias listadas no grupo dos blogs pessoais por Primo, não coaduna com o dos blogs aqui estudados, ou seja, aqueles que surgiram com a “segunda geração” de blogueiros e ainda hoje são hegemônicos na rede e que se caracterizam por *posts* constituídos de reflexões sobre si, sobre os outros e sobre o mundo e de relatos das próprias ações cotidianas.

Também foram excluídos de nosso recorte os blogs grupais, ainda que muitos deles tenham características semelhantes aos pessoais analisados em nosso enquadramento. Isto porque, como são escritos por mais de uma pessoa, mesmo que cada *post* individual reflita a opinião particular de cada um, os temas são condicionados por interesses compartilhados, desviando do perfil estudado.

Sendo assim, faz-se um recorte do que neste trabalho denominam-se “blogs confessionais” usando como critério as três categorias acima mencionadas: pessoais auto-reflexivo, informativo interno e reflexivo. Vale lembrar que é muito freqüente as características que singularizam cada uma das três categorias aparecerem mescladas nos blogs que serão analisados neste trabalho.

Esses blogs, pelo conteúdo de seus *posts*, voltados para reflexões e relatos cotidianos, são associados aos antigos diários íntimos, escritos em papel. Recuero (2003) chega a denominá-los “Diários eletrônicos”: “São os *weblogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários” (RECUERO, 2003, p. 3).

É importante ressaltar que “diário” não é um gênero homogêneo. Há diários íntimos, diários de viagem, diários etnográficos, diários de bordo etc. O diário íntimo, que tem semelhanças com os blogs confessionais, é apenas um dos tipos existentes – e talvez o que tenha se tornado mais conhecido – e não deve ser generalizado na história do diarismo. Analise-se, a seguir, as características dos diários de forma geral, as especificidades do diário íntimo, sua história e como chegou até nós na atualidade.

1.4 Diários íntimos

O que é um diário? Quem responde é Philippe Lejeune, reconhecidamente o maior estudioso do gênero: “É muito simples, no papel, no computador, escrevemos a data, o que estamos fazendo, sentindo, pensando. Nenhuma forma é imposta, nenhum conteúdo é obrigatório” (LEJEUNE, 2008, p. 283). O pesquisador explica que cada um inventa o próprio

caminho, que há, talvez, modelos, mas não regras.

De acordo com Lejeune, todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. “A forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo” (LEJEUNE, 2008, p. 261). Barcellos (2009, p. 65) acrescenta que o *como*, o *quando* e o *quê* ficam à escolha do diarista. Apesar de toda essa liberdade e falta de padrões rígidos, há traços recorrentes que permitem enquadrar certos textos como sendo diários.

1.4.1 Características dos diários

Para Lejeune, o que todo diário tem em comum é o fato de ser descontínuo, lacunar, alusivo, redundante, repetitivo e não narrativo (2008, p. 286). Sobre esse último quesito, o pesquisador francês adverte que cada seqüência conta, mas não é construída como uma narrativa com começo, meio e fim. O caráter alusivo existe porque qualquer das páginas do diário contém “em suspenso, mas apenas para aquele que a escreveu, toda uma 'referência' à qual ele próprio, aliás, só tem acesso através dela e que não existe para nenhum outro leitor” (LEJEUNE, 2008, p. 285). Quem escreve – e só esta pessoa – pode vir a utilizar a leitura desses textos para se lembrar do que narrou e também de algo mais além do que está explicitamente escrito.

Além disso, o diário é, de acordo com Lejeune, uma lista de dias. “A base do diário é a *data*. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever. [...] Chamamos 'entrada' ou 'registro' o que está escrito sob uma mesma data. Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Apesar de o nome, “diário”, remeter a dia a dia, o tempo de registro pode ser mais espaçado, mas sempre anotado. Isso porque o diário é uma escrita fragmentária, que aos poucos vai compondo uma unidade. Porém, “uma unidade jamais acabada, sempre em 'composição'.” (BARCELLOS, 2009, p. 76).

Os registros de diários tratam de um presente quase imediato. Os eventos narrados são bastante próximos do período da escrita. E o diarista escreve ignorando o futuro e o desenrolar daquele evento, de modo que cada registro forma uma totalidade em si mesmo. Traço que diferencia os diários, por exemplo, das memórias e das autobiografias, que fazem uma leitura retrospectiva do passado e organizam as histórias no tempo. O diário é, neste sentido, uma escrita mais fragmentária, explica Barcellos (2009, p. 80-81).

Lejeune é bem enfático quanto à relação do diário com o tempo presente e a descontinuidade das narrativas. Segundo ele

Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia. (LEJEUNE, 2008, p. 260).

Outro traço que parece marcar o diário – apesar de haver exceções – é ser uma escrita voltada para o consumo de seu próprio autor e mantida em segredo, longe do olhar dos outros. De acordo com Goulemot, o diário não é escrito para publicação. “Quando esta ocorre é bem mais tarde e quase por acidente. Ao contrário das memórias, que desde o início visam a um público e a ele se destinam” (2009, p. 382).

Lejeune concorda ser o diarismo uma atividade discreta, feita longe do olhar dos outros e mesmo de forma escondida (2008, p. 257). E Paula Prange lembra que seus autores costumam tomar certos cuidados para que os textos não sejam lidos. Ela menciona os cadeados, muito comuns nos cadernos de capa dura vendidos nas livrarias para a prática do diarismo, para ilustrar a preocupação dos escritores em preservar em sigilo seus textos (PRANGE, 2003, p. 35).

O diário também guarda certa aura por sua unicidade, de acordo com Lejeune. “Assim como as obras de arte, o diário só existe em um único exemplar” (LEJEUNE, 2008, p. 260). São personalíssimos. Aliás, o diário tem sempre um “eu” que impulsiona a escrita. É uma escrita sobre si ligada a algum aspecto do cotidiano de seu autor (BARCELLOS, 2009, p. 76).

Atividade pessoal e discreta, normalmente é passageira ou irregular. Segundo Lejeune, costuma-se manter um diário durante uma crise, uma fase da vida ou uma viagem. “Começamos, largamos, reencontramos o diário...” (LEJEUNE, 2008, p. 257). Ter um diário para acompanhar um certo momento vivido pode ser visto como uma das motivações para a prática do diarismo. Não é a única.

1.4.2 Motivações para a escrita de diários íntimos

Como o objetivo deste trabalho é estudar o que motiva uma pessoa a escrever sobre si em blogs confessionais e há uma associação entre esses blogs e diários íntimos, é importante fazer também um levantamento das motivações para a escrita de diários íntimos. A literatura sobre o tema refere-se a “funções” que o diário costuma exercer na vida de seu autor. Funções essas que podem ser entendidas como o motor para a criação e a manutenção desses diários.

Lejeune afirma que escreve-se um diário em paralelo a uma fase especial da vida. O

diário pode, inclusive, trazer coragem e apoio, acompanhando de perto uma tomada de decisão (LEJEUNE, 2008, p. 263). Segundo o autor, foi desde o fim do século XVIII que o diário se pôs a serviço da pessoa, tornando uma maneira possível de viver ou de acompanhar um momento (LEJEUNE, 2008, p. 261). Existe uma série de diários cujos autores começaram a escrever, por exemplo, depois da descoberta de uma doença grave ou para enfrentar uma condição difícil. São diários considerados como tendo a função de resistência ou de sobrevivência. Johann Heuchel iniciou o seu (*Je vous ai tous aimés*) para suportar a espera de um transplante, sua única esperança de vida. Hervé Guibert escreveu seu diário de hospitalização (*Cytomegalovirus. Journal d'hospitalisation*), que trata da sua luta contra a Aids. Alfred Dreyfus (*Cinq années de ma vie*) começou um caderno um dia depois de sua chegada à Ilha do Diabo, onde viveria em condições morais e físicas opressivas (BOGAERT e LEJEUNE, 2006).

Mas nem sempre o que motiva a escrita de um diário é algo trágico. Viagens de férias, expedições, entrada na adolescência e muitas outras circunstâncias propiciam ou incentivam a manutenção de um diário que irá acompanhar este período (BARCELLOS, 2009, p. 86).

O diário tem também o papel de servir como memória.

É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro. [...] Além disso, a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma 'identidade narrativa' que tornará a minha vida memorizável. É a versão moderna das 'artes da memória', cultivadas na Antiguidade. O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, 'disco rígido' e memória viva. (LEJEUNE, 2008, p. 261-262).

Pode-se ter o desejo de ler-se em um momento posterior. Martin-Fugier menciona trechos do diário de uma jovem burguesa de Grenoble, Gabrielle Laguin, que começa a escrever em 1890, aos 16 anos. “Dentro de muitos anos, relerei talvez com felicidade esses rabiscos iniciados nos dias de juventude e de alegria. [...] Mais tarde, quando eu for bem velha, vou me divertir em relê-lo, em rever-me, nesse espelho do passado, como eu era então” (MARTIN-FUGIER, 1991, p. 195). De acordo com Martin-Fugier, a menina, ao escrever o diário, cria uma história para si e estrutura sua vida ao inscrever o presente entre o passado e o futuro.

Ajudar a formar a identidade do sujeito, em constante constituição, em um tempo fragmentado, também é uma das funções do diário íntimo (BARCELLOS, 2009, p. 82). Identidade que é construída apoiada na narrativa dos eventos ou temas mais essenciais para o diarista (BARCELLOS, 2009, p. 98).

De acordo com Prange, a prática do diário está associada à construção da identidade (2003, p. 34), assim como a demandas de auto-expressão e de autoconhecimento (2003, p. 333).

Necessidades que parecem ser mais aguçadas na adolescência, afirma a autora. Prange também menciona o uso do diário na busca de um espaço para a expressão de sentimentos vivenciados. Função com a qual concorda Lejeune: “O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade” (LEJEUNE, 2008, p. 262).

A escrita íntima, registrada em diários, funciona como um interlocutor para quem a mantém. “Mais especificamente, exerce o papel de (uma escrita) confidente” (BARCELLOS, 2009, p. 86).

Não se pode esquecer o papel do diário de servir para marcar o passar do tempo. “Certamente os diários íntimos podem fornecer detalhes preciosos sobre a vida de seus autores. Mas, sem dúvida, são pelo menos igualmente interessantes no que revelam da vontade de ritmar o tempo” (MARTIN-FUGIER, 1991, p. 196). Para o autor, essa escrita temporal e fragmentária ajuda a montar a história de uma vida inscrevendo o presente em uma continuidade (1991, p. 196).

Os diários já tiveram também a função de atuar como instrumento de aperfeiçoamento moral, ligada a práticas religiosas do cristianismo, como o auto-exame e o auto-escrutínio realizados por meio dos chamados diários espirituais. O diário íntimo seria uma etapa posterior advinda com a privatização e a laicização do trabalho espiritual de si. “Seria através dessa 'privatização' e dessa 'laicização' do auto-exame ou do auto-escrutínio que o diário firmaria seu terreno nos países protestantes” (BARCELLOS, 2009, p. 75).

Por fim, afirma Lejeune, mantém-se um diário porque se gosta de escrever. “É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-engendrar. (LEJEUNE, 2008, p. 264). Como é no diário íntimo que este “escrever sobre si” ocorre de forma mais explícita, o epíteto “pessoal” ficou atrelado a ele, mas um diário – seja ele de viagem, de bordo, etnográfico, de escritor, ou mesmo íntimo – é sempre pessoal. Barcellos explica que o diário traz a subjetividade do diarista permeando suas observações de fatos e pessoas (2009, p. 76).

O termo “diário íntimo” popularizou-se para referir-se àqueles escritos que narram pensamentos e reflexões do autor e seus atos na vida cotidiana e privada. Nesses, usando expressão de Paula Sibília, são mais comuns os “mergulhos introspectivos” e a narração em detalhes da intimidade do diarista. Em foco o “eu”, seus pensamentos e ações.

Lejeune adverte que – apesar da acepção corrente nos dias atuais – a especificação “íntimo” surgiu na nomenclatura francesa de diário em geral (*journal intime*) para evitar

confusão com “jornal”, designado pela mesma palavra (*journal*). “Em francês, especificamos 'íntimo' para evitar a confusão com a imprensa quotidiana, problema que não existe em outros lugares. Mas a intimidade só entrou de fato mais tarde na história do diário, não passa de uma modalidade secundária” (LEJEUNE, 2008, p. 260). O pesquisador lembra que em outros idiomas não há essa ambigüidade. Em alemão, diz-se *tagebuch*; em inglês, *diary*; em espanhol e em italiano, *diario*; e em português, *diário*.

Barcellos (2009, p. 83) usa o argumento de Malik Allam (1996) de que o nome “diário íntimo” deveria permanecer em voga já que sua abertura semântica representa uma prática que ele designa. Mas, mencionando raciocínio do mesmo autor, Barcellos explica que é necessário definir o que seria o “íntimo” e a “intimidade”, termos ligados a representações sociais construídas por classes ou grupos e que, por conseguinte, varia local e temporalmente. Allam, mencionado por Barcellos, chega à seguinte definição: “um diário íntimo é um diário cujo conteúdo tem o caráter de intimidade e privacidade e/ou repositório de funções íntimas ou pessoais para seu diarista” (BARCELLOS, 2009, p. 84).

Tendo em mente tal definição e a ressalva feita por Lejeune de que os diários íntimos não passam de uma modalidade na história do diarismo, será feito a seguir um panorama do contexto do surgimento e da proliferação dos diários íntimos.

1.4.3 História dos diários íntimos

Assim como a trajetória da sociedade passou gradualmente do primado do coletivo e público para o primado do individual e privado, a história dos diários fez o mesmo percurso: de diários públicos e coletivos passou-se a diários privados, depois individuais e, mais tarde, a diários voltados para a intimidade. O paralelo é de Lejeune:

Desde a Antigüidade, no Ocidente, assistimos a uma progressiva individualização do controle da vida e da gestão do tempo. É o que já se chamava antigamente de “foro íntimo”, bela expressão que designa a passagem de uma jurisdição externa e social (fórum) a um tribunal puramente interior e individual, o da consciência. O desenvolvimento atual do diário corresponde talvez a essa delegação de poder: cada indivíduo tem de administrar a si mesmo, com seu próprio setor de contenciosos e seus próprios arquivos. (LEJEUNE, 2008, p. 259).

Há registros muito remotos de diários na história da humanidade. Os diários coletivos da Antigüidade e da Idade Média são pouco conhecidos devido à fragilidade do suporte em que eram mantidos, menciona Barcellos (2009, p. 88). Segundo ele, a eficiente administração romana se apoiava na utilização de “diários”. Havia as *acta civilia* (registros sobre o estado civil), as *acta forensia* (leis, regulamentos, etc.) e as *acta militaria* (as legiões mantinham seus

livros de contabilidade e seus diários de rotas). As pequenas coletividades, que constituíam as famílias, também podiam ter seus diários privados, os mais freqüentes eram os livros de contas ou crônicas. “Os diários privados dos Romanos não continham nada de pessoal. A noção de privacidade, vinculada a uma prática de escrita privada – em seu sentido oposto a uma escrita pública – ainda não podia ser detectada nesse primeiro momento” (BARCELLOS, 2009, p. 88).

A prática do diário não pára de crescer durante toda a era clássica. Proliferaram diários de depoimento urbano e diários de viagens, forma amplificada do *livre de raison*⁸ (GOULEMOT, 2009). “De repente, a visão do sujeito adquire importância. Contra a opinião pública, sua visão, sua palavra são apresentadas como garantias de verdade do que é dito. [...] Ainda não estamos no diário íntimo, que faz do sujeito que escreve o objeto de sua escritura” (GOULEMOT, 2009, p. 382).

Os *Ensaïos*, de Montaigne, na França, são considerados por Hocke⁹ como o marco inicial do diarismo, tendo como proposta usar de matéria principal da obra ele mesmo. “Seria essa provocação, somada a um prazer de escrever, o que faria surgir os primeiros cadernos e cadernetas de anotações privadas entre os franceses” (BARCELLOS, 2009, p. 66). Barcellos, no entanto, explica que esse processo será interrompido ainda em seu começo: “com o fortalecimento do Absolutismo e a noção de que qualquer exercício de interioridade e subjetividade, em um mundo ordenado em torno de Deus e do Rei, seria encarado como uma ameaça de rebeldia contra o poder estabelecido” (BARCELLOS, 2009, p. 66).

Será com o Iluminismo, no século XVIII, que o sujeito poderá retomar à cena central. As escritas pessoais irão perder sua função auto-exame e de confissão, função que tinham como prática do cristianismo para impedir o solipsismo, e “serão finalmente substituídas por uma apoteose do eu” (BARCELLOS, 2009, p. 66).

Foi só no século XIX que ocorreu uma profusão da “escrita de si”, descrita por Sibilia como sendo textos introspectivos, auto-reflexivos, voltados não tanto para a busca de um modelo “universal” do homem, mas para a “sondagem da natureza fragmentária e contingente da condição humana, plasmada na particularidade de cada experiência individual” (2003, p. 4), o que foi uma atividade burguesa por excelência. Surgiu e proliferou associada a um novo hábito: a criação de ambientes íntimos e privados, onde o sujeito moderno podia mergulhar em sua vida interior (SIBILIA, 2003). Segundo Sibilia, a escrita de si tornou-se uma prática habitual, que arrastou homens, mulheres e crianças.

⁸ O *livre de raison* é uma espécie de caderneta onde é anotada a contabilidade da casa ou dos negócios. Muitos trazem escritos que revelam informações cotidianas da vida privada. Ele será estudado com mais detalhes no tópico seguinte.

⁹ Gustav Hocke, que publicou *Das europäische Tagebuch*, em 1963

De acordo com Corbin (1991, p. 458), a microfamília burguesa da província constituiu o lugar privilegiado da eclosão do diário íntimo. “O diário íntimo é o coroamento das alegrias da *privacy*” (CORBIN, 1991, p. 459).

Embora o diário, no modelo que conhecemos hoje, esteja muito associado a este furor da escrita de si, de modo privado, cultivada principalmente a partir do século XIX, sua história é mais antiga. “O caráter privado do diarismo [...] aparece pela primeira vez no século X, no Japão, com os *pillow books* [livros de cabeceira] das mulheres da corte de Heian [704-1185]” (OLIVEIRA, 2002, 18).

E, de acordo com Oliveira (2002), a história dos diários pessoais não pode ser resumida ao “livro do eu”, que prevalece a partir da segunda metade do século XIX. Ela explica que, na história dos diários, tanto no oriente (Japão) quanto no ocidente, esse vai se inserir de forma “pública ou privada, comunitária ou individual, a depender do tipo de função que o diário vai exercer para aquela comunidade ou indivíduo engajado nas redes sociais” (OLIVEIRA, 2002, p. 18).

O diário [...] tem seus primeiros aparecimentos vinculados a uma natureza pública e comunitária. O caráter privado do diarismo, embora tenha prevalecido nos últimos 100 anos, aparece pela primeira vez no século X, no Japão [...]. O diário oferece, ainda, uma natureza semi-pública, quando, no século XVII, na Inglaterra, proliferam os diários espirituais, uma categoria de pré-diários que mais tarde vai contribuir para o aparecimento do diário íntimo como “o livro do eu”. (OLIVEIRA, 2002, p. 19).

Depois do “livro do eu”, o diário íntimo evolui ainda para “O novo Diário”, como explica Oliveira (2002), forma na qual vai exercer, durante o século XX, a função de catarse com fins terapêuticos e também ser utilizado como instrumento de ensino-aprendizagem para melhorar a expressão verbal do aluno e o seu desenvolvimento em sala de aula.

Sendo assim, os diários evoluem em tipos e funções até chegarem à forma moderna do século XX, denominado pela pesquisadora americana Tristine Rainer de “O novo diário”, no final da década de 70.

Em sua história dos diários, Oliveira (2002) adota a classificação do pesquisador inglês Robert A. Fothergill. Segundo essa classificação, o modelo de diário íntimo evoluiu a partir de quatro formas de proto ou pré-diários: “diários públicos, diários de viagem, diários de registro pessoal – análogos aos livros comunitários (*commonplace books*) – e diários de consciência ou espirituais” (OLIVEIRA, 2002, p. 30).

Os diários de consciência ou espirituais tornaram-se muito populares no século XVII, alimentando a prática do diarismo nos séculos XVIII e XIX. Focando sobre a realidade interior em detrimento de aspectos exteriores da vida do diarista, esses diários são responsáveis por pavimentar o caminho para o surgimento do diário como o “livro do eu”, surgido no século XIX. (OLIVEIRA, 2002, p.44).

Foram os diários espirituais os principais responsáveis por eliminar o caráter público que os diários mantinham até então. Eles passaram a enfatizar a vida privada do diarista. “Com a Reforma e o Renascimento, os diários tornaram-se o lugar em que a singularidade e a auto-reflexão eram com freqüência exercidas, de forma pessoal e privada” (OLIVEIRA, 2002, p.44).

Mas o diário íntimo, como “livro do eu”, somente surge, de fato, no final do século XIX, motivado por mudanças científicas e culturais que favoreceram o hábito de maior investigação e reflexão sobre si. Um dos fatores de mudança apontados é a descoberta de Freud do inconsciente, associada ao desenvolvimento do Romantismo, como elemento cultural. “A partir desse momento, diários tornaram-se o local onde o hábito de inquirir e refletir sobre si mesmo terminava se realizando” (OLIVEIRA, 2002, p. 48).

Na etapa seguinte, do “Novo Diário”, no século XX, esta forma de escrita passou a estar associada com a exploração da criatividade, do crescimento pessoal, da reparação ou da terapia, como explica Oliveira (2002).

É dentro deste quadro histórico do diarismo que muitas vezes aparecem os blogs confessionais, sob o argumento de que seriam novas versões dos diários íntimos, agora publicados na Internet.

Sibilia (2003) lembra que os relatos autobiográficos, especialmente os diários íntimos, tiveram a sua morte anunciada e confirmada nas últimas décadas do século XX. No entanto, aponta a pesquisadora, houve um repentino ressurgimento dos relatos intimistas nos ambientes virtuais – com os blogs confessionais.

Pela semelhança temática dos blogs confessionais, que provocaram o primeiro *boom* de blogs na *Web*, com os diários íntimos, blog e diário são freqüentemente associados. Lemos (2002, *online*) chega a afirmar que essas páginas na Internet são “uma apropriação social da *web* como forma de reeditar práticas antigas como os diários pessoais”.

Devido a essa associação corrente, no tópico seguinte será feita uma comparação direta entre diários íntimos e blogs confessionais, com uma discussão sobre as pretensas diferenças consideradas como sendo as mais marcantes.

1.5 Blog confessional é diário íntimo *online*?

Pode-se dizer que os blogs confessionais são como diários íntimos, daqueles escritos em papel e na maior parte dos casos guardados em segredo, só que agora mantidos em um novo suporte – a Internet? Os blogs confessionais contribuíram para o renascimento e o fortalecimento da escrita de si, muito marcada pela profusão de diários intimistas no século

XIX. Mas é preciso avaliar se o balanço das semelhanças e das diferenças entre os blogs confessionais e os diários íntimos faz com que os primeiros sejam uma forma reeditada da velha prática diarista, adaptada ao novo cenário contemporâneo, ou uma prática completamente nova, uma modalidade original de escrita de si.

Para Komesu, “quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista” e é possível “identificar traços do gênero diário na constituição dos blogs” (2004, p. 3). Ao mesmo tempo, Komesu alerta que a aproximação dos blogs com os diários pode ser a projeção de uma imagem estereotipada daquele que se ocupa de escritos pessoais.

Sobre essa associação, de blog confessional com diário íntimo como continuidade de uma prática, Sibilia faz uma advertência:

Embora alguns hábitos pareçam sobreviver ao longo de períodos históricos diversos, ganhando certo ar de eternidade, convém desconfiar dessas permanências: muitas vezes as práticas culturais persistem, mas seus sentidos mudam. Do contrário, corre-se o risco de naturalizar algo que é uma mera invenção, perdendo a ocasião de compreender toda a riqueza de sua especificidade histórica e seu sentido peculiar na sociedade que a acolhe. (2008, p. 75).

Sibilia vai na direção da continuidade de uma prática, ou seja, a do diário íntimo, mas com o possível surgimento de novos sentidos. Primo é mais radical em sua análise: “Apesar de sabermos que novos meios ‘remediam’ meios anteriores (Bolter, 2001), diários pessoais e blogs apresentam características muito distintas que prejudicam sua equiparação” (2008, p. 122). Segundo Primo, a comparação com os diários ganhou consenso com rapidez porque, com a explosão dos blogs, logo se buscou um meio ou gênero anterior que desse pistas para que a nova modalidade fosse compreendida.

Apressada ou não, a comparação existe e pode ser vista como decorrente de evidências concretas: diários íntimos e blogs confessionais são constituídos de textos com conteúdo semelhante, que relatam reflexões íntimas e ações da vida cotidiana do autor. Mas também concretas são as diferenças entre as duas práticas. A seguir, será feita uma análise das diferenças mais fortes apontadas por pesquisadores do gênero.

1.5.1 Surgem interlocutores

Um dos traços mais marcantes dos diários íntimos é o fato de serem, normalmente, escritos apenas para si e mantidos guardados em segredo. A lógica estrutural do blog confessional, ao contrário, é a de ser escrito no formato de *posts* e publicado periodicamente para ser lido. Os blogs confessionais, criados como páginas na Internet, já surgem supondo a exibição da escrita íntima na rede e a existência de um público leitor. Mais ainda: desejam esse

olhar alheio e são escritos direcionados a esse público leitor.

Sibilia (2008) explica que os antigos diários também possuíam um leitor ideal ao qual o autor se dirigia, mas “na maior parte dos casos se tratava de uma entidade meramente imaginária ou implícita. [...]. O mais provável é que esse misterioso *alguém* fosse apenas alguma obscura faceta do misterioso *eu* de cada autor-narrador-personagem” (p. 59, grifos da autora). Segundo a pesquisadora, “o autor escrevia para si próprio, ele era o seu interlocutor” (Id., Ibid., p. 31). O diário não era público e exposto ao alcance de qualquer pessoa.

Mas cabe lembrar que, apesar de a vocação exibicionista dos blogs confessionais ser apontada como um traço a diferenciá-lo dos diários íntimos, muitos dos antigos diários tradicionais que surgiram como “relatos do eu” foram publicados – com ou sem o consentimento de seus autores. Em diversas ocasiões, o autor já escrevia pensando na publicação (SCHITTINE, 2004, p. 61). É o caso, por exemplo, da adolescente Anne Frank. A menina, que se tornou símbolo do holocausto, escreveu seu diário durante a Segunda Guerra Mundial, em Amsterdã, morando com a família escondida dos nazistas em um anexo secreto localizado no prédio onde seu pai antes trabalhava (FRANK, 2005). A princípio, escrevia apenas para si em um caderno especial para diário que havia ganhado de aniversário. Mas passou a ter a intenção de transformá-lo em um livro ao ouvir na rádio o apelo de um membro do governo holandês no exílio aos cidadãos para que preservassem registros contendo história e memória da ocupação alemã durante a guerra para posterior publicação. Ela não sobreviveu ao holocausto, mas seus diários foram publicados pelo pai, Otto Frank.

Oliveira (2002) diz que a audiência nem sempre é expressamente pretendida pelos diaristas, mas cita Thomas Mallon (1995) para lembrar a opinião deste autor de que se alguém escreve – mesmo um diário –, é sempre com a pretensão de ser lido. Ainda assim, para Oliveira (2002), a questão da audiência é polêmica:

Nem todos os diaristas assumiam a preocupação de escrever para um outro. Ao contrário, boa parte escrevia “para os próprios olhos”, tendo o próprio diário funcionado como uma audiência implícita, num processo de objetivação do eu. Nesse sentido, ele funcionaria como um alterego, uma espécie de “duplo”, no qual o escritor diria a si mesmo verdades inconfessáveis. (OLIVEIRA, 2002, P. 73).

Sendo assim, a maior diferença dos blogs confessionais em relação aos diários íntimos, no que tange ao público leitor, talvez não seja a existência desse e, sim, a possibilidade que o leitor passa a ter de interferir na escrita do texto íntimo. Nos blogs confessionais, em geral, existe a ferramenta de comentários, que permite ao leitor a comunicação com o autor do blog.

A escrita do autor, que busca um público leitor, passa a ser influenciada pelos comentários deixados no blog. Muitas vezes, um comentário serve de tema para um novo *post*

ou faz o autor refletir sobre uma posição defendida em algum dos textos postados. O autor do blog confessional “precisa de leitores, e de seus comentários e sugestões para ser alimentado” (SCHITTINE, 2004, p. 187). Ele consegue, sem ser visto, trocar idéias com seus leitores, que passam a interferir na escrita do eu.

Mais do que interferir na escrita, os leitores fazem parte da dinâmica do blog. Eles interagem com o autor e entre si e o autor também interage com eles e com outros autores de blogs, mantendo em sua página links permanentes que conduzem a outros blogs ou, ainda, links inseridos no corpo de algum de seus *posts* fazendo referência a textos de outros blogs. Há conversação nos blogs – inclusive nos confessionais –, são formadas pequenas comunidades *online* (como será discutido mais adiante), algo que não existia nos diários íntimos.

Primo (2008, p. 122) acrescenta que a diferença entre as práticas de diários e de blogs está no alvo de cada uma delas: os primeiros sendo voltados para o intrapessoal e, os segundos, para o interpessoal, o que pode ser comprovado pela presença de saudações, conselhos e convites nas páginas virtuais, ações sociais impensáveis nos antigos diários.

Intimamente ligado à diferença discutida no presente tópico – o surgimento de interlocutores – é o segundo corte apontado por estudiosos do gênero: tornar público o que é, por natureza, íntimo.

1.5.2 O íntimo é tornado público

Ao sair do papel e migrar para a tela, o escrito íntimo é tornado público. O que era escrito para ser mantido em segredo, nos diários, ganha visibilidade nos blogs. Sibilía (2008, p. 12) chega a cunhar o termo diário “éxtimo” para se referir aos blogs confessionais, um trocadilho que tenta dar conta dos paradoxos dessa novidade: uma intimidade exposta na esfera pública.

Schittine (2004, p. 77) explica que, nos blogs confessionais, a qualificação “íntimo” não se aplica mais em seu sentido original. Para ela, os textos continuam a ser descritos como íntimos porque o caráter do que é escrito permanece sendo o da revelação da intimidade, mas essa deixa de ser uma intimidade em sentido original no momento em que ganha publicidade.

A própria inserção social do texto muda. Se antes, os diários íntimos eram vistos como indevassáveis e havia “uma espécie de acordo moral e ético” entre as pessoas que viviam no mesmo espaço de que um escrito íntimo era por natureza destinado a ter um caráter secreto e que, por isso, deveria ser respeitado pelos outros (SCHITTINE, 2004, p. 98), com os blogs confessionais tal acordo tácito perde o sentido e deixa de existir. Considera-se apropriado ler as

intimidades que alguém escreve em sua página virtual.

Como explica Schittine, em tese não se era proibido ler os diários íntimos deixados em casa, mas violar esta intimidade era algo moralmente condenável. “Na intimidade individual certos espaços devem, particularmente, permanecer na sombra; o diário íntimo é um deles, faz parte desses círculos interditados” (SCHITTINE, 2004, p. 99). O limite deste território indevassável foi quebrado ou eliminado. Como, nos blogs confessionais, o texto é postado na Internet, ou seja, é público, mesmo o ato de dar uma espiada na tela aberta enquanto o autor escreve é visto como legítimo.

O blog confessional, mais do que tornar pública a intimidade, cria um novo status em relação aos escritos íntimos, tirando desses o caráter de indevassável por direito moral.

No entanto, há uma linha de raciocínio de Schittine (2004) que defende que os blogs confessionais permitem ao blogueiro contar sua vida íntima em minúcias a todos os que quiserem ler sem necessariamente tornar pública sua privacidade. O escrito pessoal pode, por exemplo, estar lá, à mostra na rede, mas ser uma intimidade sem um dono específico, identificado. Como é a intimidade de qualquer um, passa a ser a de ninguém.

Quando os segredos mais íntimos são contados apenas a desconhecidos, a pessoas que não podem associar o autor daquele texto a um ser ‘concreto’, com rosto identificável, é como se o segredo não tivesse sido revelado a ninguém. A suposta publicidade dada ao privado, que seria apontada como uma diferença marcante entre os diários íntimos e os blogs confessionais, não se concretiza.

E para garantir a dissociação entre o “eu real” e o “eu virtual”, o uso de pseudônimo ou apelidos virtuais pode ser uma estratégia, mas nem isso é requerido. A publicação na rede por si só, que se faz para um monte de desconhecidos, já dá uma certa sensação de proteção ao autor do blog confessional. O fato de não existir o contato face a face e de muito raramente o escritor do blog vir a ser associado por alguém à sua identidade no mundo “real” garante uma espécie de invisibilidade.

Sendo assim, ao comparar blogs confessionais e diários íntimos, a diferença mais marcante apontada é o fato de os blogueiros tornarem público um conteúdo que, em tese, deveria ser mantido na esfera privada. No entanto, podemos notar que expor os segredos mais íntimos a estranhos pode ser o mesmo que mantê-los em sigilo, ou seja, nos blogs não haveria necessariamente uma publicização da intimidade mesmo quando essa é publicada na rede.

Apesar disso, nem sempre os textos postados são lidos apenas por estranhos, o que garantiria uma certa preservação, como discutido acima. Há situações em que pessoas conhecidas e não desejadas têm acesso ao blog. Mas mesmo nesses casos há como o blogueiro

defender a exposição de sua intimidade. Alguns mantêm páginas públicas, ou seja, acessíveis a qualquer pessoa, mas criam estratégias de escrita para administrar a que grupo suas revelações se dirigem. “Nem todos os registros de si contidos nos blogs são destinados ao entendimento do público” (PRANGE, 2003, p.111). A autora afirma haver, por exemplo, mensagens com teor implícito e que só serão entendidas por destinatários específicos. Para ilustrar, cita um trecho publicado no dia 18 de agosto de 2001 no blog *Vita brevis*: “Hoje tive meu dia de Kathleen Turner em *Mamãe é de Morte*. E a Carol nem vai ter de ligar pra saber o que aconteceu porque eu já contei pra ela, né, Carol? :-)” (PRANGE, 2003, p.112).

São tentativas de se preservar diante do olhar não desejado. Em alguns casos, há a preocupação explícita do blogueiro em não ter a sua intimidade exposta, apesar de publicá-la na rede, como revela outro trecho do blog *Vita brevis* estudado por Prange (2003):

Acabei com o Give Me Light e criei este blog porque queria uma certa privacidade, um distanciamento da agitação (e palpites) de antes. Mandei o endereço somente pros meus amigos e pedi pra ninguém linkar. Também tomei cuidado para que o endereço não aparecesse nos sites de busca e configurei como blog não-público. De alguma forma, esse endereço vazou. E pessoas que nunca seriam convidadas têm vindo aqui. Queria pedir pra que essas pessoas não venham mais. Estão agindo como se entrassem de penetra numa festa.

Publicado no blog *Vita Brevis* em 18 de agosto de 2001. (PRANGE, 2003, p. 113).

Respondendo a essa necessidade de restrição de leitura, surgiram nos últimos anos novos mecanismos de configuração das páginas virtuais que aproximam ainda mais blogs confessionais e diários no quesito preservação da intimidade. Ferramentas de publicação, como o *Blogger*, incorporaram opções de configuração como selecionar quem pode ler o blog (qualquer pessoa / somente as pessoas que eu escolher / somente autores deste blog), quem pode deixar comentários (qualquer um / usuários registrados / somente membros do blog) e até se a página deve ou não ser encontrada em programas de busca na rede, como o *Google*. Sendo assim, o dono de um blog pode, por exemplo, configurar sua página para que somente ele a leia e ninguém comente. O conteúdo estará publicado na rede, mas com acesso protegido da observação alheia pela senha do dono do blog. Ele pode, ainda, dar acesso a um ou dois amigos próximos, como permitem alguns diaristas. Nesses casos, por que o blog não deveria ser considerado um “diário eletrônico”? Em vez de caneta e papel, teclado e tela, com a mesma preservação do segredo.

Se a questão de dar publicidade à intimidade é ainda uma diferença apontada como forte, apesar de controversa, o surgimento de um novo formato da escrita é mais consensual.

1.5.3 Texto apresenta novo formato

Em grande parte dos blogs confessionais a escrita dos *posts* se caracteriza por um texto curto, rápido e de linguagem informal. Além disso, mistura a formalidade do texto escrito e a linguagem coloquial do texto oral, incluindo os cortes de palavras, os sinais e os símbolos que o teclado permite (SCHITTINE, 2004, p. 187).

Vários fatores, em conjunto, contribuíram para ocasionar essas mudanças do texto íntimo no blog em relação àquele escrito no papel. Em parte, a linguagem muda porque nos blogs confessionais surge a figura do interlocutor, ou seja, o autor agora fala com alguém, se dirige a um público leitor e tenta adaptar seu texto a essa forma de conversa.

Outro motivo, comentado por Sibília, é que a elaboração de diários “remete aos ritmos cadenciados e ao tempo esticado de outras épocas, hoje flagrantemente perdidos” (2008, p. 57). Ela explica que as novas modalidades de escrita íntima são permeadas pelo tempo “real”. Há uma certa urgência ansiosa na produção dos textos vivida para garantir a instantaneidade de sua divulgação.

Desejo de atualidade e de instantaneidade que é expresso pelas horas, minutos e segundos que identificam cada postagem. Komesu (2004) explica que na prática diarista tradicional os escritos pessoais não necessitavam do registro de tamanha precisão temporal, eram produzidos como “reflexões a serem guardadas” (p. 5).

O autor de blogs parece tentar fazer com que cada *post* conquiste a simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede, o que fica ainda mais evidente nos recentes micro-blogs, como o Twitter¹⁰. Essa atitude resulta em um duplo estado de permanência desses textos: é eternizado, ao ser materializado e armazenado na Internet, e é fugaz, porque prontamente substituído pelo *post* seguinte (KOMESU, 2004, p. 5).

Como vimos, na passagem do papel para a tela, a linguagem usada nos escritos íntimos muda. Mas e o conteúdo, também se altera? Segundo pesquisadores, como a intimidade é tornada pública, surge um certo grau de censura na hora da escrita.

1.5.4 Aparece a censura

Em tese, os diários íntimos, por serem escritos apenas para si, caracterizavam-se por

¹⁰ Site representante de uma nova linha de blogs, os nano-blogs ou micro-blogs. Também é constituído por *posts* publicados em ordem cronológica reversa, como nos blogs tradicionais, mas o conteúdo das mensagens, que originalmente visava revelar a vida do autor de modo instantâneo, é limitado em 140 caracteres.

uma liberdade de expressão única. No blog confessional, essa liberdade seria perdida: ainda que desejasse escrever sobre suas intimidades, o autor faria um crivo do que deve ou não revelar, já que o conteúdo é exposto a outros.

Para Helal e Gonçalves (2002), o que é exposto no blog – ou em outros meios que seguem a mesma tendência de dar visibilidade à intimidade, como os *reality shows* da TV – é uma “privacidade inventada”. Segundo os autores, “o ato de alguém que se sabe vigiado difere bastante do ato espontâneo de alguém que não se encontra sob observação” (2002, p.155).

Ao analisar a privacidade exposta em *reality shows*, Helal e Gonçalves levantam dúvidas sobre a autenticidade do comportamento dos participantes que também podem ser direcionadas aos textos de quem escreve blogs confessionais:

Se supusermos uma espécie de privacidade anônima, que é a de todos nós em nossas casas, podemos sugerir assim a existência de uma nova privacidade, a privacidade inventada pelos *reality shows*. Essa nova privacidade é a dos que mesmo no privado não podem escapar ao olhar público, uma privacidade onde o espontâneo do gesto secreto desaparece já que não pode haver gesto secreto. Uma privacidade que se encontra a meio caminho entre o público e o privado, entre o íntimo e o aberto a todos, uma privacidade que é produzida e criada (pelos participantes dos *reality shows*) exatamente para ser exibida (para o público). (2002, p.156).

Seguindo a linha de raciocínio de Helal e Gonçalves (2002), segundo a qual o que é exposto em *reality shows* da TV é uma “privacidade inventada”, criada sob medida para ser exibida, os textos publicados por autores de blogs confessionais também passariam pelo crivo do que deve ou não ser mostrado. A autocensura permearia os escritos pessoais na rede, enquanto nos diários íntimos, mantidos em segredo, não existiria tal necessidade – em tese, já que sempre correm o risco de serem descobertos.

Schittine também discute a censura nos escritos íntimos de blogs confessionais. Ela menciona, por exemplo, que muitos blogueiros precisam reprimir idéias e pensamentos para não expor a privacidade de pessoas que vivem em torno deles, “relegando a segundo plano uma das características principais do diário íntimo: a de se exprimir com maior liberdade” (2004, p. 101).

De fato, a presumida liberdade do diário clássico deixa de existir, nem que seja na autocensura que o autor tende a apresentar para não expor por tabela amigos e familiares. Mas Denise Schittine lembra que “um diário em que tudo se fala, com sinceridade e exposição absolutas, é impossível até para quem se propõe a escrevê-lo da maneira mais sincera possível” (SCHITTINE, 2004, p. 75). Segundo ela, isso ocorre porque há determinadas coisas da própria vida que o autor se vê impedido de revelar por não ter conhecimento suficiente sobre elas. Em sua linha de raciocínio, o blog não é transparente, assim como o diário também não é.

As mais diversas formas de auto-relato, e neles incluídos os diários e os blogs confessionais, apresentam limites na auto-exposição, afirma Prange (2003). “Muitas vezes esses limites são explicitados, outras vezes se encontram nas entrelinhas, afirmando-se no que não é dito” (PRANGE, 2003, p. 114). Segundo Prange, no caso dos blogs, são encontrados limites implícitos e explícitos para a revelação de si. A escolha de temas que podem ser abordados ou não é um exemplo desses limites. Mas o limite pode também não estar na temática e sim no aprofundamento que se dá a certo assunto.

Schittine lembra que há vários níveis de segredo pessoais íntimos. A publicação no blog pode inibir a confissão de alguns desses, mas justamente as possibilidades criadas pelo novo formato de diário na rede – como o anonimato e a criação de personagens, que dariam margem para incursões íntimas nunca sonhadas no diário clássico – podem trazer à tona outros tantos segredos ocultos no diário de papel. Para Schittine, “nos blogs confessionais, o conceito clássico de segredo se desfaz e, em seu lugar, surgem outras formas de defesa do foro íntimo, assim como outras formas de fazer vir à tona aquilo que estava escondido” (2004, p. 78).

Poder-se-ia dizer que, ao se inventar um personagem na rede, o autor passa a fazer ficção e não um diário íntimo. Mas Philippe Lejeune (1975) , como relata Lobo (2007), afirma que mesmo quando o autor usa uma falsa identidade, ele passa para o texto os problemas que lhe dizem respeito, suas preocupações. “Os blogs mostram essa mesma tendência ao serem narrados por pseudônimos, apelidos, iniciais e até enigmas” (LOBO, 2007, p. 29).

É como explicita uma das polêmicas frases de Oscar Wilde: “Quanto mais o homem fala de si mais deixa de ser ele mesmo. Mas deixe que se esconda por trás de uma máscara e então ele contará a verdade” (WILDE, 2000, p. 515).

Luiza Lobo aponta ainda que, com o nome real ou um fictício, “qualquer autobiografia é forjada na medida em que o autor cria para si e para o leitor uma ilusão daquilo que deseja revelar de si mesmo” (LOBO, 2007, p. 56).

Nos blogs confessionais existem, sim, censura e segredos ocultados, assim como também ocorria na escrita íntima do diário de papel.

A presença de formas específicas de censura quando a escrita íntima se dá em páginas da Internet e todas as outras diferenças entre diários íntimos e blogs confessionais expostas até aqui, de certa forma, advêm de uma única mudança: o novo suporte dos textos pessoais.

1.5.5 Muda o suporte material

Migrar da escrita em papel para a escrita digitada em um teclado ou da folha do caderno

para a tela, não é uma mera variação de suporte, sem conseqüências para a prática da escrita íntima que continua sendo a mesma. O suporte irá interferir, de forma decisiva, em múltiplos aspectos da escrita íntima. Interfere, inclusive, como foi analisado, no próprio conceito do que se denomina íntimo.

Propriedades do novo suporte, como permitir a comunicação com o leitor e a publicidade imediata dos textos escritos, são consideradas um corte entre o diário e o blog.

O fato de ser um hipertexto eletrônico diferencia os ciberdiários dos antigos diários pessoais já que o formato hipertextual (atualização constante, de qualquer lugar e em tempo real, com utilização de links e outros recursos audiovisuais, alcance planetário e imediato...) e a publicização não faziam parte das experiências com diários em papel. (LEMOS, 2002).

Para Komesu, é essencial problematizar o suporte ao se avaliar as novas relações com as práticas de escrita íntima. Isso porque os eixos tempo, espaço e interatividade são concebidos a partir de sua constituição pelo suporte material específico (2004, p. 7).

O novo suporte para os escritos íntimos – a página na Internet – abre diversas possibilidades inexistentes no diário, como a interatividade, e traz consigo características inerentes a ele, como a publicidade do conteúdo, que alteram parte da essência da antiga prática. É também o novo suporte que faz o diário perder sua velha aura.

1.5.6 Perde-se a aura do “caderno único”

Walter Benjamin (1985) aponta o desaparecimento da aura em virtude da reprodutibilidade técnica que destrói a unicidade de uma obra. Sibilia (2008) afirma que os antigos diários íntimos de papel ainda resguardavam essa aura denunciada como perdida por Benjamin por possuírem “uma certa autenticidade”, um caráter único que emanava de sua originalidade material, do fato de “não serem cópias infinitamente reproduzíveis por meios técnicos, mas documentos únicos e irrepetíveis” (p. 37). Com a passagem para a Internet e a possibilidade de uma reprodução infinita e ao alcance de todos, os diários (se é que blogs confessionais podem ser vistos como diários íntimos *online*) teriam perdido a aura.

No entanto, Sibilia adverte que permanece um resquício aurático em tais escritos pessoais, mesmo publicados na rede. Segundo ela, essa qualidade persiste por residir em parte na referência autoral e não no objeto em si.

Os acontecimentos neles relatados são tidos como autênticos e verdadeiros porque supõe-se que sejam experiências íntimas de um indivíduo real: o autor, narrador e personagem principal da história. Um ser sempre único e original, por mais diminuto que ele possa ser – *eu, você*, qualquer um de *nós*. Pois os fatos relatados nos gêneros autobiográficos são considerados verídicos e, inclusive, verificáveis. Por isso, às

vezes, nos escritos íntimos que circulam pela Internet ainda parece assomar algum vestígio longínquo da velha aura” (SIBILIA, 2008, p. 37).

Todas as diferenças apontadas entre diários íntimos e blogs confessionais servem mais, neste trabalho, para se entender a estrutura, o funcionamento e a apropriação que se tem feito dessas páginas de escritos íntimos na Internet do que para se decidir pelo surgimento de uma nova prática ou pela continuidade de uma prática anterior. Há características que só ressaltam aos olhos com a comparação.

E é tendo isso em mente que os blogs confessionais devem ser comparados não apenas aos diários, mas também a uma série de outras modalidades de escrita – como autobiografias, memórias, cartas etc – compostas por relatos auto-referentes, assim como os blogs confessionais. Um panorama dessas formas mais comuns de narrativa de si será feito no tópico seguinte.

1.6 Outras formas de auto-relatos

O diário costuma ser a primeira imagem que vem à mente quando se menciona uma narrativa que registra as próprias ações e pensamentos. Talvez por isso os blogs confessionais sejam diretamente comparados a ele. Mas a prática de escrever sobre si, que ganha várias denominações – como auto-relatos, narrativas auto-referentes, falar de si, narrativas de si ou escritas do eu –, não é exclusiva dos diaristas. Ela está inscrita em um gênero maior, o autobiográfico, que abarca categorias como autobiografias, memórias, cartas, ensaios e, também, diários. Esse gênero tem sua origem nos escritos pessoais, também auto-referentes, que vêm desde a Antigüidade, mas que não expressavam ainda um sujeito singular como centro da narrativa.

Assim como têm semelhanças com os diários, com quem são comparados mais freqüentemente, os blogs confessionais apresentam traços comuns às demais categorias do gênero autobiográfico. Proximidade que advém da característica primeira do gênero: a tentativa de narrar a si mesmo.

Michel Foucault, em “A escrita de si” (2004), um estudo sobre os auto-relatos encontrados na Antigüidade grega e em documentos da literatura cristã, define essa forma de escrita como sendo “a narrativa da relação consigo mesmo” (p. 157). Segundo Foucault, é possível destacar dois elementos já nas práticas encontradas nesses períodos que irão se tornar o cerne da escrita da relação consigo: “as interferências da alma e do corpo (as impressões mais

do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias” (FOUCAULT, 2004, p. 157).

As escritas de si ou do “eu” são formadas por um texto auto-referencial. O sujeito que escreve narra suas experiências, pensamentos, visões de mundo, sentimentos e desejos, tudo em primeira pessoa. No entanto, com relação à forma e ao conteúdo, não há nada de específico que diferencie essa escrita de obras de ficção, lembra Sibilia. “Alguns romances copiam seus códigos, como as sagas epistolares ou as ‘falsas autobiografias’, e são incontáveis os relatos fictícios que incorporam eventos realmente vivenciados por seus autores” (SIBILIA, 2008, p. 30).

O que diferencia os textos autobiográficos dos demais está no que foi chamado por Philippe Lejeune (2008) de “pacto de leitura”. De acordo com Lejeune, o leitor precisa acreditar que o autor, o narrador e o protagonista dos auto-relatos são a mesma pessoa. Ou seja, o leitor acredita que quem escreve conta a respeito de si mesmo e tem como base sua vida real e não uma história fictícia.

Além disso, escrever sobre si é um hábito que existe desde a Antigüidade, mas nem todos os escritos pessoais são considerados autobiográficos. Os primeiros escritos pessoais, apesar de se constituírem de anotações diárias sobre o vivido, não eram calcados na presença do sujeito tal como o conhecemos hoje em dia. Esses escritos buscavam o conhecimento de uma natureza humana em geral ou visavam registrar o que era mais importante para caracterizar uma certa época. Estavam inscritos mais no coletivo do que na expressão de uma singularidade.

Barcellos (2009, p. 65) cita um estudo feito por Gustav Hocke, em 1963, em que este pesquisador situa a origem da escrita pessoal na prática regular dos soberanos persas de anotar os fatos diários como forma de conservar tudo o que poderia ser considerado marcante para o seu tempo. Prática que teria sido assimilada pelo Império Romano sob a forma das autobiografias políticas.

Na Grécia antiga, teria se desenvolvido toda uma reflexão sobre o cuidado de si, a subjetividade, o conhecimento de si e a introspecção. “Entretanto, a ênfase estava no 'conhecimento da natureza humana em geral, e não a partir de um ponto de vista individual' (HEYDEN-RYNSCH 1998)” (BARCELLOS, 2009, p. 66).

Na Idade Média, a escrita pessoal auto-referente também esteve presente. O registro cotidiano de atos e pensamentos era estimulado entre os monges como forma de exercitar a reflexão e o auto-exame, mas essas anotações ainda não traziam a presença do sujeito tal como o compreendemos atualmente. “O que esse material representava era uma espécie de memória concreta do vivido, do lido, do ouvido e do pensado – um certo tesouro valioso a ser recuperado

mais adiante na vida do indivíduo” (BARCELLOS, 2009, p. 69).

Os escritos autobiográficos têm sua origem nesses escritos pessoais. Mas foi preciso que o homem mudasse a forma como se compreendia no mundo – de inserção coletiva para individual – para que surgisse uma escrita do “eu” voltada para o indivíduo em si e sua singularidade, o que só ocorreu na Modernidade.

Lejeune considera as *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau, como o marco inicial de uma linhagem de textos autobiográficos. A forte presença da noção de indivíduo e de singularidade, como elementos estruturantes e essenciais ao texto, reflete uma mudança de paradigmas que marca a história da humanidade: o surgimento do conceito de sujeito (neste caso, um sujeito cartesiano que fundamenta o conhecimento do mundo) e a consciência de sua singularidade (contribuição dada pelo próprio Rousseau). (BARCELLOS, 2009, p. 71).

Os diversos modos de escrita sobre si variam ao longo da história de maneira vinculada a como o homem se compreende no mundo e às formas de expressão disponíveis. Tão influente quanto esses quesitos no formato que a prática assume são as funções que a escrita de si exerce nos diferentes contextos.

Uma dessas funções é a de servir como companhia. Segundo Foucault, a escrita de si “atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro” (2004, p. 145). Foucault extrai sua conclusão da análise dos escritos de si feitos por santo Atanásio. Segundo o autor francês, santo Atanásio usava esses textos para se sentir menos solitário criando um olhar companheiro.

No mesmo estudo, Foucault prossegue dizendo que a prática do relato de si, ao mimetizar esse olhar do outro, suscita em quem escreve “o respeito humano e a vergonha”, o que levanta uma outra função assumida pela escrita de si neste período: o da coerção contra a má conduta e os maus pensamentos. “O que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário [...]. O constrangimento que a presença de outro exerce na ordem da conduta, a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma” (FOUCAULT, 2004, p. 145).

A função de companhia também é observada por Foucault (2004) ao analisar as cartas de Sêneca a Lucílio, na Grécia antiga. Segundo o autor francês, a carta torna o escritor “presente” para aquele a quem ele a envia. E presente de uma maneira quase física, aponta ao transcrever o seguinte trecho de uma carta de Sêneca:

Tu me escreves com frequência e te sou grato, pois assim te mostras a mim [*te mihi ostendis*] pelo único meio de que dispões. Cada vez que me chega tua carta, eis-nos imediatamente juntos. Se ficamos contentes por termos os retratos de nossos amigos ausentes [...] como uma carta nos regozija muito mais, uma vez que traz os sinais vivos do ausente, a marca autêntica de sua pessoa. O traço de uma mão amiga,

impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: o reencontrar (SÊNeca apud FOUCAULT, 2004, p. 156).

E é a carta, como modalidade de escrita de si, que irá exercer, de acordo com Foucault, ainda uma outra função: a de aprimoramento pessoal. Foucault explica que a carta, ao aconselhar, exortar, admoestar ou consolar seu destinatário, funciona como uma espécie de treino para quem a escreve. “Os conselhos que são dados aos outros na urgência de sua situação são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante (FOUCAULT, 2004, p. 154). A carta, segundo Foucault, apesar de destinada ao outro, serve como um exercício pessoal. “É que, como lembra Sêneca, ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz” (Id., Ibid., p. 153).

Foucault vê a prática da escrita de si como meio de orientar o homem para a ação correta. Segundo o autor, essa forma de escrita está associada à meditação, ao exercício do pensamento sobre si mesmo, o que reativa o que se sabe, torna presente um princípio, uma regra ou um exemplo e os assimila. Desta forma, o homem torna-se mais preparado para encarar o real (FOUCAULT, 2004, p. 147). Segundo Foucault, a escrita de si está ligada à “elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento de treinamento de si, a escrita [...] é a operadora da transformação da verdade em *êthos*” (Id., Ibid, p. 147).

Para Prange, “o falar de si deve ser entendido como decorrente de uma necessidade humana socialmente construída” (2003, p. 14) e essa necessidade está associada aos processos de aquisição da linguagem e de socialização.

Prange explica que o auto-relato está inserido em um projeto subjetivo, que confunde-se com o surgimento da própria linguagem, em que cada pessoa busca dar sentido a sua vida e definir seu lugar usando para isso a forma narrativa que lhe pareça mais adequada (2003, p. 16). Segundo a autora, há uma relação entre os auto-relatos, o desenvolvimento da linguagem e a necessidade de cada indivíduo localizar-se no meio em que vive. Como essa necessidade de localizar-se no meio em que vive envolve os códigos vigentes nesse lugar, os auto-relatos também estão presos a esses códigos. Por isso, explica Prange, “nas diversas relações humanas, criam-se, de formas mais ou menos implícitas, critérios que definem o que é mais importante ser dito, para quem, de que maneira e por quais motivos (PRANGE, 2003, p. 16).

A autora divide os auto-relatos em três grupos de acordo com o leitor a que se destinam: os escritos para consumo do próprio autor, para consumo por parte de pessoas íntimas e aqueles voltados para o público em geral, com a advertência de que há casos em que “o destino inicialmente planejado se altera, seja por vontade do próprio autor ou não” (PRANGE, 2003,

p. 21).

Nos tópicos seguintes, será analisado o que caracteriza cada uma das diversas categorias de escritas do “eu” descritas de forma geral acima: os *hypomnemata* e os *livres de raison* – considerados escritos pessoais precursores do gênero autobiográfico –, as autobiografias, as memórias, as cartas, os ensaios, os diários e até os blogs confessionais, neste trabalho discutidos como possível nova prática integrante do gênero autobiográfico.

1.6.1 *Hypomnêmata*

Os *hypomnêmata* ou “cadernetas pessoais”, de acordo com Foucault (2004), eram livros de contabilidade, registros públicos ou cadernetas individuais onde se anotava citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que foram testemunhadas ou cuja narrativa havia sido lida, reflexões ou pensamentos ouvidos ou que vieram à mente. “Eles constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas: assim, eram oferecidos como um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores” (FOUCAULT, 2004, p. 147).

Foucault adverte que, por mais pessoais que sejam, os *hypomnêmata* não constituem uma “narrativa de si mesmo”, já que seu papel é sim o de permitir a constituição de si, mas a partir da coleta do discurso dos outros: “trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito: reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2004, p. 149). O autor francês afirma que os *hypomnêmata* tornaram-se comuns como livro de vida ou guia de conduta a todo um público culto.

Essas cadernetas pessoais não devem, segundo Foucault, serem vistas como um suporte da memória. Não se destinam a serem consultadas de tempos em tempos, quando se mostrarem necessárias. O objetivo é que sejam parte de um exercício rotineiro de leitura e releitura, de conversa consigo e com os outros. Para Sêneca, de acordo com o texto de Foucault, a alma deve fazer dos *hypomnêmata* “não somente seus, mas si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 148). Os *hypomnêmata* eram para os filósofos gregos uma atividade voltada para o auto-adestramento.

Apesar de Foucault frisar que essas cadernetas pessoais não eram propriamente escritos de si como os diários, elas apontam para uma origem da escrita diarística anterior ao que comumente se imagina (BARCELLOS, 2009, p. 70).

1.6.2 Livres de raison

Por definição, de acordo com Madeleine Foissil, autora do artigo “A escritura do foro privado”, parte da coleção *História da vida privada, o livre de raison* “é um livro no qual um bom chefe de família ou um comerciante anota tudo que recebe e gasta a fim de manter um controle de todos os seus negócios” (FOISIL, 2009, p. 322). Articulam-se e elaboram-se em torno da contabilidade, mesmo quando são mais desenvolvidos e ricos em informações. Proliferaram nos séculos XVII e XVIII, junto com as memórias e os diários.

O cerne é a contabilidade, mas assim como os diários, são escritos no dia-a-dia e narram a “vida de cada dia em seu ritmo, seus mais prosaicos aspectos materiais, suas atividades mais comuns, registradas numa escritura elementar, em fórmulas que se repetem” (FOISIL, 2009, p. 325). Sua contribuição é remontar, muitas vezes com riqueza de detalhes, um modo de vida. Como descreve Foissil, o *livre de raison* traz

Vida de dentro, mas também vida de fora; gestos do interior, mas também gestos do exterior que pertencem igualmente à vida privada. Livro do espaço privado, mas também livro do tempo privado, registrado em horas e quartos de horas, e também em função do calendário litúrgico – santo do dia, grandes festas do ano – e da duração do movimento solar. Livro de vivência sensorial, da audição, do tato, ainda que figurem em notas fragmentadas e raras. Enfim, livro da experiência vivida, da saúde e da doença, escrito não no discurso cheio de considerações do erudito, mas na linguagem direta. (FOISIL, 2009, p. 326).

Foissil ressalta que cada *livre de raison* é uma obra autônoma, distinta e particular, embora pertença ao conjunto de um gênero.

1.6.3 Autobiografias e memórias

As autobiografias e as memórias, assim como os diários, as cartas e os ensaios, pertencem ao gênero autobiográfico, marcado por uma escrita auto-referente centrada na expressão de uma singularidade. O gênero autobiográfico tem origem em diversas outras formas de escritas pessoais que não chegam a ter o sujeito e sua individualidade como enfoque, como o *hypomnêmata* e o *livre de raison* vistos acima.

As autobiografias e as memórias, tratadas neste item, têm em comum o fato de serem uma narrativa de si feita em retrospectiva, com a possibilidade de ter uma visão geral do passado e reorganizá-lo como um todo, já que há um distanciamento entre o momento que se vive e o momento da escrita. São também narrativas feitas para serem lidas por um público geral.

As memórias são “o produto da escritura individual de personalidades públicas sobre a

repercussão de seus atos, o brilho da própria glória, ou sobre homens ou fatos dos quais foram testemunhas privilegiadas” (FOISIL, 2009, p. 322). O memorialista é aquele que escreve como observador ou espectador da própria vida ou da vida de alguém de quem foi amigo, servidor, companheiro. “Não escreve como testemunha, confidente ou confessor, como analista de si mesmo, mas relata o que todos podem ver. Nesses textos manifesta-se o eu atuante, o eu que não dispõe de tempo para refletir” (Id., Ibid., p. 323).

Foram as formas mais populares de escritas de si destinadas à publicação entre os séculos XVI e XVIII (PRANGE, 2003, p. 42), sendo que a partir do século XVI tornou-se moda escrever memórias (GOULEMOT, 2009, p. 380). Goulemot explica que, em geral, quem escrevia memórias neste período eram os representantes mais eminentes da elite social: marechais, chefes de facção, parlamentares. “Raros são os humildes ou os medianos que, mesmo possuindo os recursos culturais, conseguem redigir suas memórias” (Id., Ibid., p. 380).

Por esse carácter elitista, de só narrar a vida de pessoas que participaram da história pública, as memórias foram vistas como um gênero aristocrático. Desta característica, advém uma outra: as memórias reduzem as pessoas a seus atos públicos. Elas “se detêm onde começam o privado e o íntimo. Excluem de sua escritura tudo o que não se refira à vida pública. Ou mais: dão a entender que o privado e o íntimo não existem ou são desprovidos de interesse e impróprios ao discurso” (GOULEMOT, 2009, p. 380).

Apesar de fazerem parte do gênero autobiográfico, Foisil afirma não haver, ao menos nos memorialistas do século XVII, uma consciência do eu privado tal como o entendemos hoje em dia. “São mais autores de retratos quase oficiais que autobiográficos” (FOISIL, 2009, p. 323).

Já as autobiografias, em contraposição às memórias, põem em evidência o sujeito e sua vida particular. “Às memórias, o espaço público; à autobiografia, o íntimo e o privado. De um lado, o campo do ter; do outro, o do ser” (GOULEMOT, 2009, p. 392). Schittine explica que “as memórias falam mais daquilo que se viu e se entendeu dos fatos, enquanto a autobiografia é uma descrição da pessoa que o autor era na época” (SCHITTINE, 2004, p. 169).

Foisil (2009, p. 324) cita a definição que Philippe Lejeune dá às autobiografias em ensaio dedicado ao tema: “o relato retrospectivo em prosa que alguém faz da própria existência quando coloca a ênfase principal em sua vida individual, sobretudo na história de sua personalidade”. A ênfase no sujeito e em sua história particular é o traço que diferencia as autobiografias das memórias, calcadas no fato histórico em detrimento da pessoa.

De acordo com Rouche (2009), que escreve o artigo “Sagrado e Segredos” sobre a alta Idade Média, a autobiografia foi inaugurada pelas *Confissões* de santo Agostinho e era um

gênero literário abandonado no século VII. “Só reaparecerá mais tarde, no século XII, com Raoul Glaber e sobretudo Guibert de Nogent” (ROUCHE, 2009, p. 509). Duby (2009, p. 533), autor de “A emergência do indivíduo: a solidão nos séculos XI-XIII”, também menciona o florescimento da autobiografia no século XII e acrescenta Abelardo como expoente do gênero no período. Segundo o autor, já nesta época o eu reivindica uma identidade no seio do grupo e o direito de deter um segredo, distinto do segredo coletivo.

Mas, segundo Braunstein (2009), em artigo intitulado “Abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV”, a autobiografia liberta de toda coerção nasce apenas com a Idade Moderna, “que inventa um registro da narrativa de si mesmo independente da história e da apologética” (BRAUNSTEIN, 2009, p. 558). É o momento em que o homem, explica Braunstein, descobre-se no centro do universo entre os dois infinitos e exulta por ter recebido de Deus a faculdade de realizar-se em suas virtualidades e em suas inclinações.

Lejeune, em *L'Autobiographie en France* e em *O pacto autobiográfico*, tem visão parecida, como diz Barcellos (2009). O pesquisador francês situa o surgimento da autobiografia em meados do século XVIII, como um fenômeno radicalmente novo na história da civilização (BARCELLOS, 2009, p. 70).

A origem da palavra, que surge por volta de 1800, vem do grego: “escrita” (*graphein*), “de vida” (*bios*), “por si mesmo” (*autos*). E é só no século XX, segundo Schittine (2004), que a autobiografia alcança o sucesso e consegue seu lugar na paisagem literária. “Houve então uma cisão entre o romance e a autobiografia, e esta se tornou um gênero independente” (SCHITTINE, 2004, p. 189).

Apesar da diferenciação entre romance e autobiografia, há situações em que os dois gêneros se imiscuem. Isso ocorre, por exemplo, quando o autor insere conteúdos pessoais em seus textos ficcionais. Prange (2003) menciona a obra de Graciliano Ramos, em que três de seus romances (*Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*) são escritos em primeira pessoa; duas de suas obras (*Infância* e *Memórias do Cárcere*) são autobiográficas e mesmo *Vidas Secas* e *Insônia*, escritos na terceira pessoa, têm bastante presente a ótica do narrador. Para Prange, é preciso lembrar que “obras ficcionais podem guardar resquícios autobiográficos” (2003, p. 43).

Existem, inclusive, os romances autobiográficos, “uma mistura entre a realidade e a ficção” (SCHITTINE, 2004, p. 191). Neles, confunde-se o personagem principal ou o narrador com o autor da obra, já que o personagem e o autor são parecidos em muitos pontos.

1.6.4 Cartas

As cartas usadas como relato de si estão a meio caminho entre o diário, mantido em segredo, e as autobiografias e memórias, escritas para serem publicadas. Elas são escritas para serem lidas por pessoas íntimas, como explica Prange (2003, p. 37). São uma forma de narrativa de si para o outro, mas um outro específico.

Foucault aproxima as cartas dos *hypomnêmata*. Em parte porque as cadernetas pessoais podem servir de matéria prima para textos que são enviados a outros e, em parte, pela dupla função que ambos possuem de agir sobre quem os escreve e quem os lê. “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2004, p. 153). Mas o autor francês não considera a correspondência um simples prolongamento da prática dos *hypomnêmata*. “Ela é alguma coisa mais do que um adestramento de si mesmo pela escrita, através dos conselhos e advertências dados aos outros: constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros” (FOUCAULT, 2004, p. 156).

Segundo Foucault, a carta é um olhar que se lança sobre o destinatário e, ao mesmo tempo, uma maneira de se oferecer ao olhar do outro por meio do que se narra sobre si. Há um trabalho de introspecção na escrita da carta, mas, de acordo com Foucault, “é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 157).

Nas cartas estariam, na visão de Foucault, “os primeiros desenvolvimentos históricos dos relatos de si” (FOUCAULT, 2004, p. 157).

Mas nem todas as cartas podem ser consideradas como pertencentes ao gênero autobiográfico, apenas aquelas que usam suas linhas para narrar a vida privada do próprio autor. Até a Idade Média, as correspondências não costumavam ser usadas como relatos pessoais. Roncière, autor do artigo “A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença”, presente no volume 2 da coleção *História da vida privada* (2009), explica como as cartas evoluem de um teor meramente informativo a relatos pessoais. Segundo o autor, que escreve artigo sobre os modos de vida na Era Medieval, a dispersão territorial de famílias das cidades e campos italianos é um dado antigo por compromissos profissionais, mas ela se agrava nos séculos XIV-XV. Com isso, para não romper com o ausente e não perder o contato íntimo, surge a correspondência.

Resta a correspondência, a maravilhosa correspondência privada, descoberta e alegria dos italianos do século XIV. Escrever, trocar informações comerciais é, desde o século XIII, uma das técnicas comprovadas do sucesso mercantil dos italianos. Porém, à

medida que passam as gerações, notícias, cartas puramente privadas acrescentam-se às primeiras. Pouco a pouco, cada um se familiariza com a escrivãzinha: os homens para informar, dirigir; as mulheres para responder, avisar; as crianças para enviar alguma ternura reanimadora; os intendentos e notários para prestar contas. [...] a partir dos anos 1360-1380, o gosto, a necessidade de escrever são atestados amplamente na sociedade, vastas correspondências são conservadas, e é possível que essa data corresponda, ao menos em Florença, a um limiar, a uma aceleração, a uma difusão na prática da correspondência privada. (RONCIÈRE, 2009, p. 260).

Nas cartas de escritos pessoais, os “eu” privado era narrado, mas ainda que elas fossem dirigidas a pessoas íntimas, havia um certo limite à exposição de si, já que as cartas sempre corriam o risco de serem lidas por outras pessoas diferentes daquelas a quem se destinavam. Prange lembra que o direito ao segredo da correspondência só foi reconhecido no final do século XIX, inicialmente na Inglaterra, quando as autoridades deixaram de controlar as cartas nos postos de correio. Com a ressalva de que os maridos ainda tinham o direito de ler as correspondências de suas esposas e, nos internatos e prisões, os internos e detidos tinham suas cartas supervisionadas (PRANGE, 2003, p. 39).

Sendo assim, as cartas por muito tempo serviram mais como “exercício de convenções sociais do que propriamente um espaço para se falar de si” (PRANGE, 2003, p. 39). Prange menciona a análise de cartas de famílias burguesas do final do século XIX e início do século XX feita por Anne Martin-Fugier. Segundo o estudo, essas correspondências transmitiam informações que podiam ser lidas por toda a família: eram relatos sobre os filhos, os negócios, as visitas, contratos interfamiliares e, principalmente, sobre a saúde. Quase não continham expressões de sentimentos íntimos. Possuíam a função ritual de marcar laços afetivos, valendo menos pelo que diziam do que pela regularidade de seu funcionamento (PRANGE, 2003, p. 39).

Segundo Prange, “em outras épocas, porém, novos usos das correspondências mostram que as questões relativas à privacidade deixam de ser tão preocupantes ou, pelo menos, passam a ser solucionadas de outra maneira” (2003, p. 39). Uma dessas estratégias é, por exemplo, o anonimato das cartas enviadas às seções de confissões das revistas femininas, nas décadas de 1930 e 1940, afirma Prange. Anônimas, as mulheres sentiram-se menos reprimidas para revelar suas intimidades.

1.6.5 Ensaaios

O ensaio é um tipo de texto em que o autor expõe suas experiências, observações e reflexões sem nenhuma amarra a vínculos temporais. Quando este gênero discursivo surge, no

século XVI, com Michel Montaigne, altera profundamente a forma como se produzia conhecimento até então, já que o homem passa a indagar ao seu próprio “eu” em busca de respostas. Como explica Goulemot, “Os Ensaios não se cansam de repetir que o conhecimento, e mesmo a sabedoria, em última análise nunca é exterior ao sujeito que o procura, escolhe e ordena. É ele que o constitui, e com isso Montaigne recusa todo conhecimento pré-constituído. (GOULEMOT, 2009, p. 365).

Segundo Goulemot, não se considerava que o “eu” pudesse ser fonte de sabedoria e nem de conhecimento. E o interesse pelo “eu” era visto como ridículo e inútil. No pior dos casos, pecado. Com os ensaios, Montaigne altera o ato de escrever e tem consciência de que realiza tal transformação (GOULEMOT, 2009, p. 366).

Só três séculos posteriores ao pioneirismo de Montaigne é que os ensaios se tornaram enormemente populares (SIBILIA, 2008, p. 96). Os ensaios “contribuíram para a gradativa secularização da idéia de interioridade, pois neles se celebram as virtudes da auto-exploração por meio da escrita” (Id., Ibid., p. 96).

1.6.6 Diários íntimos

As características, funções e história do diário já foram analisadas no início deste trabalho. O presente tópico visa demarcar que o diário íntimo é uma forma de narrativa do “eu” e parte integrante dos escritos autobiográficos. E, dentro do panorama deste gênero, agora exposto, fazer algumas comparações antes não possíveis.

Uma delas é o fato de o diário íntimo ser redigido dia a dia de maneira livre, sem se propor a ser um relato retrospectivo (SCHITTINE, 2004, p. 190), ao contrário do que ocorre com as autobiografias e as memórias, cujos autores, na hora de contar uma certa história, recuperam o passado tendo uma visão global da história vivida. No diário íntimo, o que se vive e o que se narra estão muito próximos no tempo. Nas autobiografias e nas memórias, há um distanciamento temporal entre o que se escreve e as experiências narradas.

Outra diferença entre diários íntimos e as demais práticas de auto-relato, como memórias, autobiografias, cartas e até mesmo os ensaios, é que os diários costumam ser escritos e guardados em segredo. “O diário talvez seja um dos gêneros que melhor represente a escrita explícita de si destinada ao consumo do próprio autor” (PRANGE, 2003, p. 30).

1.6.7 Blogs confessionais

O alvo do presente estudo são os blogs confessionais, ou seja, aqueles constituídos por relatos auto-referentes. Ao analisar a história das escritas do “eu” e as diversas práticas existentes, pode-se perceber nelas muitas características comuns aos blogs confessionais. Podemos supor então que os blogs confessionais são mais uma modalidade de escrita de si que vem a se somar às demais existentes.

Antes é preciso reconhecer que o ato de narrar a si mesmo acompanha o homem desde a Antigüidade e a forma como ele expressa essa narrativa varia de acordo com o contexto em que vive e reflete as “as mudanças sociais, tecnológicas e subjetivas ocorridas” (PRANGE, 2003, p. 53).

No blog confessional, que tem páginas da Internet como suporte, o autor narra a si mesmo de forma regular e fragmentada em *posts*, à moda dos diários íntimos, o que talvez favoreça a freqüente comparação entre as duas práticas. Outra aproximação com os diários é a proximidade temporal entre o que se escreve e a experiência vivida. Tanto no blog quanto no diário, o autor não costuma fazer uma análise retrospectiva de sua história, ele narra o presente.

No entanto, o diário íntimo é mantido em segredo. Já o blog confessional é publicado. Essa característica o afasta do diário e o aproxima das autobiografias e das memórias, que são escritas visando a um público leitor. Para Prange, dar publicidade a escritos íntimos exige dos autores “doses significativas da necessidade de falar de si e, ainda, do desejo de se revelar nas escrituras” (2003, p. 106).

Apesar de à primeira vista parecer que os textos postados em blogs confessionais são destinados a um público em geral, já vimos em outra parte deste trabalho que o blogueiro usa uma série de artimanhas para cercear o olhar do outro. Há, por exemplo, mensagens cifradas que só podem ser entendidas pelo destinatário pretendido. Desta forma, os escritos postados em blogs muitas vezes se aproximam da carta, que é escrita tendo como alvo a leitura de pessoas específicas.

Prange ressalta que a comunicação com outras pessoas é uma das funções dos blogs e que, nos estágios iniciais, as visitas que o blog recebe são, essencialmente, de pessoas com quem o autor já têm alguma intimidade. É comum que sejam postadas mensagens que “assumem a forma epistolar e que são direcionadas a pessoas íntimas” (PRANGE, 2003, p. 136).

A definição que Foucault dá às cartas também aproxima bastante os blogs confessionais da prática epistolar:

A carta é também uma maneira de se apresentar a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana. Narrar o seu dia – não absolutamente por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente quando ele não é senão semelhante a todos os outros, demonstrando assim não a importância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser – faz parte da prática epistolar. (FOUCAULT, 2004, p. 159).

Nos blogs, seus autores nada mais fazem do que narrar a própria vida na “banalidade do cotidiano”, para usar uma expressão de Alex Primo, e apresentá-la a seus leitores, algo bem próximo das cartas descritas por Foucault.

Como vimos, os textos postados em blogs confessionais podem ser públicos ou dirigidos a certas pessoas íntimas. Mas eles assumem também funções relacionadas à escrita de si para si mesmo (PRANGE, 2003, p. 106). Prange explica que a escrita de si, mesmo quando publicada, envolve sempre processos da escrita de si para si mesmo. Um desses processos é a leitura por parte do próprio autor. “No caso dos blogs, a leitura dos próprios registros costuma ocorrer em dois momentos: antes da publicação e, também, em períodos posteriores à publicação” (PRANGE, 2003, p. 110). E o ato de narrar-se, segundo Prange, é catártico para muitos blogueiros, um traço marcante da escrita de si para si mesmo.

O objetivo deste tópico era evidenciar que os blogs confessionais, apoiados em tecnologias de comunicação contemporâneas, constituem uma nova possibilidade de relatar a própria vida. Isso sem perder de vista que o narrar a si mesmo, como é feito atualmente nos blogs confessionais, é uma prática que existe desde a Antigüidade assumindo diversas formas e funções. No capítulo seguinte, será feito um levantamento do que pesquisadores da cibercultura, que tiveram blogs como tema de seus estudos, apontam como motivações para a criação e a manutenção de tais páginas da Internet. Ou seja, quais são as motivações para a escrita do “eu” mais em voga em nosso tempo.

2 POR QUE SE *BLOGA*, ESTADO DA ARTE

Sabe-se que os blogs confessionais surgiram possibilitados pelo avanço das novas tecnologias de comunicação. Foi a maior facilidade técnica de publicar e manter páginas na Internet, com *softwares* que tornaram automática e gratuita a confecção desses sites, que permitiu a prática a uma legião de novos blogueiros, dando origem ao primeiro *boom* de blogs na rede, que fez nascer e se tornar tão comum os blogs confessionais.

A capacidade técnica, com certeza, está na base deste fenômeno na *Web*. Mas o que levou tantas pessoas a se apropriar da ferramenta especificamente para falar de si? Pesquisadores da cibercultura, ao estudar blogs, mencionam motivações, de naturezas diversas, que podem ser as impulsionadoras desta prática. A proposta deste capítulo é justamente reunir as principais hipóteses levantadas por pesquisadores, ao estudarem blogs, para explicar por que tanta gente tem se apropriado desta ferramenta para narrar a própria vida. Como o escopo deste trabalho são blogs e blogueiros inseridos na realidade brasileira, optou-se por restringir a investigação teórica a pesquisadores da cibercultura também atuantes no cenário nacional.

Muitos desses pesquisadores apóiam-se em teorias diversas levantadas por autores de diferentes áreas para montar suas próprias linhas de pensamento com relação aos blogs. Não iremos discutir neste trabalho a correção da interpretação, pelos autores que tratamos aqui, das teorias que a eles servem de base. O que nos interessa é o uso que fazem de sua própria interpretação dessas teorias, mais do que a verificação de se a interpretação é exata ou não.

Entre as hipóteses encontra-se, por exemplo, a possibilidade de a escrita de si em blogs confessionais ser usada para que os indivíduos construam (PRANGE, 2003; LEMOS, 2002; SIBILIA, 2007 e 2008) e expressem (RECUERO, 2003) a própria identidade. Identidade essa que, na atualidade, seria formada em um processo mais exposto ao olhar do outro e dependente deste (BRUNO, 2004; BRUNO e PEDRO, 2005; COSTA, 2008; SIBILIA, 2003). É levantada também a hipótese de os blogs confessionais servirem de suporte para uma busca de uma personalidade singular que se destaque da massa (SLADE, 2007) e, caso seja essa busca de singularidade associada ao desejo de exposição desta, funcionarem como meio de alcançar fama (SCHITTINE, 2004; LOBO, 2007; SIBILIA, 2007; SIBILIA, 2008; PRIMO, 2009b).

Há também os que defendem ser apenas uma nova forma de sociabilidade – de criar e manter um espaço de comunicação e de interação social –, como Primo (2006 e 2007), Lobo (2007), Amaral, Recuero e Montardo (2009), Recuero (2003, 2004 e 2005), Malini (2008) e Schittine (2004). Ou, ainda, os que apontam ter surgido como reflexo de um novo posto

ocupado pela visibilidade na sociedade contemporânea (BRUNO, 2004; SIBILIA, 2007; SIBILIA, 2008; COSTA, 2008); e mesmo como reflexo da forma como passamos a lidar com o tempo na pós-modernidade (*presenteísmo*), de acordo com as visões de Sibilía (2005; 2008) e Lobo (2007).

Há pesquisadores, como Sibilía (2007), Lobo (2007), Schittine (2004), Lemos (2002) e Oliveira (2002), que vêem nos blogs confessionais uma nova modalidade de literatura ou um novo suporte, independente do circuito editorial tradicional, para que escritores publiquem seus textos e testem o valor de seus escritos (VIDAL; AZEVEDO; ARANHA; 2008), (DI LUCCIO e NICOLACI-DA-COSTA, 2007), (SCHITTINE, 2004), (LOBO, 2007), (SLADE, 2007), (SIBILIA, 2008), (AMARAL; RECUERO; MONTARDO; 2009).

Os blogs confessionais, segundo Schittine (2004), Prange (2003) e Di Luccio e Nicolaci-Da-Costa, 2007), poderiam também apenas dar vazão a um desejo, antigo e universal, que o homem apresentaria de ser lido. Schittine (2004) e Sibilía (2008) falam ainda em ser uma forma de preservar a memória de seu autor – para si e para os outros. E, para Lobo (2007), Schittine (2004) e Prange (2003), serviriam como uma válvula de escape das emoções.

Outra motivação, segundo mencionam Schittine (2004) e Sibilía (2003; 2008), é o surgimento de blogs confessionais impulsionado pela exacerbação da privacidade e do individualismo, que teria levado o indivíduo a se sentir tão fechado em si na vida “real” que ele teria precisado buscar o olhar do outro na rede, o que discute-se logo abaixo, no primeiro dos tópicos deste capítulo que irá detalhar cada uma das hipóteses, rapidamente indicadas acima, encontradas em estudos de pesquisadores brasileiros que analisam blogs.

2.1 Reflexo da exacerbação da privacidade

Muito se fala que os blogs confessionais tornam público o que o indivíduo tem de mais íntimo em sua vida privada. Por ironia, essas páginas de escrita pessoal na Internet podem ter surgido como válvula de escape de uma defesa da intimidade que se tornou tão exacerbada que isolou o indivíduo em si a ponto de ele precisar escancarar a vida a estranhos para respirar novamente. A hipótese é levantada por Schittine (2004).

Para entender como isso se deu, Schittine (2004) faz um percurso histórico que descreve como e quando surgiu a idéia de privado em oposição a público e de que modo o individualismo foi ganhando força até isolar esse indivíduo em si e fazê-lo buscar o olhar do outro no mundo virtual, em especial nos blogs confessionais. Em outros estudos, Sibilía (2003; 2008) levanta

hipótese parecida, também recorrendo ao surgimento de ambientes privados e ao recrudescimento da intimidade no século XIX para explicar o desejo de escrever sobre si, hábito tão presente hoje em dia nos blogs.

2.1.1 Histórico da relação público/privado

É importante lembrar, frisam as autoras, que o público e o privado são invenções recentes, já que nem sempre houve essa distinção de esferas. Sibilia (2003) afirma que essa separação é uma invenção histórica, algo cultural e delimitado no tempo. A palavra intimidade é uma criação tipicamente burguesa, que se afirmou com a ascensão da classe, como assinala Jürgen Habermas (1984), mencionado por Schittine (2004, p. 53). Na Idade Média, não se conhecia essa expressão. Viviam-se em público, sem a existência de quase nenhuma intimidade.

Em meados do século XVII, explica Schittine (2004, p. 47), o contato e as relações entre os indivíduos no espaço público eram estimulados na Europa, em especial pelas cortes francesas e inglesas. As pessoas se conheciam pelo nome e tinham seus feitos enaltecidos em público, assim como suas reputações avaliadas por todos. O revés disso era que a vida íntima de cada um era muito invadida, devassada.

No século XVIII, com o crescimento das cidades, o “outro” passou a ser alguém menos próximo e personalizado. Nos aglomerados urbanos, surgiu um grande número de desconhecidos, uma platéia de estranhos, que cresceu em número até se tornar uma multidão de desconhecidos. Surgiu um problema: a falta de confiança de qualquer um frente a estranhos. Para angariar a credibilidade perante esses estranhos, as pessoas passaram a adotar comportamentos “adequados” ou “verossímeis”, passando a representar um comportamento social tendo em vista a reação do outro. Cada aparição social devia ter poder de convencimento e, para isso, o indivíduo precisava atuar, como relata Schittine (2004, p. 48).

Ou seja, a partir do século XVIII surgiu o espetáculo das aparências da vida cotidiana, com gestos e símbolos que até poderiam ser reais, mas, como explica Schittine, transmitiam emoções representadas. Novos locais de encontro para a multidão de estranhos, onde estes papéis eram encenados, foram criados. No século XIX, os locais públicos eram espaços onde as pessoas podiam ver e ser vistas. Mas o comportamento em público muito se restringia à observação, do que decorre o forte *voyeurismo* do século posterior.

A idéia de privacidade, no século XIX, começa a ganhar força associada à vida burguesa, com os indivíduos e as famílias procurando um certo “refúgio”, um local para se proteger do meio público (Sibilia, 2003). Surge um muro entre o público e o privado. O comportamento

social se restringe à observação. Com o passar do tempo e o afastamento cada vez maior entre as esferas pública e privada, como aponta Schittine (2004, p. 49), a intimidade também passou a ser encenada.

Ainda no século XIX a sociedade começou a desenvolver os traços de individualismo que se mostram exacerbados hoje em dia a ponto de fechar o sujeito em si. O privado começa a se sobrepor sobre o público. A defesa contra o *voyeurismo* alheio foi a retenção do sentimento, com a manutenção do silêncio para proteger, na vida pública, a privacidade.

A intimidade passou a ser preservada e construiu-se uma cisão entre a vida pública e a vida privada. Em público, encenavam-se papéis; a sinceridade ficava para a vida privada. O crescimento das cidades e o aumento do número de estranhos foi algo que impulsionou tal comportamento, já que falar de si com quem não se conhece foi se tornando inconveniente até ser banido.

O refúgio era a família e o núcleo familiar foi, aos poucos, se distanciando da esfera pública e se fechando em seus rituais privados. No início do século XX, a vida privada coincidia com a familiar, aponta Schittine (2004, p. 50).

A casa burguesa refletiu essa mudança, com a divisão em vários aposentos – sendo alguns ambientes próprios para receber visitas ou empregados: os estranhos. A divisão, às vezes, chegava a um cômodo para cada habitante da casa, o que refletia o desejo de se estabelecer uma vida privada, individual, dentro da vida familiar. Tendência essa que vem decaindo novamente nos tempos atuais – basta lembrar a moda dos *lofts*, sem paredes entre os cômodos. Isso estaria ocorrendo porque o espaço privado se desloca para o plano virtual, afirma Schittine (2004, p. 51).

Mas ainda levou algum tempo para a conquista do espaço individual. A privacidade se confundia com a vida doméstica. A vigilância social se converteu em vigilância familiar.

O lar aparece como sendo o espaço privado por excelência, capaz de resguardar a intimidade, que cada vez mais é associada à vida interior de seus habitantes. A divisão em esferas públicas e privadas já vinha se delineando, mas foi a ascensão da classe burguesa que trouxe uma esfera ainda mais recolhida: a “íntima”. É nela que terá lugar escritas íntimas como o diário, aponta Schittine (2004, p. 54).

Isso se dá nos lares, com os cômodos ocupando cada vez mais funções específicas, quando aparecem os *cabinet*, quartos íntimos para atividades privadas como a escrita. Ao citar o historiador inglês Peter Gay (1992), Sibilia (2003) relata que ter um “quarto próprio”, onde o mundo interior de seu dono podia se expressar, entre outras formas, por meio da escrita, passou a ser um sonho de consumo.

Surgiam novos prazeres resguardados dos olhares públicos, como a escrita íntima. Foi desta maneira que foram se configurando dois campos distintos: os espaços públicos e privados (SIBILIA, 2003).

Haveria uma estreita ligação entre o surgimento dos conceitos de público e privado, do florescimento da intimidade e da escrita de si. Como explica Sibilia (2003), os novos ambientes íntimos e privados que começaram a proliferar incentivavam a introspecção, o conhecimento da vida interior, o que muitas vezes acabava registrado de forma escrita.

É importante frisar que toda essa proteção da vida privada, individual, é tipicamente burguesa. Nos lares mais pobres, as casas eram pequenas, os poucos cômodos compartilhados e a privacidade difícil de ser mantida, afirma Schittine (2004).

Fatores socioculturais, como independência financeira e sexual, a admissão pelos casais do “morar junto” e o casamento por amor, fizeram crescer o individualismo. O indivíduo começa a investir em si mesmo: consumo, culto ao corpo, beleza e saúde são as novas preocupações. Se a família foi o refúgio do público, agora o indivíduo quer também se libertar dela e se afirmar como ser único. Impulsionado por valores literários românticos do século XIX, o indivíduo passa a ocupar o papel central.

Surge a figura individual moderna, separada da sociedade e da própria família. O aumento do conforto material também insuflou o individualismo, ao garantir casas mais espaçosas com um cômodo para cada morador, já que eles puderam passar a se isolar em seus quartos. Isolamento que só aumentou com a chegada dos aparelhos eletrônicos, como a TV, que logo se disseminou e passou a constar no quarto de cada um. Surge também o computador que, como observa Schittine (2004, p. 55), em pouco tempo se torna individual. A intimidade e o conforto isolam o indivíduo da própria família – o “estranho” passa a estar dentro da própria casa e qualquer ultrapassagem da fronteira íntima individual é considerada uma invasão.

Por outro lado, começa um movimento inverso. A burguesia, que tanto lutou para separar o espaço público do trabalho do privado da família, começa a confundi-los novamente. Isso porque o individualismo e a incessante busca por acumular dinheiro fazem aumentar o tempo gasto no trabalho e diminuir o tempo privado. Com isso, o indivíduo vê roubado seu tempo de vida pessoal e os diferentes espaços começam a se fundir. Mais amizades começam a se formar no próprio trabalho e, por outro lado, começa-se a levar mais tarefas profissionais inacabadas para serem feitas em casa.

A hipótese de Schittine (2004, p. 57) é de que, para garantir o tempo de si, as pessoas encontraram, no computador, um meio de estar em dois lugares simultaneamente: um ambiente de trabalho e de obrigações com a família e com os amigos e um ambiente onde cuidam de si.

O computador permite o isolamento do meio em que o indivíduo vive, ao mesmo tempo em que abre relações para outros meios. Estando na mesma casa (ou na mesma sala de trabalho), passa a ser possível realizar atividades privadas sem o conhecimento dos que vivem ao redor. Se o espaço privado encolhia, ele se volta para o mundo virtual. Um dos componentes desse mundo são os blogs confessionais, onde encontra ouvintes (e mesmo interlocutores) para sua vida íntima.

Ou seja, os burgueses, no século XIX, criaram uma nítida divisão entre as esferas pública e privada. Com o tempo, o espaço privado, que coincidia com o espaço familiar, foi se tornando ainda mais restrito e pessoal até isolar o indivíduo em uma intimidade que só poderia ser vivida em si mesmo, explica Schittine (2004). Um individualismo extremado que levou o sujeito a um isolamento sufocante e o motivou a buscar o olhar do outro no mundo virtual, onde encontrou a segurança de poder se mostrar sem ter seu espaço privado no mundo “real” invadido. A sociedade inventou a individualidade e afastou o indivíduo da vida social, mas ele sentiu posteriormente a necessidade de se reintegrar nessa vida e a saída que encontrou foi o mundo virtual. O indivíduo teria criado uma nova maneira de abrir seu mundo privado.

2.1.2 Privacidade exposta na rede

Schittine explica que a solidão deste indivíduo recluso em si mesmo é uma das razões que o leva a desdobrar seu mundo para uma outra esfera que, embora virtual, dá acesso a relações com pessoas reais. Segundo a pesquisadora, o indivíduo se fechou tanto que acabou virando um estranho para si mesmo, “de tal forma que só poderá voltar a se entender se puder ver no outro um reflexo de si próprio” (2004, p. 35). Esse seria também um dos motivos que levaria à reabertura para o público. Um público com quem iria manter um contato virtual que iria ajudá-lo a redefinir sua identidade.

É neste momento, de abertura do indivíduo no plano virtual, estabelecendo contatos com pessoas reais, mas distantes fisicamente, que irá surgir “a possibilidade do paradoxo de um diário íntimo na Internet” (SCHITTINE, 2004, p. 18) ou, como denomina-se neste trabalho, de um blog confessional.

O indivíduo abre sua privacidade publicando escritos pessoais e, como explica Sibilía, deseja ser visto em sua intimidade.

Mais do que uma intromissão, nestes casos o olhar alheio pode ser uma presença desejada e reconfortante. Longe de tão falado temor à invasão da privacidade, trata-se aqui de uma verdadeira vontade de evasão da própria intimidade, um anseio de ultrapassar os velhos limites para abrir infiltrações nos antigos muros divisores. Nesta imagem ecoam os desejos de transparência total dos autores de blogs com furor

confessional. (2008, p. 262).

Mas é preciso lembrar que essa transparência dos autores de blogs confessionais e esse alargamento do grau de exposição e de compartilhamento da privacidade não é voltado a qualquer um, mas feito de uma nova maneira, afirma Schittine (2004). Com os blogs confessionais, abrem margem para a observação externa de suas vidas, mas, para isso, exigem que ela venha de longe, que seja difusa, que não exija o contato face-a-face (SCHITTINE, 2004, p. 34). “Os destinatários imaginários do diário íntimo agora são reais. Mas um real distante fisicamente, que não influi diretamente na ‘vida real’” (Id., Ibid., p. 58) de quem escreve.

O indivíduo contemporâneo, em ferramentas da rede como os blogs confessionais, reabre a sua privacidade, mas apenas àqueles do campo virtual, com quem estabelece uma aproximação protegida pela segurança da distância. As esferas do público e do privado, no mundo “real”, continuam bem delimitadas. O estranho com presença “concreta” continua a ser mantido afastado das revelações da vida íntima, é o que conclui Schittine (2004).

Assim como a relação do indivíduo com o outro, no estabelecimento de esferas públicas e privadas, tem uma história que, segundo Sibilía e Schittine, acaba por conduzi-lo a narrar a vida íntima em blogs confessionais, a relação deste mesmo indivíduo com o olhar do outro também não foi sempre a mesma ao longo dos séculos, é o que explicam Bruno (2004), Sibilía (2007; 2008) e Costa (2008). No próximo tópico, discute-se de que forma o olhar alheio teria se tornado desejável e como essa nova necessidade de visibilidade contribuiria para motivar a profusão de páginas em que se expõe a intimidade na Internet.

2.2 Novo posto ocupado pela visibilidade

A explosão de blogs confessionais, assim como de fotologs, webcams e todos os programas voltados para a exposição de si, pode ter uma ligação direta com o papel que a visibilidade passou a ocupar hoje em dia: o olhar se voltou para a rotina de pessoas comuns e, de certa forma, passou a ser demandado. Essa hipótese aparece no artigo “Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação”, de Fernanda Bruno (2004). Sibilía (2007; 2008) também defende o desejo de visibilidade como sendo uma das motivações para a escrita de blogs confessionais. E Costa (2008) mostra como o olhar do outro passa a ocupar o posto central.

Sibilía, por exemplo, observa que “o fato de os novos diários íntimos serem publicados

na Internet não é um detalhe menor, pois o principal objetivo de tais estilizações do *eu* consiste precisamente em conquistar a visibilidade” (2008, p. 75, grifo da autora). O desejo de visibilidade aparece, portanto, explicitamente como motivação para a escrita de blogs confessionais.

Mas antes de analisar, na posição das autoras, por que o indivíduo, na sociedade contemporânea, tem a necessidade de se tornar visível e a ligação dessa necessidade com os blogs confessionais é preciso entender a historicidade do tema, ou seja, as diversas formas como a visibilidade foi encarada ao longo dos séculos, de acordo com a interpretação de Bruno (2004) – sendo algumas vezes vista como um entrave à vida e outras, como na atualidade, considerada algo positivo.

2.2.1 Visibilidade: de estorvo a desejo

Bruno (2004) explica as várias fases e mudanças de estatuto por que passou a visibilidade e o controle de si pelo olhar alheio. Ela diz que a referência a Foucault (1983) é indispensável. “Em sua ‘genealogia da alma moderna’ (1983, p. 31), uma das definições do projeto de Vigiar e Punir, a subjetividade é inseparável dos dispositivos de visibilidade. As instituições disciplinares, que encontram seu modelo ideal no Panóptico, são máquinas de ver que produzem modos de ser” (BRUNO, 2004, p. 2).

Na modernidade, ao contrário do que acontecia no período anterior, em que os olhares se voltavam para os detentores do poder – reis e rainhas –, o olhar voltou-se para as pessoas comuns.

O olhar não recai mais sobre aqueles que exercem o poder, mas sobre aqueles sobre quem o poder é exercido. Sobre o indivíduo comum, ordinário, e ainda mais sobre aqueles que estão aquém do comum e mediano – o desviante, o anormal. Trata-se, de fato, de um olhar individualizante, de um poder que individualiza pelo olhar, tornando visível, observável, analisável, calculável o indivíduo comum. Deste modo, o poder torna-se cada vez mais anônimo enquanto o indivíduo comum ou desviante, exposto à visibilidade, torna-se cada vez mais objetivado e atrelado a uma identidade – o criminoso, o doente, o louco, o aluno, o soldado, o trabalhador têm seus comportamentos, sintomas, manias, vícios, falhas, desempenhos, aptidões, méritos e deméritos investidos, conhecidos, registrados, classificados, recompensados, punidos por uma maquinaria de vigilâncias hierarquizadas. (BRUNO, 2004, p. 2).

Desta forma (e resumindo muito a teoria de Foucault sobre o dispositivo disciplinar), na modernidade a visibilidade não era desejada porque ser visto era uma forma de ter a vida vigiada e controlada. O olhar era centralizado (modelo do Panóptico), dirigido de poucos sobre muitos, e tinha um caráter coercitivo. Além disso, a vigilância era interiorizada, já que o recluso – em ambientes como escolas, fábricas, hospitais e clínicas psiquiátricas – não podia verificar se, em

um dado momento, estava sendo observado de fato. Sendo assim, pela simples possibilidade da vigilância, essa se tornava constante e independente da presença real do vigia (BRUNO, 2004).

Até mesmo quem não estava recluso nesses ambientes se submetia ao “olhar” do poder e da norma (o que ficou conhecido como sanção normalizadora), já que não era desejável se identificar com os comportamentos desviantes, indesejáveis.

Nesta medida, os dispositivos de visibilidade modernos fundam uma subjetividade que deve aplicar sobre si mesma, no recolhimento de sua interioridade, os procedimentos de observação e correção que lhes são aplicados do exterior. O dispositivo disciplinar consegue assim, na sua forma ideal, lançar luz sobre aquilo que de outro modo restaria na sombra e na invisibilidade, o que, para esta forma de poder, pode ser um meio de proteção e resistência. Como vimos, a autovigilância só se cumpre a partir da identificação com o olho do poder, representante da norma, e sua respectiva interiorização. (BRUNO, 2004, p. 8).

Na modernidade, o poder se baseava na exposição do indivíduo comum à visibilidade. A visibilidade, portanto, era indesejável. Na pós-modernidade, com o surgimento de tecnologias como a televisão, o olhar novamente muda de foco. De acordo com Bruno, se acompanharmos a trajetória das tecnologias de comunicação, “desde a TV até a Internet, e a compararmos ao modelo panóptico, apreenderemos uma série de inversões, desvios e deslocamentos na relação entre indivíduo e visibilidade” (BRUNO, 2004, p. 9).

Com o advento dos meios de comunicação de massa, em especial da TV, muitos voltaram a vigiar poucos. Só que, em vez de ter no centro dos olhares reis e rainhas, passou-se a ter celebridades do mundo televisivo. Por alguns anos, a visibilidade deixou, mais uma vez, de incidir sobre o indivíduo comum, ordinário e passou a estar centrada na figura de popstars. “O indivíduo comum, a massa, passa à condição de observador de uns poucos dignos de visibilidade, deixando de ser objeto de coerção ou correção para se tornar alvo de um poder que se exerce sobretudo por sedução” (BRUNO, 2004, p.9, 10).

Mas não demora muito tempo até que o indivíduo comum ingresse no reino televisivo.

O crescente aumento de programas de caráter confessional e ‘realista’ coloca os holofotes sobre o indivíduo e sua realidade ordinária, seus problemas psíquicos, conjugais, pessoais. [...] O que desejamos ressaltar é o retorno do foco de visibilidade sobre o indivíduo comum, agora residente não mais nas instituições disciplinares. (BRUNO, 2004, p. 10).

Ou, como explica Paula Sibilia, ao falar sobre a crescente expansão de narrativas biográficas no mundo contemporâneo:

Uma intensa ‘sede de realidade’ tem eclodido, um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e *reais*. [...] Por um lado, o foco do interesse foi desviado, abandonando gradativamente as ‘figuras ilustres’ e as ‘vidas exemplares’ ou ‘heróicas’ para se dirigir às pessoas comuns, sem desprezar a busca daquilo que toda figura extraordinária também tem de ‘comum’. Por outro lado, há um deslocamento em direção à intimidade, ou seja, àqueles âmbitos da existência que antes eram conhecidos de maneira inequívoca como *privados*. Enquanto os limites do que se

pode ver e mostrar vão se alargando, a esfera da intimidade se exacerba sob a luz de uma **visibilidade** que se deseja total. (2007, p.185, grifos do autor).

Bruno explica que novas ferramentas tecnológicas, como blogs e webcams, surgem como um novo campo de visibilidade para o indivíduo comum. Campo que apresenta duas características relevantes: “a vigilância e a exposição da vida íntima e privada” (BRUNO, 2004, p.10).

Mas, ao contrário do que ocorria na modernidade, essa vigilância deixa de ser indesejável e não mais tem o caráter disciplinar e coercitivo. É o próprio indivíduo quem agora expõe sua intimidade, dá visibilidade a ela e deseja o olhar alheio.

[...] os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação. Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’, ao alcance do ‘olhar’, escrutínio ou conhecimento do outro, o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si. Nos weblogs de caráter ‘confessional’ e nas webcams pessoais esta exteriorização é patente. É importante notar que não se trata tanto da exteriorização de uma interioridade constituída, por natureza recôndita, que passa a se expor, mas principalmente de uma subjetividade que se constitui prioritariamente na própria exterioridade, no ato mesmo de se projetar e de se fazer visível a outrem. (BRUNO, 2004, p.11-12).

A visibilidade, a exposição ao olhar o outro, passa a ser voluntária. Bruno arrisca a hipótese de que “o olhar do outro deixa de ser dado pelo coletivo, pela sociedade e passa a ser demandado, conquistado pelo próprio indivíduo” (BRUNO, 2004, p.14).

Costa (2008) cita Jameson (2006) para corroborar essa hipótese. Segundo ele, “o olhar é o que estabelece a minha imediata relação com as outras pessoas, mas ele o faz por meio de uma reviravolta inesperada, na qual a experiência de ser olhado se torna primordial e meu próprio olhar uma reação secundária” (JAMESON apud COSTA, 2008, p. 4).

É neste ponto que o novo posto ocupado pela visibilidade aparece como uma das motivações para a escrita de blogs confessionais. Segundo Bruno (2005), atualmente, o olhar público parece não mais estar dado, precisando ser conquistado pelos próprios indivíduos. “As práticas de exposição de si na Internet podem ser vistas neste sentido como uma demanda pelo olhar do outro, que se torna assim uma conquista individual, privada e não mais um dado público” (BRUNO, 2004, p.15).

O contexto para todas essas mudanças é a privatização das trajetórias individuais (BRUNO, 2004), com o progressivo declínio das grandes instituições e dos atores sociais organizados. O que era público – saúde, formação, trabalho – passa a ser cada vez mais de responsabilidade particular. E até o que “parecia público quase que ‘por natureza’ – o olhar do outro” (BRUNO, 2004, p. 16) se torna uma responsabilidade do próprio indivíduo.

Na ausência do grande olho público, a intimidade se volta para fora, como que em

busca de um olhar que a reconheça e lhe atribua sentido, existência. [...] O foro íntimo deixa de ser experimentado como o refúgio mais autêntico e secreto para se tornar uma matéria artificialmente assistida e produzida na presença explícita do olhar do outro. (BRUNO, 2004, p. 16).

No novo posto ocupado pela visibilidade, portanto, o indivíduo a deseja por precisar do olhar do outro sobre si para legitimar sua própria existência.

2.2.2 Mostrar-se para “ser”

Os blogs confessionais apareceriam como forma de ampliar a visibilidade de pessoas comuns. Visibilidade que se tornou almejada por ser um meio de reconhecimento em uma sociedade em que o indivíduo só existe se ele é capaz de fazer saber que ele existe (BRUNO, 2004). Como lembra Sibilia:

Se no século XIX, em plena efervescência dos diários, das cartas, dos romances e dos folhetins, tinha-se a sensação de que tudo existia para ser contado em um livro – para lembrar a célebre expressão de Stéphane Mallarmé –, hoje a impressão é de que só acontece aquilo que é exibido em uma tela. (SIBILIA, 2003).

E ser visto passa a ser um almejado troféu, explica Sibilia (2008), porque “cada vez mais é preciso *aparecer* para *ser*” (p. 112, grifos da autora). Segundo a pesquisadora, o que fica fora do campo de visibilidade – seja dentro de si, trancado no lar ou no interior do quarto próprio – acaba por não ter uma existência de fato, pois, na sociedade da moral da visibilidade, “se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista” (Id., Ibid, p. 112).

Tornar-se visível, mais do que um capricho exibicionista, passou a ser uma forma de constatar a própria existência. “O que se *é* deve ser *visto* – e cada um é aquilo que mostra de si” (SIBILIA, 2008, p. 235, grifos da autora).

A realidade – e nela incluídos o “eu de cada um” – só ganha consistência e passa ao *hall* das coisas existentes se alcança visibilidade. Como explica Sibilia, “tudo quanto faz parte do mundo só se torna mais real ou realmente real se aparecer projetado em uma tela” (2008, p. 241).

Neste momento histórico em que ter visibilidade seria necessário para tornar real a própria existência e conseguir o olhar do outro seria tarefa do próprio indivíduo, os blogs confessionais funcionariam como um meio, de fácil acesso, para alcançar tal demanda. E mais, muitas vezes essa visibilidade buscada se exacerbava e se converteria em um desejo de alcançar a fama, outra motivação aventada por pesquisadores que estudam blogs no Brasil.

2.3 Busca por singularidade e fama

Os blogs confessionais, sob a aparente e tão difundida função de narrar a rotina de “pessoas comuns”, podem esconder um outro objetivo: servir de meio para se alcançar a fama. “Pessoas comuns” escreveriam tais diários e dariam publicidade a suas intimidades com o desejo de construir uma personalidade singular, única, capaz de se destacar da massa, sair do anonimato e conseguir a fama, é o que pode-se extrair dos estudos de autores como Schittine (2004), Sibilia (2007; 2008), Primo (2009b), Slade (2007) e Lobo (2007).

Alex Primo, no artigo “A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter” (2009b), afirma que o desejo por fama vem crescendo nas gerações mais novas. Para corroborar sua afirmação, ele menciona uma pesquisa da *Pew Research Center*, feita em 2006, que encontrou como um dos objetivos de 51% dos jovens de 18-25 anos o desejo de “ser famoso”, alternativa que perdeu apenas para “ficar rico”, que teve 81% de respostas. Primo também cita uma outra pesquisa, feita no mesmo ano, na Inglaterra, com crianças de até 10 anos. Perguntou-se a elas o que seria “a melhor coisa do mundo” e a resposta mais popular foi “ser uma celebridade” (PRIMO, 2009b, p. 3).

Procura-se conquistar a visibilidade diante de muitos e muitos olhos – a fama –, mesmo que não seja atrelada a nenhum valor. Como explica Sibilia, “no regime de visibilidade que vigora na sociedade espetacular, o único destino que pode resultar mais vazio e desolador que ser famoso sem motivo algum é, simplesmente, o fato de não ser famoso” (2008, p. 248).

Na blogosfera, a conquista da fama, ainda que seja apenas no mundo virtual, permearia o imaginário dos participantes. Lobo (2007, p. 58) reproduz um *post* de um blog de três garotas que comentam sobre “o que é ser celebridade em mundinho de blog”.

Sabe aquele negócio de coluna social, que neguinho paga pra sair na foto e tenta desesperadamente ficar amigo das celebridades do momento pra ter seu nome citado? Esses são os alpinistas sociais; no mundo blog temos os ‘alpinistas blóguicos’, e deus me livre de saber o que move essa gente. (*post* do blog “morcegos anônimos” (www.zel.com.br), publicado no dia 16 de julho de 2004).

Schittine (2004) explica que como a maioria dos diaristas virtuais é anônima, no sentido de não serem conhecidas publicamente, desejam ser conhecidos ao menos dentro de seu próprio meio. “Ninguém gosta de ser anônimo” (p. 178).

Alex Primo, no artigo “Existem celebridades da e na blogosfera? Reputação e renome em blogs” (2009a), analisa o conceito de celebridade para explicar que, por maior que seja a fama alcançada por um blogueiro na Internet, ele não pode ser considerado um ocupante deste posto – a menos que transponha o círculo virtual e alcance espaço na mídia de massa. Isso

porque a fama da celebridade, necessariamente, precisa ser ubíqua. Ela não pode estar restrita a um meio apenas, como é o caso da rede social formada pelos blogs.

O termo celebridade, explica Primo (2009a, p. 1), aparece no século XVI, derivado do vocábulo latino *celebritas*, tendo a mesma raiz de célebre (*celeber*), que significa “afamado”, “notável”. A fama é “um status glamoroso conferido a alguém no espaço público” (PRIMO, 2009a, p. 1). Tradicionalmente, a fama vinha do respeito pelo reconhecimento de grandes méritos alcançados. Fama e excelência se entrelaçavam, ligação essa que foi quebrada (PRIMO, 2009b, p. 3). A celebridade se torna famosa por sua imagem ou personalidade, diferente do herói, reconhecido por seus bravos feitos e por seu caráter, “circularmente, a razão de sua fama deve ser procurada na própria fama, já que as celebridades são notórias por sua notoriedade. Ou seja, elas são constituídas por pura familiaridade” (PRIMO, 2009a, p. 2).

As celebridades são construídas pela mídia, de acordo com Primo (2009a). Um indivíduo que se destaca dentro de um grupo, como é o caso de blogueiros que alcançam uma enorme audiência, conquista uma espécie de fama localizada, cujo termo mais adequado para defini-la é “renome” (PRIMO, 2009a, p. 3). Primo fala também em “reputação” para classificar a notoriedade que um certo bloguiero alcança na *Web*. Reputação que pode ser convertida em lucro por angariar muitos leitores e o blog se tornar um espaço viável para anúncios pagos.

Primo lembra que tais blogueiros, mesmo tendo grande renome e reputação na *Web*, não podem ser considerados celebridades porque o alcance de suas famas não ultrapassa o limite dos leitores do blog (2009a, p. 11-12). Segundo ele, “os raros exemplos de blogueiros que conseguiram um reconhecimento para além da fronteira da blogosfera necessariamente foram catapultados por meios e estratégias massivas” (PRIMO, 2009a, p. 12), como foi o caso de Raquel Pacheco, a Bruna Surfistinha, que se tornou celebridade depois de lançar o livro “O Doce Veneno do Escorpião — o diário de uma garota de programa”, baseado em seu blog, e atrair a atenção da imprensa.

O blog sozinho não tem a capacidade (como da televisão ou do cinema) em alçar seus autores à categoria de celebridade [...] A Internet certamente permite a livre expressão e construção de uma reputação junto a um conjunto específico de internautas. Entretanto, a elevação ao status de celebridade midiática depende da massiva exposição na grande mídia” (PRIMO, 2009a, p. 12).

Apesar de “celebridade do mundo blogueiro” não ser um conceito bem aplicado, como explica Primo (2009a e 2009b), haveria, sim, blogueiros famosos e blogueiros que buscam a fama, ainda que restrita ao mundo virtual. E ela surge quando há grande audiência e um desequilíbrio acentuado entre o número de links recebidos e enviados, ou seja, há uma incapacidade de responder a toda atenção recebida (SHIRKY, 2008 apud PRIMO, 2009b, p. 7).

Como na TV e em outros meios massivos, o blogueiro famoso não consegue manter uma conversação com seu público, ainda que o blog seja uma ferramenta de dupla via, por pura incapacidade cognitiva.

Mas buscar a fama na própria blogosfera seria apenas um ponto de partida. O blog estaria sendo usado como forma de dar destaque a si mesmo, de garantir um lugar no mundo em meio às celebridades e, quem sabe, vir a ser uma delas.

Na contemporaneidade, “qualquer um *pode* – e habitualmente *quer*, e talvez daqui a pouco inclusive *deva* – ser um personagem como aqueles que incansavelmente se mostram nas telas” (SIBILIA, 2008, p. 245, grifos da autora). O surgimento das celebridades via blogs confessionais só é possível porque, ao mesmo tempo em que o autor está disposto a exibir sua vida íntima, existem leitores ávido por ler sobre ela e comentá-la. Interessar-se pela vida privada de anônimos é um fenômeno na *Web* assim como em outras mídias, o que pode ser comprovado pelo sucesso dos *reality shows* na TV, lembra Sibilía (2008).

Esse interesse pela vida íntima, ainda que seja de anônimos, teria fortes ligações com o culto à personalidade de artistas, que levou a uma supervalorização dos indivíduos em si em detrimento das obras que produziam (Sibilía, 2008). Para entender como isso se deu e se multiplicou com pessoas comuns, em reflexo, nos blogs confessionais, é preciso conhecer como, segundo Sibilía (2008), os artistas deixaram de ser conhecidos por suas obras e passaram a ser cultuados por suas personalidades.

2.3.1 Do fazer ao ser – ou parecer

Na primeira metade do século XIX, como explica Sibilía (2008), com o surgimento do Romantismo, o artista passou a ser visto como um ser especial: “uma espécie de gênio, um ser movido pela força espontaneamente criadora de sua personalidade” (p. 154). A imagem do artista ganhou ares de unicidade, de uma “individualidade excepcional, fora dos padrões, dona de uma opulenta vida interior” (p. 154), e a fonte para suas criações viria desta vida interior singular e fervilhante.

Vai sendo criada uma relação direta e necessária entre a personalidade do artista e sua obra (SIBILIA, 2008). “Assim, este já não cria mais porque quer ou porque se propõe ativamente a fazê-lo, mas porque algo misterioso e obscuro que mora dentro de si o leva a criar: a força da inspiração, o talento criador que brota da interioridade singular do gênio artístico” (p. 154).

O artista se iguala à arte, no sentido de essa passar a ser considerada como a expressão

da subjetividade daquele indivíduo (SLADE, 2007, p. 134-136). Em meio a essa visão romântica a respeito do artista, a personalidade desses seres que criam torna-se um valor em si. Segundo Sibilia, em alguns casos, em detrimento da própria obra de fato criada, já que “a gloriosa figura do artista passou a ser o mais interessante do processo de invenção” (2008, p. 165). O valor da obra passaria a estar atrelado ao valor do artista que está por trás dela.

Antes do Romantismo, a arte não era vista como atividade espontânea, que emanava da interioridade de seu criador. A obra era um projeto, resultado de uma intenção artística (SIBILIA, 2008). A partir do século XIX, como explicitado acima, essa intenção começaria a perder peso e a obra passaria a ser vista como algo inerente à personalidade do autor, uma forma de expressão de sua interioridade. “Sob essas novas regras do jogo, será a fulgurante personalidade do artista que emprestará seu sentido à obra, e não o contrário” (Id., Ibid., p. 170).

Slade (2007) explica que ser artista passa a ser algo “da ordem da *performance* – que possibilitaria a exteriorização da subjetividade pelo exercício das necessidades auto-expressivas de determinado indivíduo” (p. 134-136).

Sendo assim, a vida privada do artista passaria a ser esmiuçada à procura de verdades sobre sua obra. O que se tornaria ainda mais aguçado com as vanguardas do início do século XX, que louvaram a morte da arte e incitaram a se fazer da própria vida uma obra de arte (SIBILIA, 2008). A mídia de massa, a publicidade e o mercado teriam invadido o campo da arte, o que trouxe à tona os primeiros “artistas-ícones”. Eles souberam fazer de seus rostos e nomes verdadeiras logomarcas, explica Sibilia: “Nasciam, assim, empurradas pelos ávidos ímpetos do mercado, as personalidades artísticas que se posicionam como marcas de grifes: o artista como celebridade” (SIBILIA, 2008, p. 168).

Na sociedade contemporânea, a tendência persistiria e, segundo Sibilia, “arte é aquilo que fazem essas excêntricas celebridades, os artistas mais bem cotados do momento – mesmo se, em rigor, essas personalidades nada *fazem*, pois basta apenas que eles saibam *ser* artistas” (SIBILIA, 2008, p. 174, grifos da autora). Para a pesquisadora, a personalidade está mais em destaque do que a obra e, em consequência disso, a vida privada do artista e seu modo de ser despertam mais curiosidade do que aquilo que ele produz.

Artista que é, o autor literário estaria imerso nesta mesma historicidade e, em torno de si, veria surgir a “figura do autor”.

A aura se deslocou da obra para o artista, e esse brilho que ainda emana com tanto vigor da figura do autor contagia a obra, mesmo que esta seja qualquer coisa. Pois a assinatura – a ‘simples garantia de origem’, nas palavras do ensaísta – adquire o poder de transformar qualquer coisa em uma obra. (SIBILIA, 2008, p. 176).

Em solo midiático, o autor seria transformado em personagem e passaria a ser a própria obra. Basta lembrar que as aparições de tais personalidades em feiras literárias atraem muitas pessoas que nunca leram seus escritos. O livro vira um objeto que ganha valor pela assinatura de seu autor e não por seu conteúdo (SIBILIA, 2008, p. 160). Outro forte indício do culto ao autor, como aponta a pesquisadora, é o comércio de objetos que pertenceram a escritores famosos de outros tempos, “fetiches extra-literários” (p. 163).

Por conta do status de celebridade que escritores passaram a ter, muitos blogueiros procurariam construir para si a imagem de autor literário. Há um grupo que, de fato, produz textos que podem ser considerados obras literárias, segundo alguns pesquisadores da cibercultura que estudam blogs confessionais, como veremos mais a frente. No entanto, haveria aqueles cujos *posts* não teriam valor algum como literatura. A despeito disso, muitos dos que comentam nesses blogs referem-se a eles como autores.

2.3.2 Artistas sem obra

Sibilia (2007) associa tais blogueiros a “autores sem obras”. Isso porque usam o espaço do blog para cultivar uma imagem de escritor mesmo que não tenham como base uma obra literária. No lugar da arte, a própria vida seria encenada, daí a necessidade de expor a intimidade.

Segundo a pesquisadora,

Os autores de *blogs* e outros gêneros confessionais parecem ótimos exemplos desta nova classe em expansão: “artistas sem obras”. Talvez todas essas imagens auto-referentes e esses textos intimistas que hoje atordoam as telas tenham uma meta prioritária: permitir que seus *autores* se tornem *artistas* – ou melhor: *celebridades*. Essas novas formas de expressão e comunicação seriam uma mera desculpa para que os usuários da Internet (entendidos como ‘qualquer um’ ou ‘gente comum’) possam criar e desenvolver à vontade aquilo que seria sua principal e verdadeira obra, isto é: sua personalidade. (SIBILIA, 2007, p.191).

De acordo com Sibilia (2007), nesses casos, a obra não precisa ser lida. O importante é que se constate sua existência e que a figura do autor seja criada. Autor que deve ser reconhecido como portador de algum tipo de singularidade que o associe à velha personalidade artística. “Para ter acesso a tão prezado fim, a obra é um elemento importante, mas de segunda ordem, pois o que realmente importa é a *vida* do autor e sua personalidade: seu *estilo* como personagem” (SIBILIA, 2007, p.192, grifos da autora).

Aliás, Sibilia questiona qual seria a principal obra que produzem os autores-narradores dos gêneros confessionais da Internet. Ela mesma responde que a obra se constitui

simplesmente da narrativa da vida do próprio “eu” e o que seria criado e recriado não passaria da personalidade do autor do blog.

Toda a potência desse *eu* que narra, que assina e atua, reside em seu modo de ser e em seu estilo como personagem. Nada mais distante daquele artesão tradicional, portanto: aquela figura anterior ao surto romântico, para cuja definição era essencial a produção de uma obra. Porque nesse caso importava o que ele *fazia*, e não o que ele *era*” (SIBILIA, 2008, p. 238, grifos da autora).

Quando o *ser* – ou mesmo o apenas *parecer* – se torna mais importante do que o *fazer*, é preciso que a vida ganhe contornos de espetáculo para angariar olhares. No mercado das aparências, as vidas singulares e com ares de ficção estariam mais em evidência. Na expressão de Sibilía (2008), os autores de blogs confessionais precisam encenar o “show do eu” para conquistar mais público.

2.3.3 Auto-estilização

Para se destacar na blogosfera e conquistar a tão sonhada fama, seria preciso que o indivíduo tivesse uma personalidade singular e uma história interessante. Como explica Slade, o indivíduo constrói seu lugar no mundo virtual por meio da produção de imagens. “Mas, para ser visível nessa disposição topográfica, é necessário que a produção imagética desse usuário se saliente, se eleve no meio da superabundância de imagens na rede” (2007, p. 65). O autor afirma que, para isso, o blogueiro procura singularizar-se, tornar interessante sua autonarrativa.

Nessa busca por singularizar-se, segundo Sibilía (2008), os autores de blogs confessionais são levados a se estetizarem constantemente. “É preciso estilizar e ficcionalizar a própria vida como se pertencesse ao protagonista de um filme. [...] A meta é enfeitar e recriar o próprio *eu* como se fosse um personagem audiovisual” (p. 241).

Sibilía afirma haver uma ânsia por inventar realidades que pareçam ficções. “Espetacularizar o *eu* consiste precisamente nisso: transformar nossas personalidades e vidas (já nem tão) privadas em realidades ficcionalizadas com recursos midiáticos” (SIBILIA, 2008, p. 197).

Mas, além de singularizar-se e de criar e expor uma vida com roteiro interessante, o blogueiro, para alcançar a fama, precisa ainda inserir-se em um determinado círculo de ligações que o acolha. “Esse círculo, tacitamente, concorda, ao aceitá-lo, em *dar-lhe visibilidade em troca de beneficiar-se da sua atenção*” (SLADE, 2007, p. 65, grifos do autor). Seria essa a dinâmica nos blogs confessionais: a imagem de si que o autor do blog mostra seria legitimada ou não pelos comentários. Seria no olhar de quem comenta que o autor de blogs confessionais

perceberia sua fama – ao menos inicialmente. A fama do autor do blog constituiria em criar uma grande rede em que a tópica central é seu “eu”, em que é lembrado por diferentes memórias. E essa fama associada ao desejo de ser lembrado por diversas pessoas, de deixar no mundo um traço, é avaliada por Schittine (2004).

2.3.4 Blog como legado

Para Schittine (2004), a busca da fama nem sempre é encarada como algo vazio, distinto de objetivo – a fama pela fama. Ela afirma que por trás dela pode estar o desejo de imortalidade, sempre presente no homem. Com a escrita em blogs confessionais, seus autores poderiam vir a conseguir se imortalizar ao se tornarem presentes e reproduzidos pela memória dos leitores atuais e futuros. Para isso, o blogueiro precisaria ser famoso.

O arquivismo do diário íntimo traduz bem o medo do homem contemporâneo de não conseguir marcar a sua existência na história, de se perder no vazio do esquecimento. O desejo, então, de se destacar, de fazer da sua vida uma história única, leva o diarista a tentar fixar-se na memória dos outros para, através dela, tornar-se imortal. (SCHITTINE, 2004, p. 145).

As idéias do escritor do blog só se tornariam imortais por meio da propagação na fala, nos comentários e na rede de leitores e de outros autores que podem vir a reproduzi-las, tornando-as duradouras ou até mesmo permanentes. “O que dá ao autor uma sensação, ainda que momentânea, de imortalidade” (SCHITTINE, 2004, p. 146).

À procura da imortalidade ou da fama pela fama, blogueiros buscariam tornar-se singulares, estetizariam suas existências nos relatos autonarrativos que compõem os blogs confessionais, procurando criar uma imagem artística que, na sociedade do culto à personalidade, independeria de se ter de fato uma obra e estaria mais ligada à performance particular. Mas uma parte desses blogueiros faz um relato que se assemelharia a formas de literatura consagradas. Usariam os blogs como novas ferramentas de divulgação de seus textos, que estariam inseridos na história dos escritos autobiográficos. Essa é outra das motivações para a escrita de blogs confessionais encontrada em textos de pesquisadores do tema: o desejo de fazer literatura, de se tornar um escritor e de divulgar sua obra.

2.4 **Nova modalidade de literatura**

Sibilia (2007) levanta a hipótese (e a polêmica) de os blogs confessionais serem uma nova modalidade de arte literária:

Para começar, então, convém esboçar algumas interrogações: estas novas formas de expressão e comunicação – blogs, fotologs, videologs, webcams, orkut – e os discursos que delas resultam deveriam ser consideradas vidas ou obras? Todos esses textos auto-referentes e essas cenas da vida privada que agitam as telas interconectadas pela rede mundial de computadores mostram a vida de seus autores ou são obras de arte produzidas pelos novos artistas da era digital? É possível que sejam, ao mesmo tempo, vidas e obras? Ou seriam, talvez, algo completamente novo? Apesar das muitas dúvidas, cabe indagar se todas essas palavras e essa aluvião de imagens não fazem nada mais (e nada menos) do que exibir fielmente a realidade ou se, ao contrário, criam e expõem diante do público um personagem fictício. Em síntese: são as obras de um artista – encarnam, portanto, uma nova forma de arte e um novo gênero de ficção – ou se trata de documentos verídicos acerca de vidas reais? (SIBILIA, 2007, p. 182).

Lobo vê na totalidade do blog, formado dos textos postados pelo autor e dos comentários de leitores, “um caso bastante novo de escrita interativa, hipertextual, a diversas mãos, em crescente espiral construída através da interação entre autores e leitores visitantes” (2007, p. 23). Segundo Lobo, as grandes narrativas estariam em decadência nos dias atuais e, em seu lugar, estaria surgindo uma nova forma de literatura na escrita do “diário-blog”. Esse representaria “a arte do instante, do existencial, do momento pós-moderno, sem pretensão à eternidade, porque já nasceu antimetafísico” (LOBO, 2007, p. 83).

Há uma avalanche de críticas a respeito dos conteúdos postado nos blogs confessionais, na maior parte das vezes vistos como suporte de uma escrita sem valor literário algum. Schittine, no entanto, adverte que apenas um bom texto não é o essencial na criação de uma obra que pode vir a ser reconhecida só anos mais tarde: “Quem escreve um texto atemporal – interessante a todas as épocas e fases históricas – é, de certa forma, incapaz de, no seu tempo, saber que está realizando uma obra-prima que virá a garantir sua imortalidade” (SCHITTINE, 2004, p. 147). Mesmo julgados como algo menor na atualidade, os blogs poderiam vir a ser reconhecidos como arte no futuro.

Para Schittine (2004), os blogs confessionais seriam sim uma forma de arte literária e, por serem constituídos por relatos auto-referentes, pertenceriam ao gênero autobiográfico. O gênero autobiográfico, como já vimos neste trabalho, abarca muitas formas de escritos íntimos ou pessoais, como as memórias, as autobiografias, os ensaios, as cartas e os diários íntimos. Todos eles têm em comum o fato de o autor relatar sua própria existência, revelando sentimentos íntimos e experiências pessoais. Apesar de existir essa distinção em categorias, é preciso frisar que os limites não aparecem de forma tão clara, sendo que uma categoria costuma se entrelaçar na outra. “Apesar de toda a insistência em delimitá-los, eles continuaram a se contaminar mutuamente”, afirma Schittine (2004, p. 190). O blog confessional, para Schittine (2004), participaria dos escritos autobiográficos, reunindo um pouco das características de cada

uma das modalidades, mas com especificidades próprias.

Sibilia corrobora essa classificação dos blogs confessionais. De acordo com Sibilia, “se o leitor acredita que o autor, o narrador e o personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica” (2007, p. 183), o que seria o caso dos blogs confessionais. A autora se baseia na teoria do crítico literário Philippe Lejeune, já mencionada neste trabalho, segundo a qual a singularidade das obras autobiográficas está na relação entre autores e leitores, em que é estabelecido um “pacto de leitura”: o leitor crê que coincidem as identidades do autor, do narrador e do protagonista da história que está sendo contada.

Lemos (2002) tem visão parecida com a de Sibilia. Segundo ele, os textos postados em blogs confessionais são formas de escritas de si, assim como o fenômeno das *webcams*, já que tanto na construção da imagem com o uso de câmeras pessoais, como na publicização de diários íntimos, o que está em jogo são formas de apresentação do eu no ciberpespaço.

Schittine reforça esse ponto de vista ao afirmar que “o diário íntimo passou para a *web*, mas continua a ser uma maneira de ‘escrita do eu’” (2004, p. 13). Ela aproxima o blog confessional da autobiografia, dizendo que a escrita do blog é uma escrita pessoal, um falar de si mesmo, assim como os textos autobiográficos. Oliveira (2002), que situa os blogs confessionais como sendo a etapa mais recente do diarismo, tem, portanto, pensamento que segue a mesma linha, uma vez que os diários íntimos são parte integrante do gênero autobiográfico. E Lobo (2007) vai mais longe. De acordo com a autora, mesmo no caso dos blogs confessionais em que o autor usa um pseudônimo, um apelido ou qualquer subterfúgio para esconder sua verdadeira identidade isso não invalida a escrita autobiográfica.

Para defender essa idéia, Lobo se apóia em Lejeune. Segundo Lejeune (LEJEUNE apud LOBO, 2007, p. 28-29), ainda no caso da falsa identidade, o autor passa para o texto suas preocupações mais íntimas e os problemas que lhe dizem respeito. Ou seja, o nome não seria verdadeiro, mas, na mente de quem lê, vigoraria a identidade entre autor, narrador e personagem principal do relato.

Com o nome verdadeiro de seu autor revelado ou usando pseudônimo, os blogs confessionais seriam parte do gênero autobiográfico. Mas, apesar de todos os argumentos listados acima por diversos pesquisadores, há entre os blogueiros uma rejeição a serem classificados como parte desta modalidade de escrita.

2.4.1 Rejeição dos blogueiros

Schittine explica que a rejeição por parte dos blogueiros ocorre porque ao ser

considerado um escrito íntimo o blog esbarra numa série de preconceitos históricos relativos ao gênero. Uma das maiores discussões da crítica literária, lembra a autora, é se a autobiografia, o diário, a memória e escritos afins podem ser considerados gêneros literários. Os escritos íntimos precisaram enfrentar uma série de preconceitos até que pudessem se afirmar como um tipo de escrita considerado importante. “Isto porque a autobiografia, da qual o diário é descendente direto, foi considerada durante muito tempo um ‘gênero menor’, bastante distante do ‘poder de criação’ atribuído ao romance” (SCHITTINE, 2004, p. 9).

Sibilia também vê a origem dessa rejeição por parte dos blogueiros ligada ao histórico da relação dos escritos íntimos com a crítica literária. A autora lembra que “tais escritos costumam ser catalogados como exemplares de um gênero menor em termos estéticos; ou, no mínimo, como formas não canônicas do literário” (2008, p. 56). Ela afirma que essas narrativas têm um estatuto ambíguo, transitando na fronteira das belas artes textuais e dos documentos extraliterários de valor histórico meramente testemunhal.

Os motivos responsáveis por agravar o preconceito, de acordo com Schittine, passam pelo fato de o escrito íntimo poder ser praticado por muitos e não apenas por uma minoria de literatos, já que qualquer pessoa pode escrever sobre seus sentimentos, angústias e mesmo suas ações cotidianas. “O escrito íntimo [...] não demandava a qualidade de estilo exigida na ficção. O falar de si mesmo não era uma prática exclusiva só de escritores famosos; podia também ser exercida por anônimos que descobriam a sua individualidade e queriam falar dela subjetivamente” (SCHITTINE, 2004, p. 10). A massificação desta possibilidade de escrita a retirava do posto de arte literária – panorama bastante semelhante ao dos blogueiros atuais.

Tendo como precedente esse histórico, os blogueiros encaram a classificação de “escrito íntimo” como sendo uma desqualificação e rejeitam qualquer associação entre suas produções e os diários íntimos ou outras formas de literatura pertencentes ao gênero autobiográfico.

A condenação da subjetividade como meio de expressão e a acusação da autobiografia como um “gênero menor” são questões com as quais os blogueiros vão se deparar novamente – questões estas que os diaristas tradicionais já enfrentavam. Esses preconceitos existem entre os próprios blogueiros; talvez por isso um grande número deles rejeite a definição do blog como um diário íntimo. (SCHITTINE, 2004, p. 157).

De acordo com Schittine, “quase todos os elementos tidos como ‘uma limitação’ para a autobiografia no século XIX voltaram a ser evocados em relação ao diário íntimo virtual [blog confessional] em pleno século XXI” (SCHITTINE, 2004, p. 174). Os próprios blogueiros consideram o escrito íntimo como sendo de baixa qualidade. Por trás dessa rejeição ao rótulo de escrita íntima pelo blogueiro pode estar o medo de ser desqualificado como escritor. E tornar-

se um escritor, segundo Schittine (2004, p. 175), é o desejo mais ambicioso do blogueiro.

Os blogs funcionariam, então, a esses candidatos a escritores, como meio livre para a publicação de seus textos e como possibilidade de teste desses diante do olhar do público, motivação que será analisada no tópico seguinte.

2.5 Suporte para publicação literária (ou meio de se tornar escritor)

Os blogs confessionais podem funcionar para seus autores como laboratório de escrita e teste de recepção dos textos criados. Esse é o ponto de vista de Elisa Vidal, Patrícia Azevedo e Glaucio Aranha, que escreveram o artigo “Das telas para o papel: blogs como fonte para a literatura de massa”, “os blogs, tão difundidos nos dias de hoje, são como experiências, como prévias daquilo que se está escrevendo. É uma forma de testar a reação das pessoas, de analisar o *recall*, o *feedback*, principalmente para aqueles que estão gerando o primeiro livro” (VIDAL; AZEVEDO; ARANHA; 2008, p. 7-8)

Também é o que pensam Flávia Di Luccio e Ana Maria Nicolaci-da-Costa. De acordo com pesquisa feita pelas autoras e publicada no artigo “Escritores de blogs: interagindo com os leitores ou apenas ouvindo ecos?”, os blogueiros entrevistados apontaram como principais motivos para a criação de seus blogs “o desejo de publicar textos livre e despreziosamente, e, principalmente, o de saber as opiniões dos leitores sobre os textos publicados” (DI LUCCIO e NICOLACI-DA-COSTA, 2007, p. 8).

Como exemplo dessa motivação, as autoras citam um trecho do blog de Júlio, um bancário de 37 anos: “Tinha muito excesso de material para publicar e quis ver o que as pessoas que eu admirava achavam de tudo aquilo” (Id., *Ibid.*, p. 9). Também mencionam, na mesma página, o blogueiro Fox, bancário e webwriter, 30 anos, que afirma usar os comentários recebidos para descobrir qual foi a aceitação do que escreveu e se o texto agradou ou não aos leitores do blog.

Um contato, sem intermediários, com o público. O blog pode ser usado por aqueles que ainda não conseguiram um espaço no sistema editorial e desejam que seus textos cheguem até os leitores, aponta Schittine:

É uma oportunidade de se insurgir contra o sistema editorial em que alguém recebe os escritos, faz uma seleção inicial e depois encaminha os que têm melhor qualidade para serem publicados. O blog surge como uma maneira de escapar do que os diaristas chamam de ‘burocracia’ dessa pré-seleção para entrar em contato direto com o público e ter o gostinho de saber como seria se esse público gostasse do que está sendo escrito. (SCHITTINE, 2004, p. 176).

Lobo corrobora essa idéia e menciona um *post* de Clarah Averbuck – uma das pioneiras no Brasil na escrita de um blog de cunho confessional e que teve, inclusive, sua história contada no filme “Nome Próprio”, de Murilo Salles – em que a blogueira afirma ser o blog apenas um suporte para a divulgação de seus textos. No *post*, do blog *brazileirapreta*, Clarah Averbuck escreve que o blog “é apenas um meio de publicação para que os escritores não precisem de intermediários entre eles e os leitores. Não existe literatura de blog, só blog como meio de publicação para escritores e seus textos. Que podem perfeitamente ser publicados também em livro” (LOBO, 2007, p. 31).

Slade lembra que um blog pode até mesmo alcançar um círculo pequeno de pessoas, mas o simples fato de estar disponível na Internet e seu conteúdo poder ser acessado por qualquer um é o suficiente para que o blogueiro tenha a garantia de duas coisas: de publicação e de público (2007, p. 31).

Estar ao alcance de leitores comuns e também de quem comanda a publicação tradicional de livros: os editores. O blog pode ser usado como um meio de dar visibilidade aos próprios textos e ganhar o olhar de quem publica livros em papel. “Blog representa um cartão de visita, uma ponte para os escritores chegarem até as editoras” (VIDAL; AZEVEDO; ARANHA; 2008, p. 8).

Foi o que já aconteceu a Clarah Averbuck, blogueira mencionada acima. Ela teve seu primeiro livro publicado, o *Máquina de Pinball*, baseado nos *posts* de seu blog, em 2002. Em seguida vieram outros dois livros de sua autoria: *Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante* (2003) e *Vida de Gato* (2004). E Clarah Averbuck não foi a única a usar o blog como meio de migrar para a publicação impressa, mencionam Vidal, Azevedo e Aranha. Os autores apontam Raquel Pacheco, mais conhecida como “Bruna Surfistinha”, como sendo um outro exemplo.

Raquel Pacheco teve os textos de seu blog, onde narrava em detalhes suas aventuras sexuais como garota de programa, publicados no livro *O Doce Veneno do Escorpião* (2005), que virou *best seller*. “A história de vida da menina de classe média que então era garota de programa chamou a atenção de uma editora que propôs a Raquel Pacheco transformar seus relatos em livro” (VIDAL; AZEVEDO; ARANHA; 2008, p. 6).

Sibilia também vê os blogs como uma “fértil ante-sala para a publicação de livros de todos os tipos e para lançar jovens talentos no mercado” (2008, p. 236). Segundo a autora, muitos autores são “descobertos” pela mídia tradicional devido à notoriedade conquistada na Internet, “sendo contratados para publicar livros impressos – conhecidos como *books*, pela fusão de *blog* e *book* – ou colunas em revistas e jornais” (2008, p. 19).

Amaral, Recuero e Montardo vão mais longe. De acordo com o estudo das autoras, “o sonho do blog é virar livro” (2009, p. 78). “Reitera esse ponto o *slogan* de um popular blog português, *Blogue dos Marretas: o blogue livre que não quis ser livro!*, que ressalta o fato de ter sido convidado por uma editora para publicar um livro – e recusado – como sinal de distinção e independência no contexto da blogosfera” (2009, p. 78). A recusa causa espanto e é alardeada porque, em tese, ter seu blog transformado em livro seria o sonho máximo de um blogueiro.

Slade levanta uma hipótese para explicar esse desejo de ver o blog publicado no formato de livro tradicional. Segundo o autor, “a publicação torna-se uma porta obrigatória para o reconhecimento do indivíduo que escreve como *verdadeiro* escritor” (2007, p. 72-73, grifo do autor). Isso porque “a publicação se configura como uma necessidade ritual, espécie de *rito de passagem* por meio do qual ganha-se entrada para o ofício de escritor” (Id., Ibid., p. 88, grifo do autor).

Mas, preocupando-se ou não se o que escreve é considerado literatura, buscando ou não a possibilidade de transformar o blog em livro, o blogueiro pode escrever motivado por um desejo muito simples: o de ser lido. É o que será analisado no próximo tópico.

2.6 Desejo de ser lido

Schittine é enfática ao afirmar que “em todos os grupos de diaristas – pessoais, noticiosos, cronistas –, o principal desejo que impulsionou a entrada na Internet foi a vontade de ser lido” (SCHITTINE, 2004, p. 184-185). Ela retira sua conclusão de vários estudos feitos por Lejeune – principalmente, no livro *Cher écran...* – segundo os quais o ser humano tem a necessidade de ser lido, reconhecido e apreciado. E, para Sibilia, os blogs confessionais dão conta desse desejo de falar de si (2008, p. 77).

Com a Internet, explica Schittine, tornou-se possível concretizar esse desejo de ser lido que foi por muito tempo velado. Isso sem que fosse preciso desenvolver relações face a face com os leitores. “Essa possibilidade é encorajadora para quem começa a escrever” (SCHITTINE, 2004, p. 14).

Ainda que muitas vezes de forma protegida, o blogueiro teria sempre o desejo de ser lido. Na visão de Schittine, tudo o que se publica em blogs confessionais leva-se em conta o olhar do “outro”.

O diarista virtual sabe que, quando está escrevendo o seu blog, está sendo observado e, de certa forma, avaliado por alguém. Mesmo que muitos digam o contrário, é visando a conquistar esse alguém que os diaristas escrevem. Por isso muitos perdem

a liberdade: levam muito a sério o olhar do Outro, passando a encará-lo não como um opinador, mas como um carcereiro. (SCHITTINE, 2004, p. 45).

Na maior parte das vezes, no entanto, saberem-se lidos por outras pessoas serve de estímulo para que os blogueiros dêem continuidade a suas páginas pessoais, afirma Prange (2003, p. 99). E um bom meio de certificarem-se de que estão sendo lidos são os comentários deixados no blog pelos leitores. De acordo com Di Luccio e Nicolaci-Da-Costa, os comentários servem de incentivo para que os blogueiros continuem a escrever: “são uma confirmação de que seus textos são lidos” (2007, p. 13).

Para Di Luccio e Nicolaci-Da-Costa, não são os comentários críticos que desestimulam os blogueiros – de certa forma, eles também ratificam que os textos estão sendo lidos -, mas sim a ausência de comentários (2007, p. 13).

É preciso ressaltar que o ser lido não necessariamente envolve o olhar de um outro, explica Schittine. Alguns blogueiros, à moda dos diaristas tradicionais, podem manter uma escrita solitária e em segredo, de si para si. “É verdade que alguns diaristas escreviam e ainda escrevem para si mesmos com o objetivo apenas de desabafar por escrito, sem que ninguém saiba” (SCHITTINE, 2004, p. 11), mas o texto, mesmo nesses casos, não deixa de ser escrito para ser lido. O blogueiro será lido por ele mesmo, quem sabe, no futuro, para lembrar-se da pessoa que foi.

Outra motivação para a escrita de blogs, aliás, estaria ligada exatamente à construção da pessoa. Identidades seriam moldadas e expressas na escrita desses relatos auto-referentes.

2.7 Construção e expressão do “eu”

Os blogs confessionais podem funcionar como elemento de representação do “eu” de cada um. Por meio deles, os indivíduos construiriam (PRANGE, 2003; LEMOS, 2002; SIBILIA, 2007 e 2008) e expressariam (RECUERO, 2003) sua identidade. Eles seriam um meio de o autor perceber a si mesmo e de se mostrar ao outro.

De acordo com Recuero, nos blogs são reveladas, escondidas ou mesmo exacerbadas facetas da personalidade de seu autor. “Exatamente por isso, muitos *weblogs* são considerados narcisísticos” (2003, p. 11). A pesquisadora explica que os blogs representam alguém – por meio dos pensamentos, dos fatos da vida e de outros elementos narrados. E “é a partir desta representação que ele é conhecido e percebido pelos demais” (Id., *Ibid.*, p. 11). Em outro artigo, Recuero afirma que os blogs são “extensões da própria percepção de si dos blogueiros” e

“possuem uma relação íntima com a própria 'idéia de si' dessas pessoas” (2004, p. 2).

Os blogs teriam ainda o papel de ajudar o indivíduo a ter de si impressões construídas pelos outros, isso através da interação com os leitores (RECUERO, 2003, p. 12). Além disso, afirma Recuero, os blogs também dariam a seu autor condições de perceber o outro.

Mais do que perceber-se e mostrar-se ao outro, os blogs desempenhariam a função de construir o próprio “eu”, segundo Prange: “sugiro que os blogs podem ser entendidos como uma prática de construção de identidade” (2003, p. 131). A pesquisadora explica que as auto-descrições físicas e psicológicas, presentes nessas páginas virtuais, não só revelam de forma explícita os autores dos blogs como também são um indicativo de que os blogs funcionam como espaços de exercício de construção da identidade (2003, p. 81 e 120). Isso ocorreria, segundo Prange, em especial na adolescência, quando os conflitos subjetivos relacionados à auto-identidade se intensificam (2003, p. 129).

Prange busca no livro *Modernidade e Identidade* (2002), do sociólogo inglês Anthony Giddens, subsídios para sua hipótese. De acordo com Prange, Giddens, que estuda a questão da identidade na contemporaneidade, afirma haver uma sensação de aprisionamento perante os acontecimentos. Vivida de forma crônica ao longo de uma vida, essa sensação tenderia a provocar nos indivíduos que a experimentam uma atitude passiva, o que os impossibilitaria de traçar um projeto de crescimento pessoal ou, ainda, de estabelecer objetivos em longo prazo (PRANGE, 2003, p. 131). O sociólogo inglês, segundo Prange, atribui às narrativas biográficas o papel de fortalecer a sensação de segurança ontológica (Id., Ibid., p. 132). Os auto-relatos seriam, segundo Giddens, de acordo com a interpretação de Prange, importantes para a constituição da noção de sujeito.

Prange aplica as explicações de Giddens ao estudo dos blogs confessionais. Ela afirma que os blogs, “enquanto formas de escrita de si, podem estar contribuindo para que seus autores exercitem-se enquanto sujeitos da própria história” (2003, p. 132).

E, um passo além, vai Slade (2007). Segundo o autor, os blogs tem o “poder”, “que é primeiro e tão fundamental quanto 'sutil’” (SLADE, 2007, p. 29), de ratificar a existência de seu autor. “Num tempo em que o homem passa por uma crise de memória e de saturação de informação sem precedentes, o anseio por tal segurança não é uma ambição pequena” (Id., Ibid., p. 29), acrescenta.

Lemos (2002) concorda que os blogs confessionais são formas de construção de uma imagem identitária, mas lembra que essa é sempre fragmentada e plural – o que pode ser constatado na dinâmica dos próprios blogs, permanentemente em construção, explica o pesquisador. Recuero coaduna com essa percepção: “O *weblog* pode ser reconfigurado a cada

momento para 'refletir a última concepção de identidade do eu' de seu autor" (2003, p. 10).

Recuero explica que ao mesmo tempo em que um blog é mutante (está sempre sendo modificado, atualizado, reconstruído), a identidade do indivíduo também o é. “Dentro desta perspectiva, o *weblog* publica o 'eu' diário e reconstruído do indivíduo. Ele traz a reconfiguração da identidade particular de cada um todos os dias” (2003, p. 10). Isso se dá, segundo Recuero, em todos os aspectos de um blog. Essas páginas virtuais seriam altamente personalizadas: cores, fotos, configuração e mesmo o endereço. As modificações desses elementos refletiriam as novas configurações do eu e a visão que o blogueiro tem de si ou que deseja transmitir naquele momento (RECUERO, 2004, p. 3).

Lobo segue raciocínio na mesma linha. Para ela, narrar a vida faz parte de um movimento de “desconstrução e reconstrução de identidades” (2007, p. 109).

Apesar de fragmentadas, múltiplas e instáveis, as identidades seriam construídas nos blogs confessionais. E, segundo Sibilia (2007), essa construção do “eu” se daria no momento da escrita – durante a criação e o registro dos relatos.

Segundo Sibilia, a narração auto-referente não representa apenas a história que se vive no dia-a-dia, mas “ela a apresenta e de alguma maneira também a realiza, concedendo-lhe consistência e sentido, delinea seus contornos e a constitui (2007, p. 184). Sibilia explica que a experiência da própria vida adquire forma e conteúdo, ganha consistência e sentido, enquanto vai se cimentando ao redor de um determinado eu.

As palavras que tecem a minuciosa escrita autobiográfica parecem exalar poder mágico: não só testemunham, mas também organizam e inclusive concedem realidade à própria experiência. Tais relatos tecem a própria vida; de alguma maneira, a realizam. (SIBILIA, 2007, 185).

De acordo com Sibilia, nos relatos autobiográficos “é preciso escrever para ser, além de ser para escrever” (SIBILIA, 2008, p. 33). Mas, apesar de os blogs confessionais trazerem relatos sobre a vida cotidiana, real, dos indivíduos, tais textos não deixam de ser uma espécie de ficção. Sibilia (2007) explica que, ao mesmo tempo em que o dono do blog é autor e narrador de seus textos, ele é também personagem de sua história. “[...] é um tipo bem especial de ficção, pois, além de se desprender do magma real da própria existência, acaba provocando um forte efeito no mundo: nada menos do que o eu de cada um” (SIBILIA, 2007, 184).

Ficção que é vista por Sibilia como necessária: “afinal, pois somos feitos desses relatos: eles são a matéria que nos constitui como sujeitos”, diz a autora na mesma página. Para Sibilia:

A linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares; e a substância que resulta desse cruzamento de narrações se (auto)denomina “eu”. Em suma, a experiência de si como um eu se deve à condição de narrador do sujeito, alguém que é capaz de organizar a sua experiência na primeira pessoa do singular.

Mas tal sujeito não se expressa unívoca e linearmente através de suas palavras; ele, de fato, se constitui na vertigem desse córrego discursivo. (SIBILIA, 2007, 184).

Pelo exposto, podemos concluir que, segundo Sibilía, com a escrita de blogs confessionais, pessoas comuns se autoconstroem como personagens reais, porém ao mesmo tempo ficcionalizados de suas próprias vidas (SIBILIA, 2007, p. 188).

Lobo tem raciocínio parecido. Segundo estudo feito por ela com mulheres blogueiras, as autoras dessas páginas virtuais descobrem e recriam a própria existência por meio da escrita do imaginário. Para isso, elas criariam enredos, “miméticos ao real ou inventados” (LOBO, 2007, p. 7). E é Schittine quem dá uma justificativa para esse comportamento: “para enxergar a vida de forma diferente, o diarista é capaz de tudo, até mesmo de misturá-la com a ficção e fazer de si mesmo um personagem” (SCHITTINE, 2004, p. 16).

Tendo como base a vida real ou fictícia, o blogueiro criaria para si, com seus auto-relatos, uma identidade. Mas esse processo, em blogs confessionais, seria diferente do que ocorria na antiga prática de narrativa de si nos diários íntimos, escritos em segredo. Para Bruno (2004), Bruno e Pedro (2005), Costa (2008) e Sibilía (2003), passou-se do processo de formação de uma subjetividade interiorizada para uma subjetividade exteriorizada: exposta ao olhar do outro e dependente deste.

Segundo Bruno (2004), as tecnologias comunicacionais contemporâneas – aí incluídos os blogs – contribuíram na transformação do modo como os indivíduos constituem a si mesmos e modulam sua identidade a partir da relação com o outro, “mais especificamente com o ‘olhar’ do outro” (BRUNO, 2004, p.1).

Ao falar desta “subjetividade exteriorizada”, constituída a partir da exposição de si e do olhar do outro, Bruno e Pedro explicam que isto é diferente de dar visibilidade a uma interioridade já formada: “não se trata da exteriorização de uma interioridade que, já tendo se constituído, decide se expor, mas antes de uma subjetividade que se constitui no ato mesmo de se fazer visível ao outro, portanto, como exterioridade” (2005, p. 13). Para Bruno e Pedro, é na interface com o olhar do outro que o “eu” “ganha 'realidade' ou esmaece, caso não encontre o olhar que o ‘realiza’” (Id., Ibid., p. 14).

Prange explica que os dois processos – o de construir um relato sobre si mesmo e o de verificar, entre os leitores, os aspectos mais valorizados desse relato – são vivenciados, muitas vezes, como um processo único. Os blogueiros usariam o espaço virtual para

construírem uma imagem de si mesmas e verificar, junto aos visitantes do blog, “quanto vale aquilo que são”. Em outras palavras podem conferir, a partir das trocas estabelecidas no ambiente virtual, como são e como pensam as pessoas que se

identificam com seu blog e, daí, melhor definirem suas próprias identidades no meio em que vivem. (PRANGE, 2003, p. 133).

Mencionando outro suporte, o vídeo, Costa afirma que “as videografias de si [imagens confessionais feitas para o *Youtube*, site que pode ser usado por qualquer pessoa para postar um vídeo na rede e torná-lo público] são, entre outras coisas, modos de representação dos indivíduos contemporâneos” (COSTA, 2008, p.11).

Videografias de si podem ser vistas como uma espécie de blog confessional, só que no lugar do texto escrito está a imagem e a fala. E, analisando tais vídeos, Costa (2008) chega à conclusão de que todo texto autobiográfico visa a uma certa afirmação do *self* e seu reconhecimento a partir do outro. “Está ali a confissão [...], como um reconhecimento por parte de um indivíduo de suas próprias ações e pensamentos, ou seja, uma declaração afirmativa do *self* como forma de referendar seu status e suas posições” (COSTA, 2008, p. 9). Para Costa, o *self*, na atualidade, precisa não só destas representações para referendar-se, mas também de uma audiência que lhe confira aprovação (2008, p. 10).

É Sibilía (2003) quem explica como e por que a formação da subjetividade passou a se basear nesta exposição de si (seja por meio da escrita, da fala ou de imagens) e no reconhecimento pelo olhar do outro.

Segundo Sibilía (2003), na contemporaneidade ocorre um certo declínio da interioridade psicológica que costumava caracterizar a subjetividade moderna. Na modernidade, o homem organizava sua experiência em torno de um eixo situado no centro de sua vida interior. De acordo com Sibilía (2003), havia uma forma subjetiva particular, dotada de uma certa “interioridade psicológica”, marcada por atributos e sentimentos privados. A subjetividade era modelada em mergulhos introspectivos – e, neste ponto, os diários íntimos clássicos, privados e secretos, contribuíam para isso.

O declínio da interioridade, associado a fatores econômicos e sócio-culturais, deu lugar a outras formas de construção identitária.

Acompanhando as mudanças que estão acontecendo em todos os âmbitos – marcados pela aceleração, a virtualização, a globalização, a digitalização – as narrativas do eu também atravessam profundas transformações. [...] Estaríamos vivenciando, então, um paulatino desbalanceamento na organização subjetiva, uma passagem do mundo abissal dos sentimentos e do conflito inerente ao sentido trágico da vida (com seu tecido de regras interiorizadas, transgressões e desejos reprimidos), para uma preeminência da sensorialidade e da visibilidade instantânea, da lógica do impacto nervoso e efêmero, do imperativo do gozo constante e do sucesso, da fruição do consumo imediatista, do bem-estar tecnicamente controlado, da performance eficaz no curto prazo, das identidades descartáveis e da gestão empresarial dos capitais vitais. [...] O fenômeno dos diários publicados na Web, com toda a sua parafernália de confissões multimídia e, especialmente, as *webcams* que transmitem “cenas da vida privada” ao vivo durante as 24 horas do dia, fornecem um prisma privilegiado

para examinar este desvanecimento dessa interioridade clássica e as novas tendências exibicionistas e performáticas que alimentam os atuais processos de identificação. Os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu por meio de recursos performáticos, que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, ao cobiçado fato de “ser visto”. (SIBILIA, 2003).

Os blogs confessionais – ou “diários íntimos da Internet”, como se refere a eles Sibilía – seriam criados e mantidos com o propósito, não diretamente explícito e percebido pelo seu autor, de constituir o próprio “eu” de maneira alinhada à nova realidade contemporânea, mais calcada na exposição e na visibilidade do que na interioridade e na privacidade.

Motivações mais elaboradas, como a construção de si analisada acima, dividiriam espaço com outras mais prosaicas, como o simples desejo de expressar as emoções.

2.8 Catarse

Catarse tem o sentido de purgação, de purificação, de liberação de emoções ou tensões reprimidas. Para muitos blogueiros, segundo Lobo (2007), Schittine (2004) e Prange (2003), essas páginas virtuais funcionariam como um espaço onde expressam suas emoções de forma catártica.

Lobo apresenta a hipótese de que uma série de ritos que marcam fases da vida e eram celebrados com a família reunida – como o primeiro emprego, o casamento, o nascimento do primeiro filho, do neto, o divórcio e a aposentadoria – foram abolidos ou tornaram-se uma farsa. Ela atribui a essa falta de ritualização das grandes ocasiões sociais a geração de uma angústia e de uma desestabilização psicológica que afeta a sociedade contemporânea. O diário (e o blog confessional), explica Lobo, seria um meio de buscar estabilizar as crises da existência (LOBO, 2007, p. 80).

Lobo menciona como exemplo o depoimento de Bárbara, uma blogueira. Segundo a garota, o principal objetivo de seu blog era “o desabafo, a catarse das emoções – não um interesse humanístico ou intelectual” (LOBO, 2007, p. 42).

Schittine afirma ser a escrita em blogs “uma maneira de registrar o sentimento em estado bruto” (2004, p. 132). E Prange diz que a popularidade dos blogs, em especial entre os adolescentes, se dá devido, entre outras razões, “ao fato do diário íntimo servir, também, como espaço para a expressão de sentimentos e para auto-reflexões” (PRANGE, 2003, p. 129).

Prange enumera vários relatos de emoções escritos em blogs confessionais, seguidos de

frases como “Pronto, falei”, “Mas vai passar” e “Sai pra lá”. Segundo Prange, isso indicaria o desejo de apenas registrar um estado emocional temporário. “A escrita, nestes casos, talvez funcione como um instrumento catártico, expiando sensações das quais suas autoras demonstram querer se libertar” (PRANGE, 2003, p. 83).

De acordo com Prange, a escrita em blog parece exercer a função catártica e demonstra a importância que têm a percepção dos próprios estados emocionais pelos blogueiros. Mas Prange ressalta que “as descrições de estados emocionais [...] costumam ser breves, em alguns casos soando como um desabafo e, em outros, sendo interrompidas pela emergência de outros assuntos” (2003, p. 83-84).

Mas, sejam emoções ou “outros assuntos”, tudo fica registrado ali nas páginas dos blogs, o que seria uma forma de auxiliar a memória do blogueiro a respeito da própria vida.

2.9 Preservação da memória

Criar e manter um blog confessional pode ser algo feito em decorrência de uma sensação de que a memória é efêmera e deficiente. O blog funcionaria como uma espécie de arquivo dos momentos vividos. Essa hipótese é levantada por Schittine:

Em muitos casos, o que impulsiona alguém a começar a escrever um diário é a necessidade de “guardar” na memória um determinado sentimento, momento ou fase da vida. O diário serve para registrar sensações e situações que o autor acredita que nunca mais voltarão a acontecer. Ele funciona como um arquivo ao qual o diarista pode retornar sempre que quiser se lembrar de sua situação de vida num determinado momento, do quanto amadurece ou retrocedeu em sua maneira de ser e de como suas decisões e seu modo de pensar mudaram. (SCHITTINE, 2004, p. 115).

A autora lembra que, ao longo da história, os diários – cuja relação com os blogs já discutimos acima – sempre tiveram o papel de funcionar como um depósito de memória, muitas vezes até da memória pública. Eram um guardião da memória de uma fase da vida, não só de uma maneira de pensar, como também de agir e de mostrar a influência que os acontecimentos daquele momento tiveram no indivíduo. (SCHITTINE, 2004, p. 130).

Sibilia também vê nos blogs confessionais essa mesma função. Para a pesquisadora há nesses relatos auto-referentes uma certa vontade romântica de reter o tempo. “O sonho impossível de preservar toda a miudeza que conforma a própria vida: milhões de instantes passados e enfileirados em sua duração até o presente” (SIBILIA, 2008, p. 135).

Sibilia fala em preservar os “milhões de instantes” e Schittine lembra que a luta é para fixar o tempo presente, não mais o passado (2004, p. 122). Esta última autora afirma que há um

excesso de velocidade de informações e que esse excesso nos faz sentir incapazes de absorver por muito tempo os acontecimentos. O tempo estaria sendo comprimido e virando uma sucessão de presentes acelerados que logo se transformariam em passado. Diante desse quadro, Schittine questiona: “como poderemos construir a memória desse passado tão recente? De um passado quase colado ao presente?” (2004, p. 123). A resposta, segundo a autora, é que nos tornamos ansiosos por algo que aperfeiçoe nossa memória, “por adquirir uma Memória que dê conta de toda essa rapidez e fluxo de informação” (Id., Ibid, p. 123).

O blog, segundo Schittine, seria essa ferramenta que permite “armazenar o máximo de informação no mínimo de tempo” (2004, p. 22). Na visão da autora, “o imediatismo da Internet, que através dos sites já havia criado a possibilidade de uma memória infinita dos fatos gerais, agora se propõe também a gerar uma memória dos fatos pessoais através dos blogs” (2004, p. 125). Schittine, no entanto, adverte que o blog consegue acompanhar e armazenar o fluxo de pensamento do indivíduo, mas isso não serve de garantia de que o próprio indivíduo consiga lembrá-lo depois.

Distante do papel estático de servir como arquivo de memória, estaria uma outra motivação, mais dinâmica: o desejo de criar um espaço de interação social.

2. 10 Forma de sociabilidade

Os blogs – incluindo os confessionais – podem existir para servir como espaço de conversação entre o blogueiro e seus leitores (por meio da ferramenta de comentários) ou mesmo entre blogueiros, que fazem “visitas” recíprocas e mantêm *links* que referenciam outros blogs, formando uma espécie de comunidade. Vários autores, como Primo (2006 e 2007), Lobo (2007), Amaral, Recuero e Montardo (2009), Recuero (2003, 2004 e 2005), Malini (2008) e Schittine (2004), apontam o desejo do blogueiro de criar e manter um espaço de comunicação e de interação social como motivador da escrita de blogs confessionais.

No artigo “Blogs como espaços de conversação: Interações conversacionais na comunidade de blogs insanus”, Alex Primo estuda os blogs como espaço de conversação. Para ele, “os blogs, além de uma grande inovação como sistema pessoal de publicação, motivam uma nova forma de interação social” (PRIMO, 2006, p.5).

Lobo (2007) segue a mesma linha de raciocínio. Segundo a autora “o blog pode ser considerado uma ferramenta pioneira de comunicação coletiva realmente interativa, em que todos produzem textos simultaneamente, e em que o público pode participar através da caixa

de comentários” (2007, p. 21). E Amaral, Recuero e Montardo afirmam que os blogs “consistem em pontes para a comunicação mediada por computador, ou seja, permitem a socialização online de acordo com os mais variados interesses” (2009, p. 35-36).

Sendo assim, entre as motivações que levam alguém a criar e manter um blog onde se expõe a vida íntima, estaria esta, bem prosaica: a vontade de manter um espaço de conversação. As tecnologias digitais teriam possibilitado o surgimento de novas formas gregárias, de encontro e de diálogo, uma delas seriam os blogs e as comunidades que se formam tendo essa ferramenta como base.

No artigo de Alex Primo citado acima, o pesquisador lembra que “apesar dos blogs serem normalmente referidos como ferramentas que simplificam a publicação online, Efimova e de Moor (2005) afirma que eles têm facilitado a conversação na Internet” (PRIMO, 2006, p. 4). Conversação essa que ocorre de diversas formas e pode ser vista como uma característica a diferenciar os blogs confessionais dos diários íntimos clássicos, em que a interação entre o autor e os possíveis leitores quase nunca ocorria.

Primo (2006) explica que a ferramenta de comentários é um dos recursos mais importantes para o desenvolvimento de conversações em blogs. E, citando Marlow (2004), diz que “os autores passam a se conhecer de maneira informal a partir da constante leitura, escrita e referência em seus blogs” (PRIMO, 2006, p.5).

Sobre o modo como se dá esta conversação, por meio da ferramenta de comentários, Primo explica que normalmente ela “se desenvolve a partir das reações ao *post* original. Contudo, nada impede que a conversa tome outros rumos ou mesmo que se publique comentários fora de contexto” (PRIMO, 2006, p.5). O espaço de “comentários” pode ser usado para que vários assuntos sejam discutidos ao mesmo tempo, mesmo que não haja relação com o *post* original. E, ainda, uma conversação pode ir além do espaço de “comentários”, migrando para *posts* em outros blogs e comentários naquela nova página (PRIMO, 2006).

Finalmente, é importante lembrar que a conversação pode também estender-se e ramificar-se através de outros meios (digitais ou não). Por exemplo, um debate em andamento em um blog pode prosseguir através de e-mails entre certos interagentes que podem estar ou não escrevendo nos comentários), de ligações telefônicas ou mesmo em uma conversa de bar. Nestes casos, a conversação em grupo que iniciou no blog pode motivar muitas outras conversações em diferentes lugares e mesmo entre diferentes pessoas. (PRIMO, 2006, p. 6).

Malini explica que, entre os jovens blogueiros, é muito freqüente que um comentário funcione apenas como instrumento do começo de uma conversação. O comum, segundo o autor, é que ocorra uma troca de comentários, mesmo entre pessoas que não se conhecem pessoalmente: “se você comenta no meu blog, eu comento no seu” (2008, p. 6). Essa troca de

comentários como impulsionadora de novas relações também é mencionada por Recuero: “é inegável, em um blog, a possibilidade de conhecer novas pessoas (novos blogueiros) e ampliar o rol de relações através de comentários e leituras de outros blogs, além de interação com seus autores. É, certamente, o capital mais evidente nas redes sociais na Internet” (2005, p. 13).

Além disso, os comentários, segundo Recuero (2003), permitem aos leitores interagir não apenas com o autor do blog, mas também com os outros leitores daquela página. A autora explica que os comentários não são dirigidos apenas ao autor. Muitos são voltados para os demais leitores (entre eles, outros blogueiros) que irão acessar aquele blog mais tarde (2003, p. 8). Para Recuero, “os comentários tornam aquilo que seria um bloco de texto estático em um conjunto dinâmico de interação. Há comentários sobre comentários” (2004, p. 8).

Schittine explica que é muito comum a formação de uma pequena comunidade entre os blogueiros e os leitores. Cada blog teria seus leitores mais assíduos e, muitos desses, também seriam blogueiros e teriam suas páginas lidas de forma recíproca. Desta forma, se estabeleceria, num grupo de blogueiros com os mesmos interesses, “uma espécie de confraria em que uns sempre visitam os blogs dos outros e fazem comentários diários sobre eles” (2004, p. 91).

Seriam criados círculos de blogueiros que lêem seus blogs mutuamente. “Os *blogs* são linkados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos *posts* entre os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos blogs” (RECUERO, 2003, p. 7).

Para Recuero, a dinâmica de contato e formação de uma comunidade é bastante simples e está diretamente relacionada aos comentários feitos em *posts*:

Alguém lê o comentário de alguém e interessa-se em saber quem é. Nos comentários é possível ao indivíduo assinar e colocar o *website* pessoal (em geral outro *weblog*). A partir de então se passa a acessar este *blog* novo com alguma frequência. Em um ou outro *post*, comenta-se algo sobre o novo *blog*. Através do *link* (*weblogs* são totalmente hipertextuais e geralmente possuem vários *links* no decorrer do texto), todo o círculo de pessoas que acessava o *blog* passa a conhecer também o novo *blog*. (RECUERO, 2003, p. 9).

Primo (2006) aponta como facilitador da formação de comunidades os *blogrolls*, ferramentas que podem conectar blogs com grande fluxo de comentários e que compartilham os mesmos leitores. Outro aspecto a ser destacado por Primo é o fato de os blogueiros participantes destas comunidades – que muitas vezes, segundo o autor, surgem de forma espontânea pela simples manutenção dos blogs – se preocuparem em promover e manter esta interação social. De acordo com Primo (2006), o uso de *permalinks*, *trackbacks* e *blogrolls*¹¹

¹¹ *Permalink*: link que conecta um *post* (ou comentário de terceiro) diretamente a um dado *post* original, que pode

demonstra esse pacto dos participantes em aproximar essas interações.

Para Lobo, as comunidades blogueiras seguem a mesma lógica das outras “novas e efêmeras *tribos* pós-modernas” (2007, p. 67). Os blogueiros usariam a Internet como meio para encontrar pessoas com afinidades no estilo de sentir, amar, compartilhar. Lobo denomina tais comunidades como “*scribe tribes* (turmas da escrita)” e afirma que elas têm seus rituais próprios de seleção: “não é só a quantidade de acessos que vale num blog, mas a depuração da linguagem, a beleza e a originalidade da apresentação, além da capacidade de expressar o cotidiano, que varia do humor à depressão” (LOBO, 2007, p. 109).

Sendo assim, para vir a fazer parte de uma determinada comunidade blogueira, o novo leitor (ou o novo blogueiro) deve apresentar certas afinidades com os membros daquele grupo. Schittine explica que pessoas que não dividem os mesmos interesses do grupo são excluídas da interação. “As rotinas particulares e a linguagem específica aproximam os membros dessa rede e afastam os outros” (SCHITTINE, 2004, p. 94).

A pesquisadora aponta que há uma série de estratégias para o blogueiro conseguir revelar-se intimamente ao grupo evitando o olhar de “intrusos” na comunidade. Uma delas seria manter blogs com acesso restrito. Outra seria o uso de “recados cifrados”. Schittine exemplifica essa prática com frases comuns em blogs como “Quanto àquela conversa, a resposta é sim” ou “Depois eu te conto”. Recados pessoais e diretos, aliás, são freqüentes nos blogs porque, segundo Schittine, como a comunidade de blogueiros tem o hábito de leitura diária, muitos dispensam o *e-mail* e passam a falar com os amigos por meio da página da *Web* (2004, p. 94).

Há, portanto, uma série de pessoas que visitam e comentam os blogs, mas nem todos podem ser considerados como inseridos naquela comunidade blogueira. O grau de proximidade ou distanciamento varia entre os participantes e não depende necessariamente do número de comentários deixados em determinado blog ou em outras páginas daquela rede de contatos. No artigo, “Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: Relacionamentos no blog Martelada”, Primo (2007) estuda os diferentes tipos de relacionamentos mantidos entre os blogueiros e seus leitores e a diversidade de interagentes com quem um mesmo blogueiro interage. Primo busca investigar que tipo de relacionamento existe entre os interagentes e que qualidade têm essas relações.

Ele mostra que a recorrência de comentários não é determinante para que um laço fraco

não mais estar na *home* do blog

Trackbacks: acionado no *post* em que se deseja comentar, serve como aviso de que um blog de terceiro está comentando aquele *post* e oferece o link para lá

Blogrolls: barra lateral, na *home* do blog, com uma lista de outros blogs ou sites recomendados

se transforme em forte e a mera troca de *links*, por si só, por exemplo, não configura uma conversação. Mas, afirma, “com o tempo, *ele* pode se tornar *tu*, em virtude da evolução dos atos interativos que passam a dar novo significado para a natureza do relacionamento construído” (PRIMO, 2007, p. 9).

A idéia principal do artigo (PRIMO, 2007) é mostrar que um blogueiro mantém uma diversidade de interagentes e formas diferentes de relacionamento, com laços mais fortes ou mais fracos. Recuero concorda com essa visão a respeito das redes de sociabilidade em blogs. Segundo ela, essas redes “têm fluxos variados e podem constituir-se em grupos extremamente complexos, cujas interações podem ter profundidades variadas e nem todas, necessariamente, constituírem-se em grupos com vínculos comunitários” (2004, p. 13).

No entanto, frisa Recuero, os laços nas redes formadas por blogs dependem de interação e de investimento constantes – ao contrário do que ocorre em outras redes na Internet, como, por exemplo, as do Orkut, em que as comunidades continuam a existir mesmo quando os indivíduos não interagem nela. “É necessário investir tempo e forças para interagir em uma ferramenta de comentários, e é preciso retornar para ver o que foi discutido [...]. Como consequência, os laços em blogs são mais fortes e costumam ser mais ricos em capital social” (RECUERO, 2005, p. 11).

Todo esse empenho para manter a comunidade blogueira ativa, segundo Schittine, decorre, em parte, da possibilidade que o blog dá a seu autor de manter uma cumplicidade com pessoas desconhecidas e que têm sentimentos e segredos parecidos com os seus, mas que ele “nunca conheceria se não se expusesse pela Internet. Primeiro porque teria a dificuldade do constrangimento das relações face a face, depois pelo medo de não ser aceito” (2004, p. 71).

Lobo explica que, diferente das comunidades tradicionais urbanas em que há constante competição, nas comunidades blogueiras prevalece uma ilusão de confraternização e reciprocidade, pois todos os participantes têm um objetivo comum: comunicar-se e aparecer” (LOBO, 2007, p. 12). Além disso, o blog seria o espaço ideal para uma vida em comunidade já que é onipresente e está sempre disponível, ressalta Lobo na mesma página. Segundo a pesquisadora, na comunidade blogueira cria-se uma sensação de universo paralelo ao real. “As blogueiras se *linkam* com uma infinidade de vozes e diálogos. Mesmo estando sozinhas, sentem que estão se comunicando com um outro mundo, virtual, através dos blogs” (LOBO, 2007, p. 22).

Há autores, como Slade (2007), que vêem os blogs não como meio para estimular novas relações sociais e sim como fonte de afastamento do contato pessoal. Segundo Slade, quando alguém cria um blog, fornece seu endereço às suas relações reais – amigos, parentes, etc. Alguns

passam a lê-lo, outros, também blogueiros, criam *links* para suas respectivas páginas. Porém, com o tempo, afirma Slade, se algum dos integrantes da comunidade estabelecida se ausenta, os outros tentam encontrá-lo apenas por meio da Internet (em blogs, fotologs, *e-mails*, MSN, Orkut, Facebook, etc.): “não raro, o contato se restringe a esse suporte por um intervalo de tempo tão grande que as relações se reduzem à sua contraparte simulacral” (SLADE, 2007, p. 61).

Para Slade, o afastamento pode sequer ser percebido como tal, já que as pessoas estão conectadas em um banco de ligações virtuais e supostamente podem ser acessadas a qualquer momento. Segundo ele, nos blogs usa-se a técnica para mimetizar a presença e confunde-se ligações com relações.

Seria como se, ao manter-se, pelo blog e demais dispositivos na rede, em contato constante com seu grupo, ao informá-lo sobre seu cotidiano e informar-se sobre o dos amigos, o usuário estivesse investindo na permanência de sua presença/narrativa entre eles. Os assuntos são sempre atualizados; não faltam tópicos num encontro eventual mas, em algum nível, há um desinvestimento em intimidade e convivência – traços que fazem de uma relação um contato enriquecedor que não pode nem deve ser integralmente reproduzido apenas por tais meios. São as ligações funcionando como simulacros das relações (SLADE, 2007, p. 62).

Slade, no entanto, reconhece que o inverso também ocorre: a transformação de ligações da rede em relações concretas. Mas afirma ser em menor grau e mais mais comum a indivíduos que têm dificuldades de estabelecer relações reais *a priori* (SLADE, 2007, p. 62).

Lobo contesta essa visão de Slade. De acordo com a autora, “blogar” pode parecer uma atividade solitária, contudo, “do ponto de vista da comunicação virtual, as jovens estão antenadas com muitas outras vozes, de amigos e fãs, no Brasil e, por vezes, no exterior” (LOBO, 2007, p. 35). Segundo Lobo, o isolamento só se daria na visão da família e de quem está ao redor, observando o blogueiro do lado de fora da rede.

Há, também, quem considere as “conversas” entre blogueiros e seus leitores como sendo falsas interações. Em estudo sobre a interação entre escritores e leitores de blogs, Di Luccio e Nicolaci-Da-Costa (2007) chegaram à conclusão de que a seção de comentários, apesar de ser encarada como um espaço propício para a interação, é usada apenas como um espaço no qual os autores dos blogs recebem comentários, sem oferecer um resposta como retorno (2007, p. 13).

Para elas, a tela do computador, como suporte textual, é revolucionária e, de fato, permite a interação entre leitores e escritores, mas em espaços como fóruns de discussão ou salas de bate-papo. Em blogs, essa interação não ocorreria, de acordo com os resultados do estudo que desenvolveram – os blogueiros pesquisados disseram que não costumam responder

os comentários postados em seus blogs por falta de tempo ou porque acreditam que quem comenta não espera uma resposta e sim uma conversa com as outras pessoas que também comentam (2007, p. 10). Di Luccio e Nicolaci-Da-Costa afirmam que nos blogs a função de interação social é secundária.

A falta de tempo, mencionada de passagem logo acima, é mais bem desenvolvida em outra motivação apontada por estudiosos de blogs: essas páginas virtuais teriam surgido e se proliferado como reflexo do “presenteísmo”, uma tendência comportamental contemporânea de estender o presente e de valorizar o instante em detrimento do passado e do futuro.

2. 11 Reflexo do “presenteísmo”

Um dos traços da pós-modernidade seria a valorização do presente e o esvaziamento do passado e do futuro. Como explica Gumbrecht (1995), o que se pode denominar a temporalidade moderna, que predominou dos séculos XV/XVI até recentemente, entrou em colapso. Naquela forma de se relacionar com o tempo havia um fluir, quase material, de um passado a um futuro, sempre diferente do presente. Havia uma clássica assimetria entre passado, presente e futuro. Para Gumbrecht (1995), na contemporaneidade o futuro não é mais visto como resultado do presente, “antes o presente parece tornar-se onipresente” (GUMBRECHT, 1995, p.10). E, deste modo, passamos a viver não em um tempo que progride, “mas um presente tornado cada vez mais extenso” (GUMBRECHT, 1995, p.10). A escrita de blogs confessionais, como reflexo, seguiria essa tendência ao “presenteísmo”, que poderia ser notada de diversas formas nestas páginas virtuais (SIBILIA, 2005 e 2008; LOBO, 2007).

A primeira delas fica evidente na organização cronológica dos blogs: as atualizações mais recentes encabeçam a página do diário, com data e hora (e, muitas vezes, minutos e segundos), para que o visitante saiba se o texto postado é atual ou “velho”. Os *posts* mais antigos ficam nas partes inferiores da página ou mesmo no arquivo, em outro link. Lobo lembra que “embora se possa proceder à pesquisa do histórico do blog, que fica registrado on-line, não é esta a função primordial deles” (2007, p. 24). Segundo a autora, os blogs se voltam mais ao registro do instante.

Para Sibilía (2005), os blogs exibem uma série de recortes de instantes colados um após o outro: “retratos instantâneos de momentos presentes que vão *passando*, mas não se articulam e sedimentam para constituir um *passado* à moda antiga” (SIBILIA, 2005, p. 48, grifos da autora).

Segundo Sibilia (2005), esses relatos auto-referentes, organizados desta maneira, são uma tentativa de “reter o tempo”, de guardar algo que vai escapar na aceleração contemporânea.

Os autores desses diários do ciberespaço realizam operações de congelamento do tempo, como se fotografassem certos momentos de suas vidas e os fixassem em um imenso quadro-negro virtual de alcance global. Pílulas de tempo próprio congelado e parado, faíscas do próprio presente sempre *presentificado*, fotografado em palavras e exposto para todo o mundo ver. (SIBILIA, 2005, p.46-47).

Sibilia explica que a sensação de vivermos em um presente inflado, onipresente e constantemente presentificado “promove a vivência do instante” (2008, p. 125). Em decorrência, o que se vê nos blogs confessionais “é uma seqüência de episódios da vida cotidiana e da suposta intimidade, todos relatados no tempo presente da primeira pessoa do singular” (SIBILIA, 2008, p. 141).

Nesta época tão calcada no presente e, mais, na instantaneidade, o passado estaria deixando de ocupar a função que antes a ele cabia – de “alicerce fundamental do eu” (SIBILIA, 2005). A pesquisadora explica que o passado acabou perdendo boa parte de seu sentido como causa do presente. “[...] não serve mais para conceder inteligibilidade ao caótico fluir do tempo, e nem para explicar o presente ou a mítica singularidade do *eu*” (SIBILIA, 2005, p.40, grifo da autora).

Sibilia (2005) explica que de acordo com a visão de mundo moderna, o passado tinha um sentido importantíssimo na configuração do presente e de tudo quanto é. Impunha-se um “mergulho na interioridade subjetiva de cada indivíduo à procura dos restos de experiências alojados na própria memória”, sinais que permitiam “decifrar o significado do presente e do *eu*” (SIBILIA, 2005, p.37, grifo da autora).

Mas o passado “não serve mais para conceder inteligibilidade ao caótico fluir do tempo, e nem para explicar o presente ou a mítica singularidade do *eu*” (Ibid., p.40, grifo da autora). Sibilia (2005) afirma que o estatuto do passado – assim como a idéia de interioridade – como alicerce do *eu*, que foi primordial na constituição das subjetividades modernas, apesar de ainda permanecer como fator relevante, perdeu seu peso na definição do que cada um é. Com isso, diz a pesquisadora, “o olhar retrospectivo tende a se extinguir nas novas práticas auto-referentes, atenuando seu valor outrora primordial na constituição da própria vida como um relato” (SIBILIA, 2008, p. 116). Lobo concorda: “não dá tempo nem vontade para traçar um longo histórico de vida que recupere o passado” (LOBO, 2007, p. 17).

Sibilia adverte que, ainda hoje, não se pode negar que a temporalidade continua a constituir as coisas: “tudo o que é, é também no tempo” (2008, p. 124). Mas ela afirma ser preciso ter em mente que “o tempo é uma categoria sociocultural, e suas características mudam

ao sabor da história e de suas diversas perspectivas” (Id., Ibid., p. 124).

Sua característica atual seria o foco no presente e na instantaneidade, o que fica bem evidente na prática blogueira. Segundo Lobo, o blog é a narrativa escrita que mais se aproxima do instantâneo e do simultâneo (LOBO, 2007, p. 83). O curioso é que, por paradoxal que pareça, a própria escrita dessas páginas virtuais fica comprometida nesta época de urgência do tempo. Sibilia (2005) cita uma pesquisa que mostra um arrefecimento na “onda” de postagens em blogs. A pesquisa afirma que “a onda dos blogs” teria ingressado em uma “fase de calma”, visto que dos 4,12 milhões de blogs criados nos oito principais serviços de hospedagem do mundo, 2,72 milhões (ou 66%) estavam praticamente abandonados, pois não tinham sido atualizados nos últimos dois meses. Ao que conclui Sibilia: “Mas nada disso parece surpreendente; é lógico, aliás — pois, como sabemos, não há mais tempo para nada” (SIBILIA, 2005, P. 47).

Atividades que demandam muito tempo e disciplina estariam em baixa, segundo Sibilia. Blogs constituem uma moda porque estão antenados a essa nova realidade, são formados por meio de “fragmentos de conteúdo adicionados a todo momento” (SIBILIA, 2008, p. 116) e “é lícito abandonar a tarefa se ela se tornar cansativa ou enfadonha demais, sabendo que sempre será possível renascer em outro momento, abrindo um outro blog” (Id., Ibid., p. 139).

O contraponto a essa prática apontado por Sibilia é o livro *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, iniciado em 1908 e concluído em 1922, que consta de sete volumes e milhares de páginas. Segundo a pesquisadora, na “era do tempo real” é pequeno o espaço para introspecções profundas e trabalhosas retrospectões (2008, p. 122). “Tamanha atividade demanda tempo, constância, esforço, dedicação e perseverança – um seleto conjunto de atributos contra os quais tudo parece conspirar hoje e dia” (SIBILIA, 2008, p. 122).

O “presenteísmo” ao qual aludem Sibilia e Lobo, que seria um valor de nosso tempo e, por isso, um impulsionador de práticas calcadas nesta mimese do real, como os blogs confessionais, estaria alcançando o seu auge no Twitter, com mensagens ainda mais curtas e instantâneas. “Há quem diga que os blogs já se tornaram uma antiguidade, pois a nova moda são os nano-blogs ou micro-blogs” (SIBILIA, 2008, p. 137).

Neste capítulo, foi feita a análise do que motivaria blogueiros a narrar a própria vida na Internet de acordo com a visão de pesquisadores da área atuantes no Brasil. De acordo com esse estudo teórico, foram encontradas as seguintes motivações: os blogs seriam criados como reflexo da exacerbação da privacidade; como consequência de um novo posto ocupado pela visibilidade, em que o desejo de ser visto se tornaria uma necessidade; como meio de se alcançar a fama; como nova forma de literatura; como suporte para a publicação literária de aspirantes a

escritores; como intermediário que viabilizaria um desejo de ser lido; como meio para ajudar na construção do “eu” desses autores; como forma de expressar as emoções de maneira catártica; como preservação da memória; como promotor da sociabilidade; ou como reflexo de um “presenteísmo” que permearia o modo de vida contemporâneo.

No capítulo seguinte, o foco passa aos próprios blogueiros e a suas páginas virtuais. As motivações para a escrita de blogs confessionais serão buscadas nas palavras de autores de blogs e em seus *posts*.

3 POR QUE SE *BLOGA*, NA FALA DOS BLOGUEIROS E EM SEUS *POSTS*

3.1 Metodologia

Dois caminhos foram escolhidos para extrair dos próprios blogueiros respostas para a pergunta “por que se *bloga*?”. Um deles foi pedir que os autores dessas páginas virtuais respondessem um questionário elaborado de modo a levá-los a refletir sobre o porquê de terem criado e de manterem seus blogs. O segundo caminho foi analisar os blogs em si (nome da página, *layout*, descrição do blog feita pelo autor e perfil divulgado) e o conteúdo dos *posts* para descobrir se, de forma explícita ou implícita, os blogueiros informam o que os motiva a escrever sobre a própria vida e dar publicidade a isso.

A seleção dos blogs a serem analisados neste trabalho foi feita a partir da lista de finalistas do concurso “Best Blogs Brazil”(BBB)¹², de 2008. O BBB é um concurso aberto a todos os blogueiros do Brasil e que busca reunir os melhores blogs em diversas categorias instituídas pela organização do evento (artes e cultura; automóveis; ciências; cinema, música e TV; corporativo; culinária, design; educação; entretenimento; esporte; games, GLBT; humor; jurídico; metablog; negócios e finanças; pessoal e cotidiano; política; publicidade e comunicação; quadrinhos; religião e esoterismo; saúde; sexo; tecnologia; turismo; universo feminino; universo masculino; design; podcast; e melhor blog). O BBB 2008 apresentou duas fases. Na primeira, os internautas indicaram seus blogs preferidos e, ao final do período de votação, os dez mais bem colocados em cada categoria passaram à fase final. Nela, houve dois tipos de votação (e duas premiações): pelo público e pelos jurados, que foram os palestrantes do Campus Blog, no Campus Party Brazil¹³, realizado em janeiro de 2009.

Optou-se por selecionar os blogs a serem analisados neste trabalho a partir dos finalistas do BBB devido à representatividade do concurso na blogosfera (a votação aberta ao público, na etapa final, teve mais de 78 mil votos, dados por 34 mil internautas) e à legitimidade conferida pelo aval dos palestrantes da Campus Party.

O procedimento de seleção foi analisar, um a um, o conteúdo de todos os blogs classificados para a fase final do BBB em todas as categorias do concurso para definir quais deles se enquadravam na classificação de “blog confessional”, cuja definição, baseada em

¹² O link da página do concurso é <<http://www.bestblogsbrasil.com/2008/>>. Último acesso em janeiro de 2010.

¹³ O Campus Party é considerado o maior evento de inovação tecnológica, Internet e entretenimento eletrônico em rede no mundo. O encontro, anual, é realizado desde 1997 na Espanha. No Brasil, teve sua primeira edição em 2008.

metodologia criada por Alex Primo (2008), já foi descrita anteriormente neste trabalho.

Dez blogs foram classificados como confessionais. Desses, um já havia encerrado suas atividades no período em que foi acessado para a pesquisa (o endereço não era mais encontrado na *Web*) e outro estava desatualizado, sendo descartados do grupo de análise. Dos oito restantes, um dos blogueiros não respondeu às tentativas de contato e dois chegaram a concordar em participar da pesquisa, mas não responderam o questionário enviado. No grupo de análise final ficaram cinco blogs¹⁴:

1. Championship Vinyl <<http://champ-vinyl.blogspot.com>>
2. Olhómetro <<http://olhometro.com/>>
3. Passageiro do Mundo <<http://passageirodomundo.blogspot.com/>>
4. É Bom Pra Quem Gosta <<http://ebompraquemgosta.wordpress.com/>>
5. Eu e meu Eu -<<http://euemeueu.wordpress.com>>

Na primeira etapa deste trabalho empírico, foi feita a análise do discurso dos blogueiros a partir das respostas dadas no questionário enviado a eles. A meta era identificar padrões recorrentes nas justificativas sobre o porquê de criar e manter um blog confessional e também motivações pontuais, que não se repetem no total da análise, mas que podem ser particulares de um blogueiro.

O questionário foi dividido em cinco partes. Na primeira, buscava-se identificar o blogueiro, com questões como:

1. Nome (opcional)?
2. Idade?
3. Sexo?
4. Cidade onde mora?
5. Profissão?
6. Você publica seu nome verdadeiro no blog? Por quê?

Na segunda, o intuito era levantar as características do blog de acordo com a visão de seu dono. As perguntas feitas foram as seguintes:

1. Desde quando o blog existe?
2. Com que frequência escreve no blog?
3. Sempre foi esta a frequência de postagem ou aumentou/diminuiu nos últimos tempos? Caso sim, por quê?

¹⁴ Ver a *home* dos blogs selecionados nos anexos deste trabalho.

4. O perfil dos textos postados no blog sempre foi o atual ou o blog já foi diferente (por exemplo: já foi um blog de dicas de cinema ou de notícias curiosas encontradas na *Web* etc)?
5. Escreve sobre o que acontece em sua vida real ou mistura ficção (inventa situações)?

A terceira parte do questionário visava avaliar se os blogueiros consideravam que suas páginas eram compostas de relatos auto-referentes. Para isso, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Como você se enxerga sendo lido no blog: os leitores se deparam com você de verdade ou com uma personagem? (quem lê o blog sabe quem você é ou cria na mente uma outra pessoa?)
2. Como acha que os leitores o vêem: pensam que os *posts* são seu retrato fiel ou que os textos postados reproduzem uma personagem inventada?
3. Vê alguma semelhança entre seu blog e aqueles antigos diários de papel? Em que sentido acha que podem ser parecidos (blog e diário) e em que sentido acha que são diferentes?
4. Revela a sua intimidade no blog? Há assuntos sobre os quais não escreveria ali?

Na quarta parte, buscou-se entender o que levou o autor a criar seu blog:

1. Como surgiu a idéia de criar um blog?
2. O que o levava a querer escrever e publicar na Internet?
3. Por que pensou em escrever sobre sua própria vida (seja sua rotina ou reflexões sobre o mundo)?

E, o quinto e último bloco de perguntas, focava em descobrir por que o blogueiro mantinha sua página virtual ativa.

1. O que o levava a querer escrever e publicar na Internet quando começou a pensar em criar o blog é o mesmo que o leva a continuar escrevendo hoje em dia?
2. Antes de sentar para escrever um *post*, o que pensa: por que vai sentar ali e escrever?
3. Já pensou em parar de escrever para o blog? Por quê?
4. Caso já tenha tido vontade de parar de escrever para o blog, o que o levou a não fazer isso?
5. Alguma vez na vida já fez algo (falou algo, foi a algum lugar, tomou uma decisão) porque achou que seria interessante publicar no blog depois?

Além da aplicação do questionário, foi feita a análise do discurso e das imagens contidas nos blogs: na apresentação da página e em *posts*. Na apresentação da página foram levados em consideração o nome do blog, o *layout* do site, a descrição do blog feita pelo autor e o perfil – se divulgado ou não e com que conteúdo. Sobre os *posts*, selecionou-se todos os publicados durante o mês de janeiro de 2009. Foram 10, no Championship Vinyl; 29, no Olhômetro; 27, no Passageiro do Mundo; 10, no É Bom Pra Quem Gosta; e 5, no Eu e Meu Eu.

O objetivo desta investigação, feita indiretamente com os blogueiros por meio da análise do discurso e das imagens postadas nos blogs, foi identificar motivações para a criação e a manutenção dos blogs que pudessem aparecer no conteúdo das próprias páginas e que não tivessem sido reveladas pelo autor no questionário. Essa análise também visou descobrir contradições entre o que o blogueiro disse no questionário e o que escreveu em seu blog.

Antes de realizar a análise direta sobre o que os impulsiona a criar e manter seus blogs, faz-se necessário traçar um perfil da relação que cada um dos blogueiros tem com sua página virtual, já que características como o grau de exposição de si permitido e a descrição que fazem do próprio blog interferem na dinâmica dessas páginas pessoais e deixam entrever motivos pelos quais as criam e mantêm.

3.2 Os blogueiros e suas identidades virtuais

Dos cinco blogueiros participantes deste estudo, três assinam seus *posts* com pseudônimo e dois divulgam o nome real no blog. Apesar disso, dentre os que usam pseudônimo, dois parecem não fazer questão de manter a identidade secreta, pois permitem a existência de “brechas” que levam até seus nomes reais. Outro fator curioso é que esses dois blogueiros publicam fotos parciais de seus rostos e revelam dados pessoais, como idade, sexo e cidade onde moram, um indício de que desejam associar o “eu” que escreve no blog ao “eu” do mundo não virtual.

A única blogueira a fazer questão de manter sua identidade em sigilo é a autora do blog “É Bom Pra Quem Gosta”. Ela assina seus *posts* como “Lu”, sem deixar claro qual é seu nome real. E na *home* não há um perfil do autor a ser acessado. No questionário aplicado, ela informa apenas sua idade (26), a cidade onde mora (São Paulo) e a profissão (pesquisadora), deixando em aberto até qual é o seu sexo. Perguntada se publica seu nome verdadeiro no blog, ela responde que não por não achar pertinente e para ficar à vontade para falar o que quiser, com quem quiser.

Lucas Leal¹⁵, autor do “Championship Vinyl”, identifica-se no blog com o pseudônimo “Rob Gordon”. Mas, no perfil da página virtual, revela a idade (33), o sexo (masculino), a cidade de onde é (São Paulo), o signo (virgem) e até publica fotos parciais de um rosto, apesar de não informar se é o seu:

15 O nome foi trocado para preservar a identidade do autor do blog.



Diz assinar como Rob Gordon, apesar de muita gente saber que o blog é dele, para manter uma certa distância de sua vida pessoal. Mas, em vários *posts*, dá pistas sobre sua rotina na vida fora da Internet, como no texto postado em 07/01/2009, em que menciona morar em Pinheiros, perto da rua Teodoro Sampaio, e trabalhar no mesmo bairro. O entrelaçamento entre Lucas Leal e Rob Gordon é até ironizado pelo blogueiro no *post* publicado em 15/01/2009:

Por fim, já que mencionei o Judão [outro blog], gostaria de deixar clara a minha repúdia em relação ao texto publicado no site sobre Watchmen. Na [matéria](#), o autor (Borbs, gente finíssima) menciona que um jornalista conhecido como Lucas Leal disse a ele que "a abertura de Watchmen é o melhor filme de super-heróis da história". O interessante é que o texto no Judão foi publicado depois de eu ter escrito isso [aqui](#) no Champ. Como o Borbs é uma pessoa íntegra e jamais cometeria plágio, acredito que esse tal de Lucas Leal, o qual não conheço, simplesmente leu isso aqui no Champ e se apropriou deste meu comentário. Vagabundo. Estou mobilizando o departamento jurídico do blog para resolver isso, quem sabe, por meio de processo – se for necessário. Jornalista é tudo uma merda mesmo. Ô Raça.

Comportamento parecido tem Vanessa Lira¹⁶, autora do blog “Eu e Meu Eu”. Ela assina todos os *posts* como “euemeueu”, sem mencionar seu nome no perfil, onde identifica-se apenas como “mãe, esposa, jornalista, pseudo cronista, produtora de webtv, editora de conteúdo web, redatora, cozinheira, pintora de parede e dona de casa”, deixando em branco a opção “nome completo”. No entanto, na *home* do blog há a foto de um olhar, meio escondido, que pode ser o dela:

16 O nome foi trocado para preservar a identidade da autora do blog.



Vanessa Lira afirma que quis criar um blog onde ninguém soubesse quem ela era de fato. Isso para “poder falar livremente, sem medo de alguém se magoar”, explica no questionário. Mas diz que, apesar de não publicar o próprio nome na assinatura dos *posts*, fornece *links* para trabalhos seus que permitem a quem os acessa descobrir sua verdadeira identidade.

Já Ana Freitas, autora do blog “Olhômetro”, faz questão de identificar-se. Ela não só assina os *posts* com seu nome real, Ana, como mantém na *home* do blog um link para “A Responsável”, página em que escreve um miniperfil sobre si e publica sua foto, seguida da legenda “A autora, preparando-se para o combate (estalando os dedos)”.



Informa ainda dados pessoais, como ser estudante de jornalismo e estagiária de um grande portal de notícias, gostar de comida japonesa, de reggae, rock'n'roll, psicodelia, hardcore e ragga e ser viciada em livros, tênis, mochilas e óculos de sol. Também fornece *links* para quem quiser saber mais sobre ela ou entrar em contato.

Perguntada se revela o nome verdadeiro no blog, espanta-se: “Sim... talvez a pergunta fosse 'por que NÃO publicar?' hahahaha.” Ela explica que sua imagem virtual se funde com sua imagem profissional e serve de vitrine para seu trabalho.

O quinto e último blogueiro analisado nesta pesquisa é Marcos Freitas, cuja página pessoal é intitulada “Passageiro do Mundo”. Ele conta que ao criar o blog usava um pseudônimo, mas resolveu assinar com seu nome verdadeiro ao perceber que o blog “começou a ganhar dimensões” que a princípio ele não imaginava que poderia alcançar. “Eu passei a assinar as postagens como 'Marcos Freitas' para dar mais credibilidade ao conteúdo publicado”, menciona no questionário. Marcos Freitas também publica a própria foto na *home* do blog:



E acrescenta ao perfil dados que possam torná-lo mais próximo do leitor: além da idade (28) e da cidade onde reside (Arujá/SP), informa qual é seu filme, livros e música favoritos. Também fornece email para contato e *link* para dois outros blogs seus.

Feito um balanço a respeito do uso de pseudônimo ou da divulgação do nome

verdadeiro, é necessário fazer a correlação entre essas posturas e a exposição da intimidade que cada um se permite em seu blog.

3.3 Grau de exposição de si

A comparação entre os blogs tornou evidente que os blogueiros escondidos por trás de um pseudônimo são os que revelam mais detalhes de sua vida íntima. Observou-se que quanto maior a ligação entre o nome que assina os *posts* no blog e a identidade do autor na vida real, menor é o grau de exposição da intimidade. A censura se dá, em especial, sobre ações ocorridas na vida cotidiana (o que o autor faz em seu meio social, profissional, familiar e amoroso), sendo menor com relação a pensamentos e reflexões.

A vida sexual e atividades ilícitas, como o uso de drogas, aparecem nesta pesquisa elencadas como sendo as informações mais íntimas, ocupando o ápice do posto do que deve ser censurado. Isso foi notado por meio das respostas dadas no questionário a respeito da revelação que fazem da própria intimidade. A maior parte dos blogueiros diz revelar-se com “ressalvas”. E as ressalvas foram feitas, em especial, à exposição da vida sexual em detalhes e à menção ao uso de drogas, como será explicitado mais abaixo.

Por outro lado, expressar opinião sobre um tema é visto como pouco revelador da intimidade. É a conclusão que se pode tirar das respostas dadas na mesma pergunta do questionário a respeito da revelação da própria intimidade. Os blogueiros, tanto os que negam quanto os que afirmam realizar a exposição de si no blog, dizem que usam a página virtual para expressar suas opiniões e reflexões sobre os mais diversos temas que envolvem seu cotidiano. Ou seja, não percebem o ato de expressar uma opinião como sendo uma forma de expor a própria intimidade e costumam relegar menor grau de censura a isso.

A pesquisa também aponta que não há uma relação direta entre o uso de pseudônimo e o desejo expresso do blogueiro de revelar-se sem censuras. A Lu, do blog “É Bom Pra Quem Gosta”, blogueira com a identidade mais preservada sob o pseudônimo, por exemplo, afirma que não mantém o blog para revelar sua intimidade na página virtual. Já Vanessa, do “Eu e Meu Eu”, que apesar de não revelar o próprio nome no blog permite que ele seja descoberto por meio de *links* publicados em sua página, afirma ter o desejo de expor sua vida íntima sem censuras no blog.

Outro fato deduzido nesta pesquisa é que os blogueiros nem sempre têm consciência do grau de exposição a que se submetem, muitas vezes considerando não falar de si ainda quando

usam como apoio para suas reflexões detalhes da própria vida social e sexual, como é o caso de Lu, autora do blog “É Bom Pra Quem Gosta”, cujo conteúdo será analisado mais abaixo.

Entre os cinco blogueiros, apenas Lu, autora de “É Bom Pra Quem Gosta”, a única a manter sua identidade preservada de fato, afirmou não expor sua vida no blog por não ser a intimidade o que pauta sua página virtual. Dos demais, três disseram revelar-se com ressalvas: Lucas, do “Championship Vinyl”, que usa pseudônimo; Ana, do “Olhometro”, e Marcos, do “Passageiro do Mundo”, que identificam-se com seus nomes verdadeiros. Vanessa, do “Eu e Meu Eu”, que assina com pseudônimo, afirmou revelar-se sem ressalvas.

É preciso ressaltar que os cinco blogs foram classificados, dentro do recorte desta pesquisa, como sendo confessionais, ou seja, caracterizam-se por revelar a vida íntima de seus autores, seja por meio de seus pensamentos e reflexões ou pela descrição de suas ações cotidianas. As escalas criadas, imediatamente acima, a respeito do grau de exposição de si, referem-se à percepção dos blogueiros.

Ao se fazer o confronto entre o que responderam no questionário, na pergunta “Revela a sua intimidade no blog? Há assuntos sobre os quais não escreveria ali?”, e o que publicam em suas páginas virtuais – ou mesmo o que disseram em outros tópicos do questionário – é possível encontrar incoerências entre a percepção a respeito do grau de exposição da intimidade e a real narrativa da vida íntima.

O principal exemplo é Lu, do “É Bom Pra Quem Gosta”. Apesar de dizer que sua intimidade não pauta o blog, ela responde a pergunta “Por que pensou em escrever sobre sua própria vida ou ponto de vista (seja sua rotina, reflexões sobre o mundo ou sobre os mais diversos assuntos)?” dizendo que foi por prazer, por gostar de ler blogs alheios e por ter interesse em blogs. Também é enfática ao afirmar, quando questionada se escreve sobre o que acontece em sua vida real ou mistura ficção, que não faz ficção no blog. Por tabela, deduz-se que escreve sobre sua vida real.

A incoerência parece se dar pela interpretação que ela faz do que seja revelar a própria intimidade: “meu blog traz reflexões que eu faço, mais que episódios da minha vida particular.” Revelar os pensamentos mais íntimos é considerado neste trabalho como sendo algo enquadrado no conceito de blog confessional, o que por si só já legitimaria a inclusão do “É Bom Pra Quem Gosta” no presente estudo. Mas, apesar de afirmar que publica mais reflexões do que episódios da vida particular, não é isso que se verifica ao analisar os *posts* de sua página virtual, como o seguinte, publicado no dia 11/01/2009:

o primeiro calo que eu tive foi no dedo indicador da mão esquerda, de tocar flauta. depois tive calo na mão por tomar muito ônibus cheio, e por puxar ferro na academia, antes de usar as luvinhas; e já tive um calo interessante, na ponta do pai-de-todos, de

tanto bater siririca. hoje tenho só um calo permanente no dedo de tanto escrever. acho que minha vida sexual agora é menos agitada mas eu sou mais satisfeita.

Seu oposto é Vanessa Lira, do “Eu e Meu Eu”. Ela afirma revelar-se por inteiro no blog. “Escrevo sobre tudo: relacionamentos, maternidade, frustrações, conquistas. Qualquer pessoa que lê o blog fica com a sensação que me conhece”, conta no questionário. Para ela, seu blog é uma página pessoal e não um blog de dicas, orientações ou coisas do gênero – afirma ao explicar que no momento em que respondeu o questionário havia uma coluna semanal sobre dicas de dieta, alimentação e exercícios, mas que essa coluna só existia porque ela estava passando por esse processo.

Um trecho do *post* publicado no dia 21/01/2009 corrobora essa percepção a respeito do blog respondida no questionário. Vanessa escreve: “Bom, eu não tenho o costume de fazer posts dessa maneira... só expondo minha vida e ideias malucas mesmo, rs*!”

Um meio termo são os três outros blogueiros analisados nesta pesquisa. Todos afirmam revelar a própria intimidade, mas com ressalvas. Dentre eles, o Lucas, do “Championship Vinyl”, é o caso mais curioso. Ele responde no questionário que revela sua intimidade, mas em doses moderadas. Segundo Lucas, existem muitos assuntos sobre os quais não escreveria por serem extremamente pessoais ou por serem um tema sobre o qual não tem nada a dizer a respeito. Mas a imagem que tenta passar ao leitor do blog, através da *home* de sua página virtual, é a de alguém que não vai falar sobre sua intimidade. Isso porque a frase que abre o blog é a seguinte: “Vida? Não fale comigo sobre a vida”.

Ainda assim, o texto que segue essa frase, e que funciona como uma espécie de descrição do conteúdo do blog, deixa transparecer que a temática resvala para a vida íntima do autor, seja na revelação de suas ações, preferências ou reflexões: “O ponto de encontro entre os fãs de música, cinema e quadrinhos; vítimas de romances frustrados e praticantes de filosofia de boteco. E, é claro, de listas dos 5 melhores.”

O perfil do blog, explica Lucas, sempre foi o mesmo: “crônicas sobre o cotidiano”. Segundo Lucas, ele sempre seria coadjuvante de seus textos, o personagem principal de cada *post* seria uma determinada situação e não ele. De fato, verifica-se que cada um de seus *posts* segue esse esquema de escrita – usar algo banal que ocorreu em seu dia, como, por exemplo, um ataque de pernilongos, como mote para uma crônica do cotidiano. No entanto, Lucas afirma não fazer ficção e sempre narrar algo que aconteceu a si mesmo na vida real. Chega a afirmar em um dos *posts* de seu blog que, apesar de usar pseudônimo, fala de si: “não é segredo para ninguém que eu assino com pseudônimo; mas, como faço questão de dizer sempre, eu e Rob Gordon somos a mesma pessoa.”. Sendo assim, apesar de ter o tom de crônica do cotidiano, é

a vida do autor que está sendo exposta, o que classifica seu blog como sendo confessional. Mas o que nota-se nos *posts* analisados é que o autor elege situações pouco comprometedoras, banalidades do cotidiano e não revelações íntimas.

Ana Freitas é outra que diz revelar a própria intimidade, mas com ressalvas. Ela também considera o blog como sendo o local onde expressa sua “observação do cotidiano”. Na descrição de seu blog, que pode ser lida no *link* “Sobre o Olhómetro”, Ana afirma que o blog foi criado para “ser um observatório de coisas interessantes [...]. A idéia é falar de tudo que acontece e o que eu acho disso”. O conteúdo dos *posts*, quase sempre, é alguma reflexão sobre um tema que permeou seu dia, como, por exemplo, a inveja ou o tédio que deve ser a vida fácil de pessoas muito ricas.

No questionário, Ana afirma que seu blog é pessoal: “falo bastante de mim, embora comente também outros assuntos e me distancie um pouco quando faço isso. Mas é sempre opinião pessoal. Meu nome tá ali, tem uma foto minha.” A menção a ressalvas na exposição de si, explica Ana no questionário, existe e tem motivos. “Não falaria (e não falo) de vida sexual, por exemplo, ou de uso de drogas, por um motivo simples (e idiota): minha família toda lê meu blog. E ele tem inclusive servido de cartão de visita, já me conseguiu entrevistas e um vasto network. É questão de bom-senso.” Como mencionado no início deste tópico, as ações são mais censuradas do que as reflexões, em especial em blogs cujos autores não usam pseudônimo, como é o caso de Ana.

Marcos Freitas, autor do blog “Passageiro do Mundo”, também afirma usar o blog para desabafar sobre assuntos que cercam seu cotidiano. Segundo ele, quando criou sua página virtual, só abordava temas que se referiam a sua vida íntima, mas, com o passar do tempo, começou a escrever sobre política – uma de suas paixões – e sobre militância gay – uma de suas lutas. “Os textos mais antigos falam exclusivamente de minha vida e boa parte deles se referem à vida sentimental”, explica no questionário. De acordo com os *posts* analisados, Marcos ainda aborda muito de sua vida íntima ao narrar eventos de seu cotidiano social, familiar e amoroso.

Ele diz no questionário que o blog revela muito de si: “Creio que o blog revela muito de mim, o que eu sou, o que penso e sinto. Acredito que muitos que não me conhecem pessoalmente, mas acompanham o meu blog diariamente, me conhecem mais do que muitos que estão no meu círculo social e não sabem do meu blog.” Apesar de revelar sua intimidade, faz a ressalva de que há assuntos sobre os quais não escreveria no blog, como detalhes específicos de sua vida sexual – o ápice da exposição de si na visão dos blogueiros, como relatado no início deste tópico.

Um outro fato, além do conteúdo explícito nos *posts*, foi levado em conta para que os

blogs fossem considerados como sendo reveladores de um certo grau da intimidade de seus autores: o de serem escritos tendo por base situações reais e não inventadas. Todos os blogueiros, com exceção de Vanessa, afirmam relatar em seus *posts* somente histórias reais, nunca ficção.

Segundo Marcos, tudo o que escreve condiz que a realidade vivida. De acordo com Lu, não há ficção, “sou eu, de fato”. Já Ana afirma não inventar situações: “Não invento situações, se falo sobre vida real os relatos são sempre verossímeis.” Lucas, que diz escrever sempre sobre fatos que ocorreram em sua vida, chega a se ofender em seu blog quando um leitor põe em dúvida a veracidade de uma história contada e cria um *post*, em 07/01/2009, cujo tema é provar que sempre se baseia em sua vida real para escrever os relatos que compõem o “Championship Vinyl”. Para isso, elenca uma série de evidências que podem corroborar ser real o que havia escrito no *post* contestado pelo leitor, tais como:

Em primeiro lugar, a palavra “fake” não diz qual parte do post é mentira, então sou obrigado a pressupor que o post inteiro é mentiroso. E isso inclui a parte que diz “saio da minha casa e, assim que coloco os pés na Teodoro Sampaio”. Ou seja, podemos deduzir que eu não moro perto da Teodoro Sampaio. Logo, eu não moro em Pinheiros. [...] Agora, o interessante sobre a idéia de eu não morar em Pinheiros e ter mentido todo este tempo é que este fato simplesmente anula outros posts nos quais eu também contei a mesma mentira, como são os casos, entre outros, de ...[dá links de outros posts]

Faz mais uma extensa série de relações e ironiza para frisar ao leitor que suas histórias são verídicas:

“É só ir ligando um post ao outro que vocês vão descobrir que é tudo mentira da minha parte. Palmas para o Carochinha, que me desmascarou impiedosamente. [...] Você conseguiu provar que a única coisa verdadeira no meu blog é o meu nome: Rob Gordon – coincidentemente, o único elemento do meu blog que É ficção. Parabéns, tapado.”

Essa determinação em publicar somente o que se passa na vida real não é compartilhada apenas por um dos blogueiros analisados, Vanessa, autora do blog “Eu e Meu Eu”. Ela parece não fazer questão nem de que os leitores pensem isso a respeito do que publica. Na *home* do blog, logo abaixo do nome da página, está a frase “Mentiras e verdades necessárias da vida como ela é”, que sugere haver uma mescla de realidade e ficção no blog.

Questionada sobre o assunto, Vanessa responde que escreve sobre a vida real “com pensamentos meus na hora ou com situações hipotéticas, como gostaria que os fatos tivessem acontecido. Mas nem sempre misturo”, o que não chega a excluí-la do campo de blogs confessionais em que a intimidade é revelada.

Se não fazem ficção e falam de si, os blogueiros encaram essas páginas virtuais como sendo um diário *online*? Esse foi um outro questionamento da pesquisa.

3.4 Fazem diário *online*?

Vanessa, autora do blog “Eu e Meu Eu”, foi a única categórica em afirmar que seu blog era um diário, como aqueles escritos antigamente em papel. “O meu é exatamente igual. Acho que o diário tinha aquela emoção de ser escondido, guardado à chave e o blog, não. Está ali, qualquer pessoa no mundo pode encontrar e saber da sua vida.”, respondeu ao ser questionada se via alguma semelhança entre seu blog e aqueles antigos diários de papel e em que sentido achava que poderiam ser parecidos (blog e diário) e em que sentido achava que seriam diferentes.

O curioso é que em seu blog, diferente do que foi observado nos demais, foram encontrados *posts* escritos em tom alusivo, o que é uma das características do diário clássico, como o trecho seguinte, postado em 16/01/2009, “Ganhei mais, muito mais: ganhei o que sempre pedi! Veio diferente de como imaginava, mas veio do jeitinho que sempre sonhei...”, escreve sem mencionar do que se trata.

Já para Lu, do “É Bom Pra Quem Gosta”, blog e diário são coisas completamente diferentes. Ela, inclusive, além do blog, mantém um diário no modelo clássico. Segundo Lu, o diário é uma atividade solitária e completamente individual. Nele, ela escreve para ninguém ler, “muitas vezes nem eu mesma leio o que escrevi”, afirma no questionário, onde diz ser o diário mais catártico, extremamente pessoal e algo que nem precisa fazer sentido porque não tem o objetivo de comunicar algo. O blog, de acordo com sua resposta ao questionário da pesquisa, seria escrito para ser lido e ter a conversa aberta nos comentários, que seriam uma parte crucial de cada *post*. Diferente do diário, afirma Lu, o blog precisa ser claro porque tem interlocutores com quem o blogueiro dialoga e que ajudam a construir seu conteúdo.

Marcos, autor do blog “Passageiro do Mundo”, também não vê semelhança alguma entre seu blog e diários. Para ele, a principal diferença é que no diário “escrevemos sem pudores, pois são nossas recordações, podemos falar do nosso mais íntimo sem o medo dos olhares de terceiros”, diferente do blog, onde existiria uma preocupação a respeito de quem leria as informações e de que forma elas causariam impacto, explica Marcos no questionário.

Ana é menos radical a esse respeito. Para ela, “há semelhança, claro, mas há diferença”, frisa no questionário. Ela explica que seu blog é pautado diretamente por aquilo que ela acha que seus leitores vão gostar de ler. No diário, não haveria essa preocupação por não haver o *feedback*. O jeito como escreve, tentando fazer humor de situações pessoais, e a temática, que muitas vezes aborda assuntos da atualidade, também são apontados por Ana como diferenças

do blog em relação ao diário. “Acho que os diários não faziam essas coisas”, escreve no questionário.

Uma observação a ser feita a respeito do blog de Ana – e que não ocorre nos demais, ao menos no conjunto dos *posts* analisados durante esta pesquisa – é que ela faz questão de deixar evidente para o leitor qualquer alteração que faça no *post* depois de publicado, como pode ser exemplificado pelo seguinte trecho publicado no pé do *post* do dia 26/01/2009: “***Alterado às 11h22 do dia 27/01*** e ele editou, como previsto. [Clique aqui e veja o print](#). Na pressa, printei sem um trecho do texto, ms 95% está aí e já dá pra pegar a essência da coisa.”

De acordo com Lejeune, um dos mais reconhecidos pesquisadores de diários, uma das características essenciais dessas páginas escritas a mão é que elas não podem ser alteradas e o blog poderia. A autora, no entanto, faz questão de mostrar ao leitor quando altera um *post*.

Lucas, do “Championship Vinyl”, acompanha Ana nesta postura menos extremista. Segundo ele, há semelhança entre muitos blogs e os antigos diários de papel, o que não ocorreria no caso de seu blog. Isso porque, explica Lucas, o diário de papel era algo secreto, usado para que a pessoa desabafasse sozinha. E, em seu caso, escreve pensando não apenas em conteúdo, mas também em forma e estilo, porque sabe que alguém irá ler.

Feita a análise da relação dos autores com suas identidades virtuais, do grau de exposição da intimidade que se permitem no blog e do que revelam os conteúdos postados em suas páginas virtuais a respeito desses dois temas, pode-se passar para a segunda parte desta análise, a que avalia de forma direta o que os leva a criar e manter blogs confessionais.

3.5 Motivações para a escrita dos blogs

3.5.1 – Tornar visível a própria vida

O que pode ser um tanto óbvio pelo recorte deste trabalho – em blogs confessionais –, mas que não pode deixar de ser mencionado no grupo das motivações encontradas nesta pesquisa empírica é que todos os blogueiros analisados, sem exceção, têm o hábito de narrar a própria vida ou falar sobre si. A pauta sempre gira em torno da história pessoal do autor do blog, seja do que acontece de excepcional ou de corriqueiro em sua vida, de seus sentimentos ou de suas preferências. Todos contam aos leitores sobre experiências da vida cotidiana e sobre pensamentos soltos que permearam o dia. Ou seja, tentar tornar-se visível ao outro é atitude recorrente nos blogs analisados, o que pode ser um indício de que o desejo de ser visto talvez

seja uma das motivações que impulsionam aqueles que escrevem essas páginas virtuais.

No questionário, apenas Vanessa, autora do blog “Eu e Meu Eu”, mencionou esse desejo de se tornar visível como motivador para a escrita do blog. Segundo ela, “não importa o que digam, quem está na Internet quer ser visto sim!”. Perguntada sobre o porquê de escrever sobre a própria vida ou ponto de vista, Vanessa explicou que fica irritada com as pessoas que se escondem em seu próprio mundo para “manter certo status”. Segundo Vanessa, as pessoas a chamam de louca e dizem que ela só quer aparecer, mas uma minoria concorda que ela é “um eco dos desejos ocultos do ser humano”.

Marcos Freitas, do blog “Passageiro do Mundo”, não comentou diretamente esse ponto no questionário, mas no *post* do dia 03/01/2009 resume de forma concisa esse papel que o blog desempenharia de pôr em evidência a própria vida do autor.

Um novo ano iniciou-se e 2008 ficou no passado, foi um ano intenso e com muitos acontecimentos que ficarão para sempre em minha memória, momentos bons e ruins, pois a vida é feita de encontros e despedidas. Todos esses momentos estão expressos nesse blog, para escrevê-lo, uso a minha vida como motivação.

E a vida ordinária, habitual, aparece em numerosos *posts*, como o publicado por Ana, no “Olhometro”, no dia 28/01/2009:

no sábado, me chamaram pra jogar um laser shot com blogueiros. É uma espécie de paintball, mas sem bolas de tinta – tudo funciona com armas de laser e coletes. Queria fazer parte da equipe do [Jovem Nerd](#), mas eles me rejeitaram. Minha equipe era muito legal (chamava Nerds With Lasers), mas nossa performance na arena inóspita e sanguinária foi pífia, e perdemos. O Jovem Nerd, em primeiro lugar, ganhou um Wii. Mas eu tava feliz só por ter participado.

A blogueira, além de descrever uma atividade da qual participou, ainda publica uma foto de como “ela” estava no evento:



Lu, do “É Bom Pra Quem Gosta”, também fala de si e da própria história: “meu primeiro namorado tinha o cabelo comprido, rosa e roxo. alternava as mechas, rosa com roxo;

eu achava lindo. claro que na hora de apresentar pros meus pais foi esquisito. eu tinha 16, ele 22, ficamos juntos até eu ter 18 e precisar conhecer outros arredores.”, escreve no *post* publicado em 12/01/2009. Assim como ela, todos os blogueiros analisados usam suas páginas para mostrar a própria história, rotina e pensamentos aos outros. Como é uma atitude recorrente, pode indicar que tornar-se visível é uma das motivações para a criação e manutenção dos blogs confessionais.

3.5.2 Catarse

Usar a escrita no blog para desabafar, para expressar uma emoção que está contida ou uma situação que vem afligindo o autor da página virtual. Essa é uma motivação presente para a maioria dos blogueiros, o que pôde ser constatado em respostas dadas ao questionário e em textos publicados no blog.

Marcos Freitas, autor do blog “Passageiro do Mundo”, é bem direto no questionário: “Encaro o meu blog como uma terapia. Comecei a escrever para transpor de mim as pequenas depressões do dia a dia. É como se estivéssemos arrancando de nós aquilo que nos aflige e deixando presos no papel, nas palavras.” Ele explica que consegue expressar com a escrita o que muitas vezes não consegue no contato presencial, face a face. Segundo Marcos, “existem sentimentos que são tão fortes que só cabem na beleza da interpretação das palavras.” E afirma ainda que quando começou a escrever e publicar no blog queria apenas desabafar, sem se importar se alguém lia ou não.

Em seus *posts* também é possível notar o papel de catarse que o blog desempenha para ele. O texto publicado no dia 20/01/2009, por exemplo, tem o título “Apenas um desabafo”. E o publicado no dia 03/01/2009, que resume e dá o *link* para vários *posts* antigos considerados marcantes por ele, mostra como a expressão de sentimentos é presente e valorizada pelo blogueiro. Entre os “*posts* destaque” de 2008, Marcos elenca:

[Virada 180°](#) – Nesse post relato a angustia que senti quando fiquei solteiro, e a virada radical que teve a minha vida quando reatei com o Douglas.

[As Arvores Morrem de Pé](#) – Relato do dia que eu surtei, e acabei chorando por conta da morte de uma arvore.

Vanessa, do blog “Eu e Meu Eu”, é outra a mencionar explicitamente no questionário o papel de catarse que sua página pessoal desempenha. Segundo ela, o blog é seu “terapeuta”. Perguntada a respeito da frequência de publicação no blog, ela afirma não ter uma periodicidade definida, “escrevo conforme minhas sensações e quando é algo forte, preciso

desabafar. É dessa forma que faço meus textos.”

Em sua página virtual há numerosos exemplos de *posts*-desabafo, como o trecho seguinte, publicado no dia 16/01/2009:

Vivi ao acaso e continuo sem paciência para estratégias, mas se eu jogo, melhor aprender certas regras. Eu não quero mais pedir desculpas... estou vivendo minha vida do jeito que acredito ser melhor para mim e para as pessoas que estão ao meu lado. Se por ventura alguém não entender, azar. Eu vou lutar por mim, pela minha felicidade... não doendo a quem doer, mas se ela incomodar, o azar também não é meu.

No “Olhômetro”, blog de Ana, também é comum a existência de *posts* desse tipo. Um dos mais explícitos encontrado durante o período analisado por esta pesquisa foi o publicado no dia 15/01/2009:

As próximas linhas, de certa forma, serão um desabafo. É que todas as coisas que tenho visto e pensado, nos últimos meses – e não foi coincidência, mas sincronicidade – me levam cada vez mais à certeza que viver nesse mundo é muito prejudicial pra você, se você for alguém preocupado com o bem estar alheio.”

Para alguns blogueiros, como Vanessa e Marcos, os *posts*-desabafo caracterizam o blog, sendo muito recorrentes. Para outros, como Lu, Ana e Lucas, eles não fazem parte da essência da página, mas aparecem em um outro momento. Usar o blog para expressar emoções foi algo encontrado em todo o escopo da pesquisa.

3.5.3 Espaço para exprimir-se com liberdade

O desejo de ter um espaço onde podem expressar as próprias opiniões sem serem controlados por ninguém ou por nenhuma regra aparece, de alguma forma, em todos os blogueiros analisados por esta pesquisa. São muito freqüentes *posts* dissertativos sobre os mais variados temas: valores éticos, cultura, política, relacionamento etc. A presença de *posts* dissertativos, por si só, não constituiria um argumento para elencar o desejo de exprimir-se com liberdade como sendo uma das motivações encontradas. Tais *posts* configuram apenas exemplos que materializam respostas dadas pelos blogueiros no questionário de que criaram o blog para ter um espaço onde poderiam escrever de forma livre e opinar sobre os mais diversos assuntos, como será analisado mais abaixo.

Um dado curioso é que esse desejo é expresso de forma mais explícita e com maior veemência pelos três blogueiros que são jornalistas: Lucas, Vanessa e Ana – Lu é pesquisadora e Marcos, administrador de empresas.

Ana foi direta ao responder no questionário como havia surgido a idéia de criar

um blog: “queria ser convidada para cobrir shows tendo o blog como veículo. E queria ter liberdade de texto.” E, ao responder se o que a movia a querer escrever e publicar na Internet quando criou o blog era o mesmo que a levava a continuar escrevendo atualmente, Ana afirmou que ainda era movida pela liberdade de escrever o que quisesse e sobre o que quisesse.

Em sua página, o blog “Olhômetro”, grande parte dos *posts* são opiniões da autora sobre determinado assunto, como o texto publicado no dia 06/01/2009, resumido em trechos a seguir:

“Viver, em si, não é um negócio fácil.[...] Quando penso em ‘vida fácil’, a primeira pessoa que me vem à cabeça é a Paris Hilton, que deve ser uma pessoa absolutamente entediada. [...] não há nada que a impeça de ter tudo o que ela quiser e fazer tudo o que lhe convir agora. E isso deve ser muito legal no começo, mas depois é algo que provavelmente me entediaria. É por isso que essas pessoas normalmente são pegas fazendo coisas absurdas”

Vanessa, outra jornalista, a autora da página “Eu e Meu Eu”, também é enfática ao responder o que a levou a querer escrever e publicar em seu blog. Ela afirma no questionário que começou por sugestão de um amigo, mas quando começou a trabalhar com jornalismo, o blog tornou-se uma maneira de divulgar seus textos e seus pensamentos “sem obedecer às regras do trabalho”.

O terceiro jornalista do grupo, Lucas, autor do blog “Championship Vinyl”, afirmou no questionário que adoraria poder viver do próprio blog, mas desde que mantivesse total controle sobre o conteúdo. “Disso eu não abro mão. Por isso, por enquanto, gosto dele assim, livre. Ou, em outras palavras, totalmente meu.”, explicou no questionário ao comentar se seu blog era encarado como um passatempo ou uma atividade mais séria.

Apesar de a ênfase no desejo de ter liberdade para expressar opiniões ou editar o texto ter sido dada pelos blogueiros jornalistas, essa motivação também foi encontrada nos outros dois blogueiros analisados.

Marcos, do “Passageiro do Mundo”, por exemplo, afirma no questionário que usa o blog para falar de si, mas também sobre política e sobre a causa gay, dois assuntos que despertam seu interesse. Muitos de seus *posts* abordam esses temas em tom opinativo, como o trecho a seguir, publicado no dia 20/01/2009:

As eleições americanas lembraram muito as brasileiras que elegeram o Lula como “salvador da pátria”; mas para a surpresa da nação, ele fez apenas a manutenção do governo. Não podemos negar que Lula atuou de forma mais afirmativa na questão dos projetos assistenciais, porém, as principais características do governo FHC foram mantidas, pois não havia necessidade de mudança, era a maneira correta de fazer política. [em *post* sobre a posse de Barack Obama]

Lu, do “É Bom Pra Quem Gosta”, também usa o blog para expressar suas opiniões sobre os mais variados temas, indo da estética à moral. No dia 12/01/2009, por exemplo, ela publica a foto de uma mulher seminua, com a tatuagem de um aracnídeo com

cabeça de caveira e escreve: “acho o máximo mulher com tatuagem unissex.”. Já no dia 22/01/2009, aborda o machismo, como mostra o trecho a seguir:

pra mim, é a forma de machismo que mais aparece: aquela que se exemplifica na maneira pela qual se usa a expressão *dar* falando de quando uma mulher come alguém. o verbo em si não diz nada; mas a idéia que alguns têm, que ele veicula, é que a mulher quando transa oferece, cede, oferta, e não ganha nada no sexo pelo sexo. segundo essa lógica, então, a mulher transa buscando algo que está para além do sexo em si: quer agradar o outro, porque quer casar, ganhar alguma coisa, ter companhia, ser aceita, ou simplesmente fazer um favor. tudo menos transar. pois nem todas as mulheres são machistas, e algumas trepam simplesmente porque querem trepar. [grifo da blogueira]

Expressar uma opinião de forma livre é parte do que impulsiona, em maior ou menor grau, todos os blogueiros analisados nesta pesquisa. A conclusão vem de declarações diretas feitas por eles e do teor opinativo de *posts* analisados.

3.5.4 Desejo de ser lido

Todos os blogueiros, sem exceção, expressaram a importância que a leitura dos textos por quem acessa a página virtual tem. Os comentários deixados pelos leitores – e a conseqüente constatação de que os textos foram lidos – são apontados como fator motivador da manutenção do blog. Reconhecimento, retorno dos leitores, busca de público, ter acesso ao que os outros acham sobre os textos e mesmo o desejo explícito de ser lido foram motivações relatadas nos questionários e nos próprios textos publicados nos blogs.

Lucas, do blog “Championship Vinyl”, explicou no questionário, quando perguntado sobre o que o levava a querer escrever e publicar na Internet, que seu blog começou como um lugar onde ele podia postar o que escrevia. Mas, aos poucos, percebeu que era fácil ser lido quando o texto está na Internet. “E todo mundo que escreve gosta de ser lido.”, afirmou Lucas. E o prazer de ser lido é demonstrado por ele, novamente, em outra parte do questionário – quando é perguntado por que pensou em escrever sobre a própria vida: “Nada é mais recompensador do que as pessoas comentarem sobre algo que aconteceu com você, dizendo que gargalharam ao ler o texto.”

Lucas chega, inclusive, a recomendar a seus leitores, como fonte de prazer, a experiência de escrever e publicar os textos para que outros leiam. Isso ocorre em um *post* publicado no dia 12/01/2009: “Se tiver vergonha do que escreve, não divulgue. Logo você perde essa timidez e estará louco para ter mais e mais gente lendo o que você escreve.”

No mesmo *post*, em dois trechos, ele demonstra como a leitura de seus textos e os comentários positivos são importantes para que continue a escrever: “O apoio de vocês é extremamente importante, não para ganhar prêmios, mas sim para eu continuar escrevendo.

Quer dizer, eu continuaria de qualquer jeito, mas, com vocês elogiando, escrevo com mais tesão [...]” e continua, “eu recebo elogios que jamais imaginaria receber desde quando criei este blog, o que me faz gostar cada vez mais dele, e cada vez mais de escrever para vocês, que estão aí desse lado da tela.”

Marcos, do “Passageiro do Mundo”, é outro blogueiro que se diz motivado pela leitura de seus textos e pelos comentários deixados em sua página. No questionário, perguntado sobre a frequência com que escrevia no blog, ele disse que só começou a escrever quase que diariamente quando percebeu que muitos leitores acessavam sua página todos os dias e cobravam mais textos. Ao ser questionado sobre o que o levava a querer escrever e publicar na Internet, Marcos respondeu ser o “reconhecimento” que tinha por parte dos leitores. “Além dos comentários que recebo no blog, também recebo inúmeros emails me parabenizando pelo trabalho, meu blog já foi recomendado pela Folha Online, esse também foi um grande fator motivador para a manutenção do trabalho.”, afirmou Marcos.

Lu, do “É Bom Pra Quem Gosta”, frisou no questionário que já cogitou parar de escrever em seu blog por preguiça, mas desistiu da idéia por causa dos comentários e das pessoas que o freqüentam. Perguntada sobre o que a levava a querer escrever e publicar na Internet, ela respondeu que era a discussão promovida a partir do blog, que “afia as reflexões” que faz, e o *feedback* de seus *posts*. Na parte do questionário em que compara seu blog aos antigos diários, Lu afirma que o blog ela escreve “pra ser lida”.

O desejo de ser lida apareceu também como responsável pela criação de dois dos blogs. Vanessa, autora do “Eu e Meu Eu”, contou no questionário que criou sua página por incentivo de um amigo que lia seus textos, sempre escritos em cadernos. Como moravam em cidades diferentes, ela montou o blog para que ele pudesse ler os textos dela com mais frequência mesmo estando longe.

A outra blogueira que teve o desejo de ser lida como motivação para criar sua página foi Ana, autora do “Olhómetro”. Ao responder sobre o que a levou a querer escrever e publicar na Internet, ela respondeu que viu a possibilidade de atingir um público gigantesco. E afirmou atualmente ainda ser motivada pelo “prazer de poder ler o que as pessoas acham do que escrevi e conversar com elas a respeito.”

O desejo de ser lido e de receber comentários a respeito de seus textos, portanto, foi uma motivação recorrente entre os blogueiros e apareceu de diversas formas nesta pesquisa. No entanto, é preciso ressaltar que esse desejo de ser lido e de receber comentários a respeito dos textos publicados parece estar ligado a um outro, o de aprovação e admiração. Essa observação vem da reação que tiveram dois dos blogueiros analisados nesta pesquisa diante de

comentários negativos feitos sobre seus *posts*.

Ana, do “Olhometro”, contou no questionário já ter pensado em encerrar seu blog. Segundo ela, isso ocorreu quando teve um *post* “linkado” na *home* do site Yahoo! e foi xingada por centenas de pessoas de uma só vez. “Não sabia lidar com aquilo, fiquei abalada e até cogitei. Mas você se acostuma.”, explicou no questionário. De acordo com Ana, não chegou a dar fim ao seu blog porque teria mais “retornos positivos do que negativos” e o blog daria “mais prazer do que problemas.”

Lucas, do “Championship Vinyl”, foi outro a se deparar com um comentário negativo e reagir a ele. Um leitor anônimo criticou um de seus *posts* duvidando da veracidade da história que Rob Gordon, pseudônimo do autor do blog, havia contado – caso que já foi mencionado neste trabalho. No *post* do dia 07/01/2009, depois de rebater com uma série de argumentos a dúvida que o leitor anônimo levantou a respeito da veracidade das histórias em seu blog, Lucas escreveu para o leitor anônimo: “Divirta-se. E, depois, gostaria muito de não ter mais notícias suas.”

Esse desejo, o de ser admirado, por só se sentir estimulado por comentários positivos deixados no blog, no entanto, precisaria ser mais bem estudado. A presente pesquisa não avaliou os comentários de leitores postados nos blogs, a observação foi feita levando-se em conta apenas informações colhidas no questionário e nos textos publicados. Portanto, não é possível avaliar de forma plena se quando afirmam ser estimulados pelos comentários dos leitores referem-se apenas aos elogiosos ou se englobam críticas negativas.

3.5.5 Usar o blog como suporte livre para a escrita

Um dos tópicos do questionário abordava exatamente esta possível motivação: usar o blog como suporte livre para a escrita, uma alternativa aos meios oficiais de publicação, que são de acesso mais restrito (como, por exemplo, as editoras). Três dos blogueiros mostraram usar seu espaço, em parte, com esse propósito.

Lucas, do “Championship Vinyl”, afirmou no questionário que seu blog foi criado para servir como um lugar onde ele pudesse postar o que escrevia. “Eu sempre gostei de escrever e, pouco antes de criar o blog, participei do site de alguns conhecidos com crônicas. Mas o site acabou não indo para a frente, e resolvi criar o blog, para ter simplesmente onde postar o que eu escrevia.”, explicou no questionário.

Perguntado diretamente se os blogs podem ser vistos como “novas editoras”, Lucas respondeu que talvez possam ser vistos como editoras independentes. Ele comentou que

essa acessibilidade seria excelente, mas também poderia ter seu lado ruim. “Ela é boa, pois qualquer um pode publicar algo; mas ela é ruim pelo mesmo motivo. Assim, como acontece em qualquer boom, acaba ficando muito difícil separar o joio do trigo, pois a facilidade de publicação faz com que muita coisa sem qualidade circule por aí.”, explicou no questionário.

Apesar de ver o blog como um espaço acessível para publicação, parece não dar a esse suporte o mesmo valor conferido às publicações tradicionais, impressas. A conclusão vem de uma resposta de Lucas dada sobre considerar o blog um passatempo ou algo sério. Ele afirma que seu blog começou como passatempo, mas tornou-se algo sério quando começou a receber comentários de leitores dizendo que ele deveria escrever um livro. “Como sou jornalista e trabalho escrevendo, óbvio que a idéia é apetitosa para mim.”, disse no questionário. Pelas entrelinhas, pode-se deduzir que ele considera que terá maior reconhecimento como escritor caso tenha seus textos publicados em papel, no formato tradicional de livro.

Outra blogueira que tem o desejo de escrever um livro e remedeia sua vontade usando o blog como suporte para seus escritos é Vanessa, autora do blog “Eu e Meu Eu”. Em um *post* publicado no dia 21/01/2009 ela aborda esse tema de forma direta:

Quando comecei o blog, por insistência de um grande amigo, não tinha pretensão de coisa alguma. Apenas desabafar, expor minhas teorias sobre bizarrices humanas e aproveitar para sanar a frustração de nunca ter escrito um livro. Ou de não ter a genialidade da Fernanda Young. Ou do Nelson Rodrigues.

Já Ana, do “Olhômetro”, afirma no questionário – ao ser perguntada se os blogs poderiam ser vistos como novas editoras e se o dela era encarado assim por ela – serem os blogs muito mais do que editoras: “Editora? Um blog é um zine que tem alcance muito maior, custo muito menor. É uma revolução absurda. Eu vejo assim. E sim, o meu é visto assim por mim.” Ana ainda conta, no questionário, que sempre gostou de escrever e que, antes de ter acesso à Internet, escrevia em um caderninho. Como praticamente cresceu usando a rede, criar um blog teria sido “natural”, o meio mais “simples e legal” que encontrou para dar continuidade ao seu hábito, explicou no questionário.

Do exposto, deduz-se que os blogs analisados são vistos por seus autores como um novo suporte, de mais fácil acesso, para a publicação de seus textos. Apesar disso, o que é publicado ali não parece ser tão valorizado quanto o que é publicado no formato de livro tradicional.

3.5.6 Entretenimento

Duas blogueiras responderam que tinham uma motivação bem simples para manterem suas páginas virtuais: pura diversão ou prazer. Segundo, Lu, do “É Bom Pra Quem

Gosta”, ela não sabia exatamente, quando começou a escrever o blog, “onde aquilo iria dar”, ela só sabia que “gostava de blogs”. Perguntada por que pensou em escrever sobre a própria vida, Lu respondeu que foi “por prazer”, além de gostar de ler blogs alheios e de ter interesse em blogs.

Ana, do “Olhômetro”, disse no questionário que seu blog lhe dá “mais prazer do que problemas” e escreveu, no *post* publicado no dia 11/01/2009, seu objetivo final no “Olhômetro”: “me divertir escrevendo sobre o que gosto.”

Uma das respostas para a pergunta “por que pessoas escrevem blogs confessionais?” pode ser esta, bem prosaica: porque elas gostam e se divertem fazendo isso.

3.5.7 Motor para a vida “real”

O blog pode ter o papel de ser um motivador da própria vida fora do mundo virtual. Uma das perguntas do questionário era se alguma vez o blogueiro já havia feito algo porque achou que seria interessante publicar no blog depois. Três deles responderam que sim.

Lucas, do “Championship Vinyl”, foi enfático: “Sem dúvida alguma”. Ele contou no questionário que já chegou a desviar seu caminho na rua para ver de perto uma briga, uma discussão ou qualquer outro fato inusitado, pensando que isso poderia render material para o blog. Com essa resposta, Lucas daria a entender que vive certas situações somente para depois poder escrever sobre elas e postar no blog. Mas, no *post* do dia 12/01/2009, faz uma advertência a um leitor também blogueiro que, de certa forma, contradiz essa conclusão: “não se esqueça que seu blog faz parte da sua vida, e não o contrário.”

Ana, do “Olhômetro”, afirma no questionário que eventualmente tirou fotos de coisas ou foi a eventos só pra ver se rendiam *post*. Já Marcos, autor do “Passageiro do Mundo”, parece mobilizar ainda mais sua rotina em torno do blog. Ele disse no questionário que, hoje em dia, lê livros só para comentá-los no blog e vai ao teatro e ao cinema – e chega a ser receber cortesia de convites para tais eventos – para posteriormente escrever sobre o que viu no blog.

3.5.8 Construção do “eu”

O uso da escrita no blog para entender-se melhor, organizar o fluxo de pensamento ou mesmo projetar-se na página escrita para materializar o próprio “eu” foi algo mencionado por três blogueiros de forma direta, ao serem perguntados, no questionário, se o que escreviam no blog interferia de alguma forma na vida deles – como, por exemplo, se paravam para pensar

sobre determinado assunto na hora em que estavam escrevendo ou se entendiam melhor a si mesmo porque escreviam.

Ana, autora do blog “Eu e Meu Eu”, foi concisa: “Sim, o tempo todo”, deu como resposta à pergunta do questionário mencionada acima. Lucas, do “Championship Vinyl”, desenvolveu mais o assunto. Segundo o blogueiro, dos dois exemplos dados na pergunta, ele experimenta ambos. “Às vezes, penso muito sobre um assunto antes de postar. Em outras, só consigo entender melhor como eu vejo aquele tema quando escrevo no blog – já cheguei a perceber que eu havia mudado de opinião sobre determinado assunto no meio do texto.”, explicou no questionário.

Vanessa, autora do “Eu e Meu Eu”, também respondeu afirmativamente. “Eu me entendo melhor quando escrevo, mas já parti de um pensamento para escrevê-lo. Aí com os comentários eu reavalio minhas opiniões.”, explicou no questionário. Em um de seus *posts*, o publicado no dia 29/01/2009, ela escreve sobre 10 metas para o próximo ano de vida (depois de seu aniversário). Entre as metas, estão ser uma profissional melhor, voltar a morar com a filha, cuidar da saúde, investir mais em cultura, aperfeiçoar o inglês, fazer cursos de aperfeiçoamento em jornalismo, renovar documentos, parar de comprar tudo o que vê, viajar e amar muito e ser correspondida. Um indício de que usa o blog para organizar em palavras o “eu” que deseja ser.

3.5.9 Auxiliar a memória

A motivação de usar o blog como um auxílio para a memória da própria história apareceu nesta análise, apesar de ter sido mencionada por apenas uma das blogueiras: Ana, autora do blog “Olhômetro”. Ela escreve no *post* do dia 04/01/2009:

Na minha idade (e eu espero que para sempre), a gente muda muito o tempo todo. Pensa de um jeito hoje, amanhã já pensa de outro. E é tão rápido que algumas coisas são imperceptíveis. O blog é um jeito de manter um registro cronológico de como eu sou para comparar com as mudanças no futuro

Ou seja, ela se sente incapacitada de dar conta do fluxo incessante de mudanças e de informações novas a respeito de si mesma e usa o blog como auxílio de sua memória.

3.5.10 Servir como impulso profissional

O blog pode ser criado deliberadamente para impulsionar a carreira ou, mesmo não sendo criado com essa meta, vir a ser usado neste sentido. O “Olhômetro”, mantido por

Ana, é um exemplo do primeiro caso. Ana contou no questionário que seu blog teve como objetivo, no início, além de diverti-la, “servir como vitrine” para seu trabalho. Segundo ela explica no questionário, sua página tem lhe servido como “cartão de visita” e já lhe rendeu entrevistas e uma vasta rede de *network*.

Ana encara o “Olhômetro” como “portifólio” de sua carreira.

O blog é provavelmente meu projeto mais sólido. É a única coisa na minha vida que nesse momento posso dizer que é permanente e está tendo algum resultado de sucesso. Trabalho num jornal grande, mas me formo no fim do ano e sou estagiária, posso ir pra rua. O blog não me dá dinheiro (não o suficiente pra trabalhar só nele), mas me dá oportunidades. E tem funcionado. Então sim, é algo mais sério.

Lucas, do “Championship Vinyl”, está mais para o segundo caso, o daqueles que não criam o blog como plataforma profissional, mas não descartam esse uso. Ele afirma não ter planos de ganhar dinheiro com o blog, mas comenta no questionário: “Mas, se alguém quiser me oferecer algo... Quem sabe? Nunca diga 'desta água não beberei', mesmo porque adoraria poder viver do blog.”

3.5.11 Servir como plataforma para a defesa de uma causa

Outra motivação que não pode ser generalizada, mas que move alguns blogueiros, é usar o blog como plataforma para defender alguma causa. Essa postura foi constatada na análise do blog “Passageiro do Mundo”, mantido por Marcos. No questionário, Marcos já dá pistas deste objetivo ao dizer que sempre escreveu sobre si, mas que também passou a abordar temas políticos e de militância gay.

Muitos de seus *posts* debatem o preconceito com relação aos homossexuais, promovem livros e eventos que defendem a causa gay ou apontam programas relacionados a esse tema. Um exemplo é o *post* publicado no dia 06/01/2009, em que comenta a exibição, pela Rede Globo, do filme “O Segredo de *Brokeback Mountain*”, que narra o romance entre dois homens: “Devemos ficar muito felizes com a exibição do filme, pois tenho certeza que ele contribuiu muito para a minimização do preconceito que existe no Brasil, pois, é uma história de amor que teria um final feliz se não existisse a homofobia.”

Exemplo que se repete em muitos outros *posts* de Marcos em seu blog, como o intitulado “Ex-gay, existe?”, publicado no dia 06/01/2009, em que conta sua história pessoal das tentativas da mãe de fazê-lo deixar de ser gay e levanta um debate sobre a possibilidade ou não de isso ser uma escolha possível:

Minha mãe já tentou me convencer por diversas vezes que ex-gay existe [...]. Toda essas história começou quando ela descobriu a minha homossexualidade e foi pedir ajudar para uma amiga missionária, a intenção delas era me libertar. Cheguei a morar

na casa da missionária, isolado de tudo, no meio do mato, na cidade de São Roque, interior de São Paulo.

Ao longo do *post*, ele dá numerosos exemplos de tentativas frustradas de se converter uma pessoa homossexual, levando a seus leitores um tema caro a sua causa.

Marcos é um exemplo de blogueiro que usa sua página virtual para, tendo como ponto de partida sua vida pessoal, militar em defesa de uma causa.

3.5.12 Sociabilidade

Uma motivação para a escrita de blogs confessionais que, de acordo com a presente análise, parece não impulsionar a criação dessas páginas virtuais, mas ganhar importância com o tempo e se tornar essencial na manutenção dos blogs é a sociabilidade. Nenhum dos blogueiros respondeu no questionário, quando perguntado sobre o que os levou a criar suas páginas virtuais, que a conversa com os leitores, com outros blogueiros ou a inserção em uma comunidade na rede os teria motivado a construir suas páginas pessoais. Mas esses elementos, de acordo com as respostas dadas em outras perguntas do questionário, sempre surgiram de forma inesperada, como reflexo da criação dos blogs, e tornaram-se estímulos essenciais para a escrita.

Perguntados se o blog, de alguma forma, seria importante para a vida social deles (na manutenção de velhos amigos, na criação de novos amigos ou na comunicação com outras pessoas), todos os blogueiros responderam que sim. Lucas afirmou ser “bastante” importante neste sentido. “Hoje em dia tenho amigos que conheci pelo blog”, comentou o autor do “Championship Vinyl”. Lu, do “É Bom Pra Quem Gosta”, também disse ter feito amigos por meio do blog: “há uma série de pessoas que conheci através do blog e com quem tenho contato mais intenso por conta do blog, são amigos muito queridos com quem adoro conversar. Ler e escrever blogs pra mim é uma atividade também social, embora não só.”

Ana, do “Olhômetro”, foi outra que conheceu pessoas por meio de seu blog. “Conheci muita gente por causa dele, pessoas que se tornaram grandes amigos, pessoas com quem me relacionei, enfim, todo tipo.”, afirmou no questionário. Já Vanessa, do “Eu e Meu Eu”, disse ter conhecido muitas pessoas, entre elas outros blogueiros, “mas nada na vida real, tudo por blog, e-mail ou MSN.”, explicou no questionário.

De acordo com o que já foi discutido mais acima, no tópico sobre o desejo de ser lido, os comentários de leitores aparecem como grandes motivadores para que os autores continuem a escrever em seus blogs. Além disso, todos os blogueiros abarcados nesta análise

inserir referências diretas ao leitor em seus textos, como se pode ver no *post* “Quero te presentear e preciso da sua ajuda”, do dia 08/01/2009, publicado no blog “Olhômetro”: “Tô afim de fazer uma promoção pra reverter parte da grana dos posts patrocinados em recompensa pros leitores. É porque eu gosto muito de vocês e sinto que deveria recompensá-los por aguentar minha rabugice, meus ocasionais deslizos de qualidade e todo o resto.”

São numerosos os exemplos de referência ao leitor. Outra frase, também de Ana, publicada no dia 22/01/2009 no “Olhômetro”, mostra esse comportamento, mas em outro tom: “O título é bizarro, mas confie em mim e continue.” Há, inclusive, mensagens cifradas, destinadas a leitores específicos, o que demonstra que o blog também é usado como espaço de conversação para grupos fechados, como o seguinte comentário publicado por Vanessa, no “Eu e Meu Eu”, no dia 2/01/2009: “Ps: Grande Amigo, se ainda não disse... esse mérito é tão seu quanto meu!” [sobre a indicação do blog para o concurso Best Blog Brazil].

Mensagens cifradas e destinadas a um grupo seletivo que ficam ainda mais evidentes no *post* do dia 27/01/2009, em que Vanessa escreve o seguinte texto (aqui reproduzido em partes):

Quantas vezes, naquela fatídico ano, suas palavras me salvaram. Quantas lágrimas derramei, esperando suas cartas, imaginando que só você fosse entender toda a agonia que vinha na minha alma. [...] Sempre você, me salvando de mim mesma, me resgatando das más companhias, cuspidos verdades na minha cara, me puxando pela mão quando todo mundo já havia desistido. [...] Não há nenhuma novidade em nada disso: eu, você e nosso seletivo grupo social, todos nós sabemos disso.

Além de escreverem *posts* em tom de conversa com o leitor e deixarem evidente, em alguns textos, que as mensagens são destinadas a leitores específicos, os blogueiros tentam promover a sociabilidade, o contato entre eles e seus leitores – muitos também autores de outros blogs, como demonstra o *post* do dia 15/01/2009, publicado no “Championship Vinyl”. Lucas escreve: “Após insistentes pedidos e milhões de cartas recebidas, resolvi aderir ao [Twitter](#), como alguns leitores mais atentos já perceberam. Vamos ver se pego gosto pela coisa.”, abrindo mais uma forma de contato e de conversação.

Ainda Lucas, do “Championship Vinyl”, promove em sua página, no mesmo dia 15/01/2009, o blog de outra pessoa:

Sra. Gordon de [blog](#) novo. Eu sei que o antigo blog durou apenas alguns posts, mas ela teve que trocar o endereço por motivos pessoais (e altamente plausíveis). Este parece que será definitivo. Para quem não sabe, a Sra. Gordon é uma espécie de Rob Gordon de saias (e, obviamente, muito mais bonita que eu): ou seja, se vocês gostam do que lêem aqui, irão adorar o que ela escreve por lá.

E vai mais longe: escreve em seu blog como se fizesse parte de uma comunidade em que os leitores frequentassem os mesmos blogs e estivessem informados sobre o que os

membros daquela comunidade escrevem em suas páginas. É o que deixa transparecer um trecho do *post* do dia 22/01/2009: “Como os leitores do [blog da Sra. Gordon](#) já devem ter percebido, meu brinquedo novo é um Wii Fit.”

Outro elemento a sugerir o hábito de promover a integração entre um grupo de blogueiros e de leitores (que também podem ser blogueiros) é a existência, em todos os blogs analisados, de *links* para uma lista de blogs recomendados. No entanto, o presente estudo não analisou os comentários postados nos blogs e nem os blogs visitados pelos autores das páginas em análise neste estudo, portanto, não tem como afirmar que os blogueiros recomendados na *home* visitam o blog que os recomenda ou se os autores dos blogs em análise costumam comentar nos blogs que recomendam.

Apesar disso, pode-se constatar, em todas as páginas analisadas, que a sociabilidade é algo que se torna importante para o blogueiro e o estimula a manter seu blog.

Feitas essas considerações, pode-se apontar como motivações encontradas nesta análise empírica feita com blogueiros e suas respectivas páginas virtuais o desejo de tornar visível a própria vida, o uso do blog para expressar as emoções de forma catártica, para exprimir-se com liberdade, o uso do blog como meio de dar vazão ao desejo de ser lido, como suporte livre para a escrita, ser uma forma de entretenimento, funcionar como um motor para a vida real, ajudar na construção do “eu” de cada blogueiro, auxiliar a memória, servir como impulso profissional, como plataforma para a defesa de uma causa e mesmo como gerador de contatos sociais.

CONCLUSÃO

Blogar por quê? Por que blogar? A resposta à pergunta inicial desta pesquisa, na visão mais ampla e geral possível, é que escrever sobre si tem se mostrado uma necessidade humana, com exemplos de práticas existentes desde a Antigüidade – pode-se mencionar os *hypomnêmata*, descritos por Foucault, os *livres de raison*, e todas as modalidades de escritas autobiográficas desenvolvidas pela humanidade até aqui, como autobiografias, cartas, memórias, diários etc.

Escrever sobre si em blogs confessionais não é, portanto, uma prática inovadora, sem precedentes, um corte na história. Os blogs confessionais constituem o meio mais adequado a nossa realidade social, cultural e tecnológica para expressar essa necessidade que acompanha o homem. São a continuidade de uma prática, só que em outro suporte. Até por isso guardam traços do diarismo e foram comparados a esse, mas poderiam também ser comparados a outras formas de auto-relatos.

Cada modalidade de escrita auto-referente está inserida em um contexto histórico, floresce e se dissemina em uma certa época, e as motivações que impulsionam suas práticas em parte são atemporais e em parte intimamente ligadas a valores que governam esses tempos.

Com os blogs confessionais não é diferente: há motivações que impulsionam sua criação e manutenção que são relativas a necessidades humanas atemporais e motivações que são específicas dos sujeitos que exercem essa prática na contemporaneidade.

O que observou-se nesta pesquisa é que não há uma motivação única para a criação e manutenção dessas páginas virtuais onde o sujeito escreve sobre si, nem mesmo uma motivação específica que seja hegemônica sobre as demais. O que há é uma mescla de motivações que impulsionam, simultaneamente, essa prática. Em cada caso particular, no entanto, uma motivação pode se destacar e ocupar o posto principal.

De acordo com os resultados da análise empírica realizada na presente pesquisa, as motivações podem ser divididas em três grupos: as universais, que apareceram em todos os blogs analisados; as recorrentes, que apareceram em mais de um blog, mas que não foram comuns a todos; e as particulares, motivações específicas de apenas um blogueiro. Há ainda três motivações que não apareceram na análise empírica, mas que foram apontadas por pesquisadores de blogs. Duas delas partem do princípio de que os blogs confessionais são um reflexo de valores que governam o nosso tempo – como o presenteísmo e a exacerbação da privacidade – podendo, portanto, não terem sido mencionadas ou relatadas nos *posts* por não

constituírem um desejo concreto, explícito, e sim um comportamento imerso em um clima de época. A terceira, a busca por fama, foi negada por todos os blogueiros deste estudo, mas será discutida ainda mais adiante nesta conclusão.

No grupo das motivações universais, ou seja, que apareceram em todos os blogs analisados, estão a catarse, o desejo de dar visibilidade à própria vida, o uso do blog como espaço de livre expressão e o desejo de ter os seus textos lidos pelo outro, o que muitas vezes vem acompanhado do desejo de ser tornar escritor. Sendo assim – sempre tendo em mente o alcance limitado desta pesquisa, já que é ínfimo o número de blogs analisados diante da imensa quantidade de blogueiros existentes – cada blog criado teria como força impulsionadora um certo grau de cada uma dessas motivações mencionadas acima.

As motivações referidas acima são sempre presentes, mas não únicas. Há ainda outras motivações recorrentes entre aqueles que criam e mantêm blogs confessionais. Nesse grupo estariam, como já mencionado acima, o desejo de se tornar um escritor – que apareceu algumas vezes associado ao desejo de ser lido, aqui classificado como universal –, uma forma de construção do “eu”, um motivador da própria vida fora do mundo virtual e o blog como fonte de entretenimento.

Em terceiro, estaria o grupo das motivações particulares, específicas de apenas um dos blogueiros. Neste estudo, elas seriam o uso do blog para impulsionar a vida profissional, para defender uma causa ou para auxiliar a memória que se tem de si. Como essas, que apareceram na presente pesquisa, é possível que haja numerosas outras motivações pontuais que levem alguém a escrever sobre si em um blog. Diante da diversidade humana, as motivações particulares podem ser inesgotáveis.

Há ainda uma motivação que pareceu ser muito cara aos pesquisadores do tema pelo número de pessoas a abordá-la e pela quantidade de estudos dedicados ao tema: a sociabilidade. Mas, de acordo com os resultados obtidos na presente pesquisa, a sociabilidade não é algo pretendido pelos blogueiros – pelo menos por aqueles que escrevem blogs confessionais – quando criam suas páginas na Internet. Ela surge com o tempo, em decorrência da criação dos blogs, e então passa a ocupar um forte papel motivador para a manutenção desses, apesar de não aparecer como impulsionadora do início da prática.

Resta o desejo de alcançar a fama, levantado por pesquisadores do tema. Nesta pesquisa, foi feita uma pergunta diretamente relacionada a essa possível motivação: “De alguma forma você se tornou mais conhecido por ter um blog? Caso sim, isto foi uma surpresa ou já era esperado? Criou o blog, entre outros motivos, para se tornar mais conhecido?”. Todos os blogueiros, sem exceção, negaram veementemente terem criado suas páginas motivados pelo

desejo de se tornarem famosos. As respostas seguiram sempre o mesmo padrão: não haviam criado o blog para se tornarem mais conhecidos, mas isso acabou acontecendo e não é algo que os desagrada. No entanto, como declarar-se em busca da fama é uma atitude vista como negativa por nossa sociedade, não se pode confiar na total sinceridade das respostas.

Duas possibilidades de explicação são dadas para essa unanimidade de respostas negativas com relação ao uso do blog para buscar a fama. Como mencionado acima, buscar a fama é algo que comporta certa carga pejorativa. Sendo assim, ainda que tivessem tal motivação, os blogueiros não a revelariam. Tal hipótese foi levantada porque, além de a busca pela fama ser uma motivação apontada por pesquisadores que estudam blogs, os blogueiros analisados nesta pesquisa fizeram relatos no questionário que podem ser interpretados como indícios de um desejo de ganharem destaque e se tornarem conhecidos. Ana, autora do “Olhômetro”, por exemplo, afirmou no questionário que o que a leva a escrever e publicar na Internet é “a possibilidade de atingir um público gigantesco”. E, na pergunta específica sobre o desejo de ficar famosa, ela afirma não ter esse objetivo, mas demonstra ter pensado nisso logo na frase seguinte: “Não criei o blog pra me tornar mais conhecida, em nenhum momento passou pela minha cabeça. Nem achei que fosse possível.”

Já Lucas, do “Championship Vinyl”, que também afirma não ter criado seu blog para buscar a fama, reconhece, em um trecho do *post* publicado no dia 12/01/2009, que esse é o alvo de muitos blogueiros: “Quando será que as pessoas vão parar de criar blogs simplesmente para se tornarem a próxima celebridade da Internet?”.

A primeira hipótese seria então que o desejo de alcançar a fama permearia a escrita de blogs confessionais, de forma universal ou recorrente, não se pode afirmar, mas seria mascarado pela carga pejorativa que possui socialmente.

A segunda hipótese é que o desejo de alcançar a fama entraria no grupo das motivações particulares, específicas de um blogueiro. O fato de não ter aparecido neste estudo não invalidaria sua existência, já que as motivações particulares são, como explicado mais acima, múltiplas e imprevisíveis.

Para corroborar a possível existência do desejo de alcançar a fama como motivação pontual, menciona-se o blog, não pertencente ao grupo de análise desta pesquisa, “Lucas Celebridade – O clamor luzilandense”¹⁷, criado por Lucas Brito, de 25 anos. Em matéria intitulada “Blogueiro fica famoso com vídeos bizarros e fotos ‘sensuais’”¹⁸, publicada no jornal

¹⁷ <http://lucasfamapop.blogspot.com>. Acesso em: janeiro de 2010

¹⁸ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u587821.shtml>. Acesso em 03/08/2009.

Folha de S.Paulo e reproduzida no site do periódico em 29/06/2009, o autor do blog se diz em uma cruzada rumo à fama: “O meu objetivo é acontecer”. Cruzada que, com a ajuda de seu blog, parece estar sendo bem sucedida. Segundo ele, a Internet o está ajudando a conquistar a “fama instantânea” e tudo o que tem de fazer é mostrar o que realmente é: “Não faço tipo, não tenho duas caras”, diz na entrevista. Perguntado por que deseja se tornar uma celebridade, Lucas responde que “é uma coisa instintiva” e afirma que desde pequeno sempre quis “ser uma pessoa conhecida”.

Finalmente, conclui-se nesta pesquisa que todas as motivações encontradas em estudos feitos por pesquisadores de blogs encontraram respaldo na análise empírica, apesar das ressalvas feitas a algumas delas. Além disso, a investigação realizada diretamente com os próprios blogueiros, por meio do questionário e dos *posts* publicados em suas páginas, revelou outras motivações, como a busca de um espaço para exprimir-se com liberdade, usar o blog como um motor para a vida fora do mundo virtual, funcionar como puro lazer ou entretenimento e, duas das motivações particulares, usar o blog para impulsionar a carreira e para defender uma causa.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- BARCELLOS, Sérgio da Silva. *Escritas do eu, refúgio do outro: identidade e alteridade na escrita diarística*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOGAERT, C; LEJEUNE, P. *Le Journal Intime: Histoire et Anthologie*. Paris: Textuel, 2006.
- BRAUNSTEIN, Philippe. Abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV. In: *História da vida privada*, v. 2: da Europa feudal à Renascença. DUBY, G. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 13., 2004, São Bernardo do Campo. CD-ROM COMPÓS 2004.
- BRUNO, Fernanda; PEDRO, Rosa. Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-16, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4080/4454>>. Acesso em: outubro de 2009.
- CORBIN, Alain. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: *História da vida privada*, v. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. PERROT, M. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- COSTA, Bruno C. S. Videografias de si: registros do novo ethos da contemporaneidade. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 12., 2008, São Paulo. CD-ROM COMPÓS 2008.
- DI LUCCIO, Flávia.; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. M. Escritores de blogs: interagindo com os leitores ou apenas ouvindo ecos? *Psicologia e Ciência*, Brasília, v. 27, n. 4, dez. 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: dezembro de 2009.

DUBY, Georges. A emergência do indivíduo: a solidão nos séculos XI-XIII. In: *História da vida privada*, v. 2: da Europa feudal à Renascença. DUBY, G. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Aletéia; VIEIRA, Josiany. A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: Do diário virtual aos *posts* comerciais. *E-Compós* (Brasília), v. 10, p. 1-14, 2007.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: *História da vida privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. CHARTIER, R. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e Escritos*, v. 5: ética, sexualidade, política. MOTTA, M. B. (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*: edição integral. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GONÇALVES, Márcio Souza; HELAL, Ronaldo. Do Grande aos Pequenos Irmãos: relação entre mídia e controle social. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 25., 2002, São Paulo. CD-ROM INTERCOM 2002.

GOULEMOT, J. M. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: *História da vida privada*, v. 3: da Renascença ao Século das Luzes. CHARTIER, R. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. O campo não-hermenêutico. *Cadernos da Pós*, Rio de Janeiro, UERJ/IL, n. 5, 1995.

KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, v. 1, p. 110-119.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMONS, André. A Arte da Vida: Diários Pessoais e Webcams na Internet. In *Cultura da Rede*. Revista Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/arte%20da%20vida.htm>>. Acesso em:

novembro de 2009.

LOBO, Luiza. *Segredos Públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MALINI, Fábio. Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001). *Revista Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 21-22, jan./maio 2008. Disponível em: <http://fabiomalini.files.wordpress.com/2008/05/modeloinovcom_sudeste-fabio-malini-com-referencias.pdf>. Acesso em: novembro de 2009.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: *História da vida privada*, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. PERROT, M. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

PRANGE, Ana Paula Lobão. *Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

PRIMO, Alex. “Existem celebridades da e na blogosfera? Reputação e renome em blogs”. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 18., 2009, Belo Horizonte. CD-ROM COMPÓS 2009, 2009a.

_____. A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 32., 2009, Curitiba. Anais. Curitiba : Intercom, 2009b. p. 1-15.

_____. Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 31., 2008, Natal. Anais. Natal : Intercom, 2008. p. 1-15.

_____. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. *Revista da Famecos*, Porto Alegre, n. 36, p. 122-128, 2008b.

_____. Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: Relacionamentos no

blog Martelada. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4, p. 137-158, 2007.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. *E-Compós (Brasília)*, v. 6, p. 01, 2006.

RECUERO, Raquel. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no *orkut* e nos *weblogs*. 2005. Disponível em:

<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/recuero Compos.pdf>. Acesso em: dezembro de 2009.

_____. Webrings : As redes de sociabilidade e os weblogs. *Sessões do Imaginário*, Famecos/PUCRS, ed. 11, 2004.

Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/webringseredes.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2009.

_____. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. *Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa*, ed. 31, ago. 2003. Disponível em

<<http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2009.

ROCHA, Paula Jung. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. *Famecos*, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003.

RONCIÈRE, Charles de La. A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença. In: *História da vida privada*, v. 2: da Europa feudal à Renascença. DUBY, G. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROUCHE, Michel. Sagrado e Segredos. In: *História da vida privada*, v. 1: do Império Romano ao ano mil. VEYNE, P. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. O show da vida íntima na Internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams. In: CAIAFA, Janice; EIHAJJI, Mohammed (orgs.). *Comunicação e Sociabilidade: cenários contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 181-199.

_____. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. *Em Questão*, Porto Alegre, v.11, n. 1, p. 35-51, jan./jun., 2005.

_____. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>>. Acesso em: julho de 2008.

SLADE, Francisco. *Para notar a ausência de um desconhecido: Blogs e a validação do discurso do autor*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

VIDAL, Elisa; AZEVEDO, Patricia; ARANHA, Glaucio. Das telas para o papel: blogs como fonte para a literatura de massa. *Revista Interin*, Curitiba/UTP, v. 5, p. 1-9, 2008. Disponível em: <http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/05/artigos/artigo_dossie_elisa.pdf>. Acesso em: novembro de 2009.

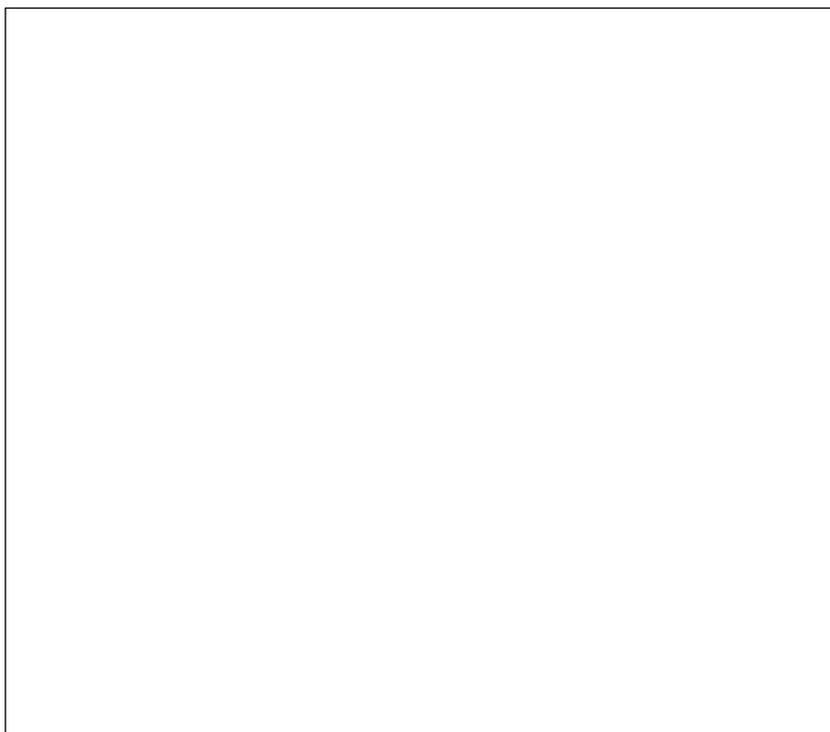
WILDE, O. *As obras-primas de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

Blogs participantes da pesquisa:

1. Championship Vinyl <<http://champ-vinyl.blogspot.com>>
2. Olhómetro <<http://olhometro.com/>>
3. Passageiro do Mundo <<http://passageirodomundo.blogspot.com/>>
4. É Bom Pra Quem Gosta <<http://ebompraquemgosta.wordpress.com/>>
5. Eu e meu Eu <<http://euemeueu.wordpress.com>>

ANEXO A - Páginas iniciais dos blogs analisados

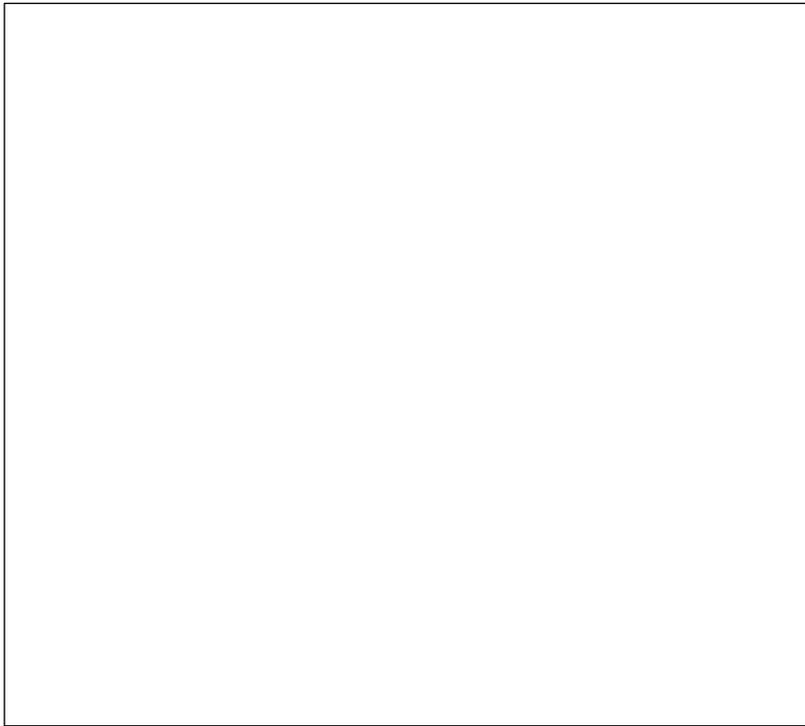
1. Championship Vinyl <<http://champ-vinyl.blogspot.com>>



2. Olhometro <<http://olhometro.com/>>



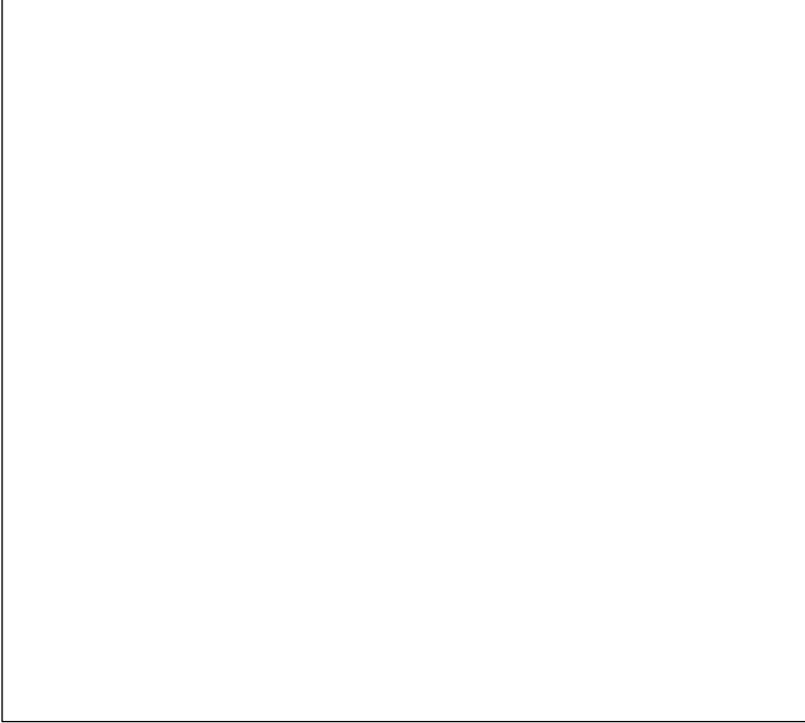
3. Passageiro do Mundo <<http://passageirodomundo.blogspot.com/>>



4. É Bom Pra Quem Gosta <<http://ebompraquemgosta.wordpress.com/>>



5. Eu e meu Eu -<<http://euemeueu.wordpress.com>>



Roteiro das entrevistas

Identificação:

- 1- Nome (opcional):
- 2- Idade:
- 3- Sexo:
- 4- Cidade onde mora:
- 5- Profissão:
- 6- Você publica seu nome verdadeiro no blog? Por quê?

Histórico e perfil do blog:

- 1- Desde quando o blog existe?
- 2- Com que frequência escreve no blog? Sempre foi esta a frequência de postagem ou aumentou/diminuiu nos últimos tempos? Caso sim, por quê?
- 3- Já pensou em parar de escrever para o blog? Por quê?
- 4- Caso já tenha tido vontade de parar de escrever para o blog, o que o levou a não fazer isso?
- 5- O perfil dos textos postados no blog sempre foi o atual ou o blog já foi diferente (por exemplo: já foi um blog de dicas de cinema ou de notícias curiosas encontradas na *Web* etc)?
- 6- Tem outro blog além deste? Foi criado antes ou depois? Por quê?

Entrevista:

- 1- Como surgiu a idéia de criar um blog?
- 2- O que te levava a querer escrever e publicar na Internet?
- 3- Revela a sua intimidade no blog? Há assuntos sobre os quais não escreveria ali?
- 4- Por que pensou em escrever sobre sua própria vida ou ponto de vista (seja sua rotina, reflexões sobre o mundo ou sobre os mais diversos assuntos)?
- 5- Escreve sobre o que acontece em sua vida real ou mistura ficção (inventa situações)?
- 6- Como você se enxerga sendo lido no blog: os leitores se deparam com você de verdade ou com um personagem? (quem lê o blog sabe quem você é ou cria na mente uma outra pessoa?)
- 7- Como acha que os leitores o vêem: pensam que os *posts* são seu retrato fiel ou que os textos postados reproduzem um personagem inventado?

8- Vê alguma semelhança entre seu blog e aqueles antigos diários de papel? Em que sentido acha que podem ser parecidos (blog e diário) e em que sentido acha que são diferentes?

9- O que te levava a querer escrever e publicar na Internet quando começou a pensar em criar o blog é o mesmo que te leva a continuar escrevendo hoje em dia?

10- O que escreve no blog interfere de alguma forma na sua vida? (por exemplo, pára para pensar sobre determinados assuntos na hora em que está escrevendo ou se entende melhor porque escreve)

11- Alguma vez na vida já fez algo (falou algo, foi a algum lugar, tomou uma decisão) porque achou que seria interessante publicar no blog depois?

12- Os blogs podem ser vistos como sendo as novas “editoras” (ou seja, um meio simples e acessível a todos de publicação)? O seu é visto assim por você?

13- No ranking de importância na sua vida, o blog aparece apenas como um passatempo ou como algo que pode vir a ser (ou já é) mais sério? Por quê?

14- O blog, de alguma forma, é importante para sua vida social (para manter velhos amigos, criar novos amigos, comunicar-se com outras pessoas)?

15- Ter um blog ajuda a materializar (tornar mais claro e palpável para os outros) quem você é?

16- De alguma forma você se tornou mais conhecido por ter um blog? Caso sim, isto foi uma surpresa ou já era esperado? Criou o blog, entre outros motivos, para se tornar mais conhecido?